

ESTUDOS

Lingüísticos e Literários

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS

REITOR

José Rogério da Costa Vargens

VICE-REITOR

Eliane Azevedo

DIRETOR

Suzana Helena Longo Sampaio

COORDENADORA DO MESTRADO

Serafina Pondé

COM APOIO DO PROGRAMA MCT/CNPq/FINEP

EDITOR

Celina Scheinowitz (UFBA)

CO-EDITOR

Evelina Hoisel (UFBA)

CONSELHO EDITORIAL

Antônia Herrera (UFBA)
Heloísa Prata e Prazeres (UFBA)
Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)
Regina Zilberman (PUC/RS)
Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBA)
Sumaia Sahade Araújo (UFBA)

ASSESSORAMENTO EDITORIAL

Ana Maria Oliveira (UFBA)
Celeste Aída Galeão (UFBA)
Lúcia Mattos e Santos (UFBA)

Publicação do Curso de
Mestrado em Letras da Universidade
Federal da Bahia
Campus de Ondina - Biblioteca Central/
Ondina
40210 Salvador-Bahia-Brasil

APRESENTAÇÃO

Desde o seu primeiro número, lançado em maio de 1984, a Revista *Estudos; Lingüísticos e Literários* vem se voltando para a sua finalidade de entrosar os diversos segmentos da nossa Instituição e da Comunidade, levando ao público a sua produção. Com este número, a Revista atinge uma outra meta, então anunciada, ao comprometer-se com a realidade regional acolhendo para divulgação a coletânea de textos orais/populares de Salvador, resultante da primeira pesquisa de campo nessa área sistematicamente planejada sob a orientação da Profa. Dra. Idelette Muzart F. dos Santos.

Abre a Revista capítulo de especial importância dentro da obra teórica sobre a poesia oral *Introduction à la poésie orale*, que pôde integrar-se a este número graças à colaboração da Profa. Jerusa Pires Ferreira — ex-membro do corpo docente do Instituto de Letras — que o traduziu.

A coletânea está apresentada pela orientadora da pesquisa. As professoras responsáveis pela sua preparação Doralice Xavier Alcoforado e Maria del Rosário Suárez de Albán expõem os critérios editoriais adotados para a transcrição e edição do conjunto que atesta a presença do Romancero em Salvador.

A nossa palavra de confiança, então, à Revista *Estudos* que, vencendo todas as dificuldades que lhe têm surgido no caminho, chega, vitoriosa, a seu sétimo número, com a divulgação desta coletânea.

MESTRADO EM LETRAS

ESTUDOS; Lingüísticos e Literários,
nº 7, out. 1988. Salvador, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 1988, 146p.
22cm.

1. Letras - Periódicos I. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras.

CDU 8(05)

ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS



SUMÁRIO

TEXTOS INTRODUTÓRIOS.....	5
Introdução à Poesia Oral	
Paul Zumthor - tradução de Jerusa Pires Fer reira.....	7 208373
Presença do Romanceliro em Salvador	
Idelette Muzart Fonseca dos Santos.....	17 208419
Notas sobre a edição e chaves de transcrição	
Doralice Fernandes Xavier Alcoforado e Maria del Rosário Suárez Albán.....	25 209167
DEDICATÓRIA.....	45
O ROMANCEIRO BAIANO.....	47
I ROMANCES TRADICIONAIS	
SEÇÃO A - A MULHER NA ESTRUTURA FAMILIAR.....	49
1 Conde Alberto (01)	
2 Donzela Guerreira (02-04)	
3 Dona Branca (05-08)	
4 Flor do Dia (09-10)	
5 La Condessa (11-13)	
6 Alfredo e Margarida (14)	
7 Bernardo Francês (15)	
8 Frei João (16)	
9 Silvana (17)	
10 A Filha do Rei da Espanha (18)	
11 Moça da Varanda (19-33)	
12 Marido Infeliz (34-35)	
13 Emília (36)	
14 Iracema (37)	
SEÇÃO B - CONQUISTA AMOROSA.....	82
15 O Cego (38-41)	
16 Juliana e Dom Jorge (42-48)	
17 Dona Grinália (49-50)	
18 Reginaldo (51-52)	
SEÇÃO C - RELIGIOSOS.....	96
19 Santa Iria (53-56)	
20 Barca Nova (57-59)	

SEÇÃO D - ASSUNTOS VÁRIOS.....	102
21 Antonino e o Pavão do Mestre (60-62)	
22 A Formiguinha e a Neve (63)	
23 O Padre (64)	
SEÇÃO E - TEMAS NACIONAIS.....	106
24 José do Vale (65-69)	
25 Tapuia (70-77)	
26 Tapuia do Cacaual (78-79)	
27 O Alazão (80)	
28 José e Maria (81)	
29 Pai Mateus (82-83)	
II NARRATIVAS CANTADAS EM PROCESSO DE TRADICIONA LIZAÇÃO.....	125
1 Menina onde tu moras (84)	
2 Romance no Baile (85-87)	
3 O Passarinho (88)	
4 Mestre Pintor (89-91)	
O ROMANCEIRO GALEGO.....	131
I ROMANCES TRADICIONAIS.....	133
1 Quintado + Aparição (92)	
2 Silvana (93-94)	
3 A volta do Navegante (95)	
4 A Mala Sogra (96)	
5 Gerinaldo (97-98)	
6 Febre Amarela (99)	
II ROMANCES DE CEGO.....	144
1 El Bárbaro asesinato (100)	
III OUTROS.....	146
1 O Soldado (101)	

T E X T O S
I N T R O D U T Ó R I O S

INTRODUÇÃO À POESIA ORAL¹

Paul Zumthor

Estã-se sempre no fim do mundo. Durante os sete ou oito anos de minha peregrinação na Oralia², quantas vezes não tive o sentimento de tocar num termo, para alem do qual alguma coisa de insubstituível se teria para sempre perdido?

Na voz do velho Mathieu Mestokosko, índio montanhês de Mingan, que aos 85 anos ainda inventava contos sobre contos, ressoava, parecia ser o último eco de um período histórico. Com Mathieu iria calar-se cedo uma sabedoria, um imenso saber, a fidelidade da vida³.

Que etnólogo não experimentou esta tristeza, vez por outra? Em busca de vozes vivas foi preciso atravessar muitos campos em ruínas. A destruição de velhas culturas veneráveis desnuda a humanidade inteira, despossuída de seu trabalho milenar, de sua memória, de seus mortos; expulsa do aconchego de comunidades em tomada real embora incerta sobre o mundo... enquanto que a nossa é certa mas cada vez mais irreal. Nada portanto se completa.

Em todo o terceiro mundo, os povos de hoje começam a despertar desse choque e se agarram aos destroços de uma identidade explodida. O que será senão isto, nos seus próprios excessos, o atual despertar do Islam? E entre nós (europeus) os movimentos regionalistas, ainda apesar de suas ingenuidades e aberrações, atestam que o unitarismo jacobino não teria tido a última palavra⁴.

Jã se entrevê a "terceira vaga" de Alvin Toffler, pronta a desenrolar-se para um mundo descentralizado, feito dos concertos de nossas diferenças. Gostaríamos de

crer mas os avisos que se apregoam e o ecologismo que a pre figura se prendem a este milenarismo recorrente, estudado em tempos passados por P.Worsley; epidemia repentina, surgindo do irrepreensivelmente nas sociedades em crise, no momento em que o medo coletivo estã para se transformar em desespero; apelo imprecatório, conjuração de totalidades impossíveis. Por volta de 1660, jã sob o cetro inspirado de Kimpa Vita, a dona Beatriz dos portugueses, no Reino do Congo, pouco antes do primeiro contacto com os brancos.

Entre os Kosa da África Austral, em torno da profecia Nonqause, instigadora do grande massacre de gado de 1856, entre os Sioux de 1870 e 1890, sobre a dança fantasma que conduziu o massacre de Wounded Knee. Entre os papuas da Nova Guiné, no meio de suas aldeias saqueadas, esperando o navio Salvador. Agora, entre nós... E a voz desta aventu ra?

A voz é o instrumento da profecia, no sentido em que ela a faz. A voz soa ou se cala ao coração — ao co ro — do drama. Depois do século XVII, a Europa se espalhou sobre o mundo como um câncer; subrepticamente, a princípio, mas hã muito ela galopa, destrói hoje, demente de formas de vida, animais, plantas, paisagens, línguas. A cada dia que passa, muitas línguas do mundo desaparecem; renegadas, sufoca das, mortas com seu último velho, vozes virgens de escritu ra, pura memória sem defesa, janelas outrora abertas so bre o real. Um dos sintomas do mal foi sem dúvida, desde a origem, o que nós chamamos de literatura e a literatura to mou consciência, prosperou e se tornou aquilo que ela é, uma das mais vastas dimensões do homem recusando a voz. Mas, para ter perdido sua posição preponderante, a voz não pode ser banida do concerto dos poderes vitais, que determinam o destino das civilizações. No pior dos casos, ela se dissimu

lou sob o pretexto da eloquência. Ela continua a emitir si nais.

Os velhos de Samoa cantam as narrativas dos ca tivos afogados ao largo, de aldeias queimadas pelo fogo do céu. Não são mitos ou talvez se tornaram mitos. Mas os jo vens de hoje, despertados desta servidão, aĩ nutrem sua cô lera, última chance.

Não se trata de deplorar o que de bom ou malgrado se tornou nossa história nem aquilo que fez a grandeza de nossa literatura, antes de decifrar as mensagens confu sas que elas nos dirigem. Cinco mil culturas aniquiladas, maravilhosa floração de humanidade, hoje fanada, profanada, erradicadas de nossos mapas, não podem mais nos importar co mo tal mas o testemunho de que elas inscreveram nesta prô pria história, em proveito de valores, que preferimos ocul tar. Não se trata de fazer uma escolha no compacto da duração temporal, nem de reconstituir, mesmo a título de patrimônio, modos de vida e de pensamento tradicional, calorosos mas sufocantes. Trata-se de afastar um falso universalismo que estã enfermo — de renunciar (jã que é uma questão de poesia) a privilegiar a escritura. É neste sentido que é ur gente ultrapassar o etnocentrismo, que inspira, com as ingenuidades nacionais, uma concepção caduca de evolução. Depois de 20 ou 30 anos, é verdade, nos chegou com a primeira des colonização, um gosto novo do outro, a curiosidade do diver so. A etnologia o aproveitou, e tanto melhor para ela mas nem o gosto ou a curiosidade são a causa. O único que conta é este apelo a isto que nos colocará na impossibilidade de permanecer in-diferentes.

Depois de jã alguns séculos, estã-se em vias de construir, em torno de nós, a prisão cultural unitária, on de possamos repousar: nossa tecnologia, nossa ciência, nos

sa arte, nossos problemas. A única esperança a longo termo, é que se está para. Nunca a prisão está, de fato concluída. Cabe-nos agarrar esta chance para **sabotar**, mesmo que seja um pouco da empresa, jogar areia na fechadura que está sendo montada, um respiradouro no cano de cimento em vias de secar: que ao menos por lá nos chegue do exterior o som de uma voz! Neste respiradouro as juventudes da Europa se plantaram duas vezes ao curso deste século: ao correr dos anos 20 e depois por volta dos anos 50-60. Enquanto que eles acolhiam ruidosamente a primeira vaga, depois a segunda do novo canto afro-americano, se adelgacava o sistema simbólico do qual até aqui tem vivido o ocidental. Nossa ciência mesmo, interrogava suspicazmente sobre suas certezas: a ordem não se dissociava da desordem, o conhecimento exigia uma outra lógica, onde o terceiro fosse incluído⁵. Mas a sociedade de reinante, marginalizando os grupos juvenis, os primeiros fãs do jazz, depois os roqueiros com correntes de bicicleta, se marginalizava ela mesmo, a respeito daquilo que confusamente eles experimentavam: todo o resto — provisoriamente recalçado — do saber mas que talvez voltasse. **Nesse reduto de energias se situa para nós a voz poética**: seu lugar de enraizamento e em que ele retoma vida. Certamente em 1982, no declínio mundial de indústria do disco, na véspera ainda incerta da generalização de outros mediatos, a megalomania dos produtores, a uniformização dos produtos, dá, de repente a impressão de um segundo fracasso. Esta forma de oralidade, por sua vez se ensombrece no subdesenvolvimento cultural. Nossa sociedade desencantada, empedrada em suas medidas estreitas, seus parâmetros mais ou menos diversificados, nos encurrala a uma única saída: tentar uma vez mais, sem saber excessivamente o que será a carta-prêmio, responder, em termos que se não pudesse traduzir em língua morta, as

questões que coloca ao corpo a linguagem, à linguagem o corpo, pela reanimação dessas vozes aviltadas.

Aqui e lá no mundo, as tentativas ainda dispersas se multiplicam, talvez a grande e infeliz África, transformada em mendiga por nosso imperialismo político-industrial, se encontra mais do que os outros continentes, perto do alvo porque menos gravemente tocada pela escritura, mais quente ainda pelo fogo primeiro, de que se forja o instrumento novo.

Ora, para nós mesmos, diante da história e a despeito da aceleração moderna das durações, a era da escrita não teria representado senão talvez um incisivo mas breve intermédio.

McLuhan notava que, depois da difusão da Imprensa, o Ocidental parece habitado pela saudade de um mundo do toque e do ouvido, o mesmo que lhe faria perder a pura visualidade abstrata da escritura. Desde o fim do século XVIII, na França, na Inglaterra, na Alemanha, insinuava-se entre os letrados o sentimento de que há livros em excesso. Muitas coisas mudaram. Durante os últimos cem anos a evolução de nossas ciências como a da poesia se orientou para a redescoberta de uma interioridade, para uma escuta das vozes primordiais, às quais o pensamento europeu parecia ter se tornado surdo. Portanto, curvados sob as rajadas de mensagens que nos assaltam, por nossa vez, nos ressentimos até a náusea numa lassitude do escrito: lassitude sacudida de sobressaltos de esperança ou de terror diante da nova invasão do ordenador, compelindo a extremo uma abstração que o usuário, no estado presente das coisas, não somente não controla como é forçado a mitificar, para aí não perecer. Tudo se passa como se, episódio de um conflito milenar, participássemos hoje de uma volta à força da oralidade: provocada

pela inflação do impresso, depois do fim do século passado, ao ponto em que a virada da história moderna parece menos ter sido assim do que se supõe no geral, a invenção da Im prensa do que a sua massificação. Na América do Norte, como na Europa inteira os professores constatam o desfeto dos jovens para com o livro, sua incapacidade crescente de dominar a língua escrita. Bom ou mau? E quaisquer que sejam as motivações próprias é um índice. J.Sherzan me contava que os índios Cuma do Panamá, operários na capital e devidamente alfabetizados, desejosos de manter o contacto com sua aldeia, escreviam antigamente cartas; hoje enviam cassettes e, ao gravarem encontram alguma coisa da arte dos antigos contadores de estórias.

Na sobreprodução do escrito, a função deste perde toda a evidência, enquanto que a voz encontra a sua, de maneira selvagem, na busca aleatória de sua plenitude biológica. Depois de uma dezena de anos, um dos pontos de convergência das ciências humanas, cada vez mais apercebido como tal, não é outro senão esta função da voz. Centros de pesquisa, questionários, trabalhos de equipe, teses, coleções eruditas, números especiais de revistas se multiplicam sobre os cinco continentes. Historiadores, sociólogos e os próprios letrados ã incitação da Antropologia. Não tive conhecimento de depois de 1975 ter havido um único congresso internacional, que não comportasse ao menos, uma secção sobre o problema da oralidade. Não se contam mais os colóquios, seminários, mesas redondas que a ela se consagram especialmente; e já se saiu do gueto universitário, como testemunha um debate sobre as literaturas orais no Salão do Livro em maio de 1981 e em março de 1982, as conferências sobre "O trabalho do tempo", no Centro Georges Pompidou.

A escritura permanece e estagna, a voz multipli

ca. Uma se pertence e conserva; a outra se expande e destrói. A primeira convence e a segunda apela. A escritura capitaliza aquilo que a voz dissipa; ela eleva muitos contra o movimento da outra. No seu espaço fechado, ela comprime o tempo, lamina-o, força-o a se estender em direção ao passado e ao futuro: do paraíso perdido e da utopia. Imersa no espaço ilimitado, a voz não é senão presente, estampilha, sem marca do reconhecimento crono-lógico: violência pura. Pela voz, permanecemos da raça antiga e poderosa dos Nômades. Alguma coisa em mim recusa a cidade, a casa, a segurança da ordem, a exigência escura e irracional, que ocultamos sabiamente mas num despertar de vinganças⁶. É isso que começamos a saber: e não pode ser por acaso, se este reconhecimento novo seguiu os anos ou foi "posto em questão" (como se gostava de dizer) o "sujeito" operador potencial e imutável, centro invariante de todas as nossas séries, feixe de pulsões, sobretudo de línguas esquecidas, de silêncios, de proposições confusas, entre aquilo que exercita a memória, administradora deste território, produtora de um eu, do qual ela folcloriza aquilo que a sua indústria não aceita.

Depois de Artaud, é nesta atomização que um teatro de vanguarda partiu para a descoberta da irredutível unicidade do corpo e do seu gesto. Mas a busca levou mais longe ainda. Para além da dramaturgia e das narratividades, nos umbrais de um pós-modernismo (cujo prefixo significa negação mais do que consecução), naquilo que tomou-se o hábito de nomear, de modo geral como **performance**. Aparecida nos Estados Unidos nos anos 60, na confluência dos **happenings** de Kaprow, das pesquisas musicais e coreográficas, como aquelas de Cage, teatrais como as de Foreman, de questionamento de atores como Kantor, a **performance** começa apenas a suscitar atenção crítica⁷. Falta que se lhe procura os anteceden

tes, que se invente uma estória inocente e ela extrai os elementos de lembranças ligados às manipulações plásticas, ainda mais do que às da língua, em particular a obra de Marcel Duchamp. Ato, mas menos ação do que fluxo vital "alegoria da ilisibilidade" segundo a expressão de C.Owens, anterior à emergência de um assunto teatral e do simbolismo, que permite a repetição, a demultiplicação, a retórica: a **performance** recusa a mimesis e escolhe, de chofre, o partido de uma arte, privada para nós, da antiga ilusão representativa. Um ser humano tem lugar aqui, diante de mim sobre a cena ou na tela, onde se projeta o vídeo-disco: lugar atravessado pela corrente que nenhum sentido imobiliza, trajetória sem personagem, corporalmente desenhado, em detrimento de um assunto que ela desmitifica. No espaço inteiramente investido, transformado em instrumento sensorial, e que é a **performance**, um corpo parcelar se decompõe em fragmentos de objetos libidinais dos quais se enriquece infinitamente sua simples presença instável, totalmente objetivada.

Nas **performances** de Meredith Monk surgiu uma voz. A voz não faz mais, não pode fazer mais do que pronomar as coisas e nós sabemos hoje, melhor do que antes — **é isto a operação poética por excelência**. Um prenome não significa nada senão uma presença: origem (saída da boca — se nos reportarmos ao latim) fora das afiliações e das genealogias. O prenome tende a virar a deriva que, nas águas da língua, empurra os nomes para o sentido, o concreto para a abstração escolhida. No prenome se eleva um apelo a esta terra poluída, saqueada mas ainda viva e patética, sob as garatujas de nossas barbáries. Uma luz se acesa em uma parte: uma lanterninha mas que me abrasa. Eis-me na primeira manhã imemorial, e este grito saído de mim, bem pobre coisa, é a longa estória dos seres. Desde então tudo foi dito. Traduzo

aqui as metáforas, o que foi confessado ao curso dos últimos anos, por muitos de nossos cantores. A canção é um grito poético anterior às frases e que banalizaria a época em que elas caem. Assim que a África Negra de hoje faz seus sapatos com nossos velhos pneus, recupera segundo seu gênio e revivifica os destroços de nossas técnicas, de nossa literatura, de nossas músicas. Assim é tempo para nós de colar ao sopro de nossas vozes, na energia de nossos corpos, a imensa incoerente herança de alguns séculos de escritura.

Sobre a grande praça da aldeia global de McLuhan, restabelecer entre o olho e o ouvido um equilíbrio tal, que a voz cedo estivesse em estado de furar em torno de nós a opacidade daquilo que se toma pelo real, com tanto poder e eficácia, que se fez nossa pintura depois de um século. Não é de se partir de um zero que, por definição não existe mas é de tematizar nas tradições da poesia vocal reconhecidas e inventariadas, aprisionadas, revividas segundo as exigências cotidianas que são as nossas, a nós instalados pelo tempo de uma vida, sobre o nosso pedaço deste século efêmero.

NOTAS

- 1 Tradução de Zumthor, Paul. *Introduction à la poésie orale*. Paris, Seuil, 1983. 263p. (Col.Poétique). O trecho traduzido corresponde à Conclusão (p.281-7). A tradutora, a Profa. Jerusa Pires Ferreira, da Universidade de São Paulo, adotou "o critério de virgular mais livremente" e assumiu "a responsabilidade pelos grifos". Paul Zumthor é medievalista suíço, titular de Literatura Comparada da Universidade de Montréal. Autor de imprescindíveis estudos como *Essai de poétique médiévale* (Seuil, 1972), *Langue, texte, énigme* (Seuil, 1975), *Le masque et la lumière* (Seuil, 1978) e *Parler du Moyen Age* (Minuit, 1980), entre outros.
- 2 Por *Orália* entenda-se o mundo da Cultura Oral, a aventura da Oralidade, o que representa um universo próprio (N. T.).

- 3 Cf. Bouchard, S. *Chroniques de chasse d'un montagnais du Mingan*. Quebec, Ministère des Affaires Culturelles, 1977. p.9-10.
- 4 Cf. Lafont, R. *La révolution régionaliste*. Paris, Gallimard, 1967. p.210-50.
- 5 Cf. Lyotard, J.F. *La condition post-moderne*. Paris, Minit, 1979. p.11-3.
- 6 Cf. Duvignaut, J. Esquisse pour le nomade. *Cause commune II*. Paris, Bourgois (10/18):13-40, 1975.
- 7 Cf. Pontbriand, C. *Performance, textes, documents*. Montréal, Parachute, 1981. - Durand, R. Une nouvelle théâtralité: la performance. *Revue française d'Études Américaines*. 10, 1980. - Féral, J. Performance and theatricality. *Modern Drama*, 25:170-81, 1982.

PRESENÇA DO ROMANCEIRO EM SALVADOR

IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS
Universidade Federal da Paraíba

Lamentavelmente a poesia tradicional ainda não foi descoberta, entre nós, pela crítica literária; [...] e o material coletado nestes cem anos de pesquisa oferece um campo vasto de estudo, que, incompreensivelmente, ainda não foi incluído no currículo de nossas Faculdades de Letras.¹

Este diagnóstico de Bráulio do Nascimento, grande especialista brasileiro de literatura oral, sobre o estudo do romanceiro no Brasil, data de mais de uma década, porém o desafio permanece.

Entretanto algumas universidades, principalmente através dos seus programas de Pós-Graduação em Letras, procuraram nos últimos anos implantar cursos e/ou pesquisas sobre o romanceiro tradicional. O Projeto Romanceiro Paraibano da Universidade Federal da Paraíba, que se iniciou em 1982, está atualmente em fase de preparação da edição de um *Cancioneiro* e de um volumoso *Romanceiro Paraibano*, e pesquisas individuais de mestrados, visando à elaboração de dissertação, analisam as condições de transmissão e recriação destes textos na Paraíba e em outros estados nordestinos².

Ao ser convidada pelo Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia para lecionar a disciplina **Literatura Popular**, propus uma ementa centrada sobre o romanceiro, incluindo uma parte teórica de fundamentação e conceituação da oralidade — a partir dos estudos de Ruth Finnegan e Paul Zumthor — um estudo do romanceiro, incluindo a

leitura e análise das principais coletas publicadas no Brasil e uma reflexão sobre a metodologia da pesquisa em oralidade³.

A hipótese de base da pesquisa de campo era verificar a presença do romanceiro tradicional ibérico em Salvador. Pesquisas anteriores, realizadas há mais de vinte anos por renomados folcloristas, como o Prof. José Calasans e a Profa. Hildegardes Viana⁴ apontavam nesta direção, porém o crescimento acelerado da capital, nestas últimas décadas, e a influência considerável das culturas negras levaram a previsões pessimistas quanto à permanência dessa tradição na Bahia.

Realizada num espaço de tempo reduzido — dois ou três fins de semana — em condições materiais precárias e, para muitos, sem experiência anterior de pesquisa de campo, esta coleta permitiu recolher 83 versões de romances tradicionais, 8 de textos em processo de tradicionalização, além de vários outros cantos do Cancioneiro, de dramas e representações populares etc.

Procurou-se, no intuito de fornecer uma visão mais ampla e mais abrangente da memória de Salvador, escolher os informantes em meios econômicos e sócio-culturais diferentes e em bairros diversos. É assim que foram pesquisados — embora de modo assistemático, pelas limitações próprias de um trabalho deste tipo, já evocadas acima — os bairros seguintes:

- . Liberdade, tradicional bairro de classe média baixa, talvez o mais populoso, com cerca de 200 mil habitantes e uma vida própria onde se destacam muitas manifestações populares;
- . Brotas e seus desmembramentos: os bairros de Cosme de Farias, talvez o mais proletarizado; do Engenho Velho de

Brotas, de baixa classe média; e do Matatu, de classe média e média alta;

- . Uruguai, no início da Península Itapajipana, ponto de fixação de muitas famílias que se deslocaram do interior para a capital, já estabelecido desde os anos quarenta, e que teve nos últimos anos um fortalecimento do seu corpo cultural típico de bairro, com um carnaval animadíssimo e inúmeras entidades sociais e culturais;
- . Barbalho, Federação, Nazaré, Rio Vermelho e finalmente Piatã foram também atingidos pela pesquisa.

Duas comunidades específicas atraíram a atenção pela riqueza manifesta da sua memória coletiva no campo do romanceiro:

- . as antigas vilas de pescadores de Praia do Forte e Barra do Pojuca, próximas uma da outra e distantes cerca de 80 km de Salvador, que, apesar de uma mutação sócio-cultural rápida, devida ao desenvolvimento do turismo, apresentam um potencial romancístico notável;
- . a "colônia" galega de Salvador, que, embora constituída de 90% de galegos, se autodenomina "colônia espanhola" e começou a se formar na segunda metade do século XIX, sendo os seus integrantes provenientes na sua maioria da província de Pontevedra, no sudoeste da Galícia, hoje integrados na população baiana.

Em todos os casos, os pesquisadores escolheram o bairro, ou a comunidade, por conhecê-lo bem, a fim de manter laços estreitos com os informantes potenciais. Esta aparente limitação, devido principalmente à escassez de tempo disponível para a pesquisa, permitiu, na maioria dos casos, a realização de **performances** espontâneas e familiares que se aproximaram bastante do ambiente natural de transmissão.

são. Retomando as palavras de J.C.Bouvier:

Todo recuo é necessário para perceber a justa dinâmica do discurso recolhido, saber por exemplo que a pesquisa é às vezes o lugar único, privilegiado do discurso sobre o passado, abrindo ao indivíduo a possibilidade de expressão de sentimentos secretos, de um discurso latente que, embora não factício, é fruto legítimo de uma rica intimidade entre pesquisador e pesquisado. A duração da pesquisa, o seu caráter não diretivo, a intimidade adquirida, o confronto eventual durante a mesma gravação de vários informantes, nosso conhecimento, nossa "impregnação" global do terreno e, talvez a longo prazo, a nossa qualidade de pesquisadores autóctones nos permitiram reduzir ao mínimo os riscos do discurso de fachada, feito para o fôcasteiro, segundo modos variáveis.⁵

As entrevistas, além de procurarem os textos de romances e cantigas, visaram também a recolher informações sobre as condições de transmissão e de **vida** destes textos na memória coletiva. Assim evidenciou-se a importância de determinadas **instituições de transferência**⁶, espaço social onde se concretiza o intercâmbio da palavra e do texto: o **drama**, esta teatralização amadorística de textos e cantos tradicionais ou não — particularmente importante na pesquisa de Armindo Jorge Bião — e o **folgado**, indissociável de romances como **José do Vale**, considerado rancho na Praia do Forte e não mais apresentado pois "cismaram que quem orga nizava, tinha alguém na família que morria logo depois"⁷.

Os textos recolhidos foram organizados em duas categorias. Os romances tradicionais, ibéricos ou brasileiros, constituem o maior acervo: 29 títulos, com uma ou mais versões, num total de 83 textos, foram identificados a partir do cotejo com os romanceiros publicados no Brasil⁸ e classificados segundo um plano de classificação adaptado,

por mim e Bráulio do Nascimento, do A.I.E.R. — Arquivo Internacional Eletrônico de Romanceiro — elaborado pelo Instituto Seminário Menéndez Pidal, Madrid. Os demais textos foram incluídos entre as narrativas cantadas em processo de tradicionalização: são textos do cancionero tradicional, considerados pelos próprios informantes como cantigas e aprendidos do mesmo modo. Considera-se estar em presença de um processo de tradicionalização quando de cada texto são recolhidas versões que apresentam um grau de variação significativa⁹. Os textos aqui incluídos correspondem a textos em via de tradicionalização, também recolhidos na Paraíba (**Menina onde tu moras, Romance no Baile, O Passarinho**), ou em processo de tradicionalização iniciante (**Mestre Pintor**).

O Romanceiro Galego foi incluído nesta coletânea, num capítulo à parte por constituir um caso particular não só pela sua expressão bilingüe (galego e castelhano) como também pelas referências culturais mais diretamente relacionadas com a Península Ibérica.

Nos romances coletados é interessante notar a predominância do tema "A Mulher na estrutura familiar", com 9 romances ibéricos, incluindo uma versão curiosa de **Frei João** (t.16), com título de **O Caçador**, que apresenta uma primeira parte, variante da história do padre sedutor, articulada com uma segunda, variante do romance da **Aparição**, num processo de variação por aglutinação semelhante ao do **Bernal Francês**, criado a partir da **Mulher infiel** e **Aparição**.

O romance de **Bernal Francês**, raro no Brasil, também foi encontrado em versão fragmentada e em grande parte recriado. **Bernardo Francês** é um rei de França que assume ao mesmo tempo o papel de marido assassino e de amante desesperado, enquanto que a mulher morre inocente, vítima de

um conflito religioso.

Entre os romances brasileiros desta seção, **A moça da varanda**, com 15 versões, demonstra a extrema vitalidade do drama como espaço de transmissão e recriação.

Entre os outros temas, **Juliana e D.Jorge** configura a sua importância no patrimônio romancístico brasileiro, com 7 versões, e **Santa Iria** se faz presente com 4 textos, entre os quais um **Iriás** (t.54) longo e em parte prosificado.

Porém os "temas nacionais específicos", limitados a 6 títulos, apresentam interesse particular como **José do Vale** (6 textos) e dois tipos de **Tapuia** — do Porto e do Cacaual, segundo a diferenciação de uma informante paraibana — com 8 e 2 textos respectivamente.

Entre os romances galegos estão uma raridade, **A Febre Amarela**, e um caso curioso — devido talvez à peculiaridade da informante —, que foi a tentativa de articular como parte de uma mesma história os romances de **Silvana** (t. 93), **Gerinaldo** (t.97) e **Conde Alarcos** também conhecido por **Conde Alberto**, que não ocorre isoladamente nesta amostra do Romanceiro Galego.

Os textos são precedidos de uma chave de transcrição, havendo uma específica para os textos galegos, de consulta indispensável a uma boa leitura. Da identificação de cada texto constam as iniciais do pesquisador, o número do informante e o número do texto dentro do repertório deste informante. MAR. 2.5, por exemplo, indica que este romance, **A Tapuia**, é o quinto texto fornecido pela informante nº 2, Maria de Lourdes de Jesus Lima, entrevistada pela pesquisadora Márcia Maria Ribeiro Machado.

O trabalho realizado pelo grupo de alunos (mestrandos e alunos especiais) superou as expectativas e sur-

preendeu a todos pela sua riqueza e amplitude. A partir dele, dois projetos de maior fôlego serão desenvolvidos: o projeto **Romanceiro Baiano**, coordenado por Doralice Xavier Alcoforado, e o projeto **Romanceiro Galego da Bahia**, coordenado por Maria del Rosário Suárez de Albán.

O romanceiro baiano provou sua vitalidade. Sónos resta pesquisá-lo, estudá-lo. Como afirma Bênichou, "Aqui es donde se ve, mejor que en cualquier otra parte, na cer y vivir la poesía".

NOTAS

- 1 Nascimento, B. O romanceiro tradicional no Brasil. *Cultura*, Brasília, MEC, 3(11):78-86, out./nov./dez.1973. p. 82 e 85.
- 2 Cf. Santos, I. A pesquisa em literatura oral: perspectivas metodológicas. In: *Anais do 1º Encontro da ANPOLL*, Curitiba, 1986. p.28-36.
- 3 Cf. Finnegan, R. *Oral poetry*. Cambridge, Cambridge University Press, 1977. — Zumthor, P. *Introduction à la poésie orale*. Paris, Seuil, 1983.
- 4 Cf. Silva, J.C.B. & Tourinho, M.A.B.J. *Folclore geohistórico da Bahia e seu recôncavo*. Rio de Janeiro, MEC, 1972. — Viana, H. A mulher vestida de homem. *Revista Brasileira do Folclore*. Rio de Janeiro, 3(6):177-93, maio/ago.1963.
- 5 Bouvier, J.C. et alii. *Tradition orale et identité culturelle*. Paris, CNRS, 1980. p.57. Parte deste livro foi traduzida e está sendo publicada pelos *Cadernos do Mestrado em Letras* da Universidade Federal da Paraíba, nº 2.
- 6 Cf. Fabre, D. & Lacroix, J. *La tradition orale du conte occitan*. Paris, PUF, 1974. v.1, p.110-3.
- 7 Informação prestada pela pesquisadora Tânia Penido no seu relatório de campo.
- 8 Cf. Bibliografia: Romanceiros brasileiros.
- 9 Cf. Santos, I. Processos de tradicionalização do romanceiro. Comunicação apresentada no XI Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa. João Pessoa, 9-13 dez.1985.

BIBLIOGRAFIA / ROMANCEIROS BRASILEIROS

- BOITEUX, L. *Poranduba catarinense*. Florianópolis, Comissão Catarinense de Folclore, 1957.
- COSTA, F.A.Pereira da. *Folclore pernambucano*. Recife, Arquivo Público Estadual, 1974. 634p.
- LIMA, J.da Silva. *Folclore em Sergipe: romanceiro*. Rio de Janeiro, Cátedra; Brasília, INL, 1977. 575p.
- LIMA, R.Tavares de. *Romanceiro folclórico do Brasil*. São Paulo, Irmãos Vitale, 1971. 112p.
- LOPES, A. *Presença do romanceiro: versões maranhenses*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967. 265p.
- NEVES, G.S. *Romanceiro capixaba*. Rio de Janeiro, FUNARTE; Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida / UFES, 1983. 199p.
- ROMERO, S. *Folclore brasileiro: cantos populares do Brasil*. 3.ed., notas de L.da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1954. v.1, 306p.
- VILELA, J.A. *Romanceiro alagoano*. Maceió, EDUFAL, 1983. 93p.

NOTAS SOBRE A EDIÇÃO

Doralice F. Xavier Alcoforado
 Maria del Rosário S. Albán

Conforme esclarece a Profa. Idelette Muzart Fonseca dos Santos na Introdução a este número monotemático da revista *Estudos*, do Mestrado em Letras — Presença do Romanceiro em Salvador —, os textos reunidos nesta coletânea foram o resultado de uma pesquisa de campo realizada em 1986 que teve por objetivo demonstrar a existência da tradição ibérica na Bahia das narrativas cantadas conhecidas por romances tradicionais e, conseqüentemente, documentar o estágio atual da continuidade dessa tradição. A pesquisa estendeu-se à coletividade galega de Salvador, que contribuiu com um número de versões reduzido, porém revelador de um acervo expressivo da vertente galega do romanceiro tradicional hispânico¹.

Para atender à finalidade da pesquisa, tornou-se importante documentar toda e qualquer manifestação de romances presente na memória ativa e passiva de informantes baianos e galegos. Por isso, estão aqui representados textos de extensão e qualidade variáveis. Ao lado de versões mais extensas — o texto poético mais longo tem 58 versos —, existem fragmentos, quase vestígios de romances, em que, via de regra, a narrativa em verso se apresenta complementada por um texto em prosa, e romances integralmente em prosa, que se confundem com o conto popular. Alguns textos chegam a apresentar-se truncados, em seqüência desordenada, ou aglutinados a outros romances, evidenciando o alto grau de esquecimento do informante. Para atender aos objetivos da pesquisa, procedeu-se à transcrição desses textos tentando conservar-lhes ao máximo a forma como foram apresentados.

No que diz respeito à métrica, os romances reco-

nhecidamente de tradição ibérica foram transcritos sem divisão em estrofes e em versos longos, geralmente de 15/16 sílabas, com pausa interna, ou cesura, marcada por um espaço em branco maior, dividindo o verso em duas partes chamadas hemistíquios. Assim respeitou-se a sua filiação genética ao romanceiro hispânico que admite serem essas narrativas cantadas resíduos de cantares de gesta, ao que se sabe, estruturados em versos longos. Por analogia, os romances de tradição brasileira foram também transcritos em versos longos, à exceção de JOSÉ E MARIA (texto 81), com estrutura métrica definida pela rima, enquanto as narrativas cantadas em processo de tradicionalização seguiram a tradição métrica popular brasileira de versos curtos.

Quanto à rima, observa-se no processo de recriação do romanceiro ibérico na Bahia um distanciamento do esquema monorrímico assoante hispânico, mantido ainda em uma ou outra versão, a exemplo de Silvana (t.17), esquema do qual sobrevivem vestígios em alguns versos nos vários romances. Contudo, na recriação brasileira predomina a rima toante com esquema rímico misturado, sem esquema definido.

O Romanceiro Galego, entretanto, mantém predominantemente a monorrima assoante, variando-a naqueles textos resultantes de aglutinação de dois ou mais desses romances, em que a rima funciona como elemento delimitador de cada um desses romances em contacto. É o caso do QUINTADO + APARACIÓN (t.93), respectivamente com os esquemas rímicos *é-a* e *ī*. Entre os romances da amostra galega, apenas foge a esse esquema tradicional hispânico A FEBRE AMARELA (t.100) que talvez por esse motivo, entre outros, tem tido contestada a sua classificação como romance.

Para a documentação e estudo do processo de apreensão, transmissão e recriação dos textos e do estágio

atual dessa tradição oral no meio familiar e local, foram coletados e fichados os dados mais diretamente relacionados com a **performance** e seus protagonistas — informantes e pesquisadores. Cada versão integrante da coletânea está precedida do nome, idade, procedência do informante e seu bairro de residência, quando aí se realizou o inquérito/gravação, seguido da data do inquérito. Completa a identificação a sigla correspondente ao nome do pesquisador responsável pela recolha da versão, conforme a lista abaixo:

- BIA - Armindo Jorge Bião
- DOR - Doralice Fernandes Xavier Alcoforado
- MAR - Márcia Maria Ribeiro Machado
- ROS - Maria del Rosário Suárez de Albán
- MIC - Maria do Carmo Barreto de Sã
- PED - Pedro Barboza de Oliveira Neto
- TAN - Tânia Penido Monteiro

e a seguir os números de ordem do informante e do texto por ele fornecido, que orientam a localização das versões nos fichários e arquivo da pesquisa. Além disso, cada pesquisador apresentou o seu relatório da pesquisa de campo, onde foram registradas as observações consideradas relevantes para o estudo da amostra.

Pela leitura do relatório vê-se que circunstâncias bastante heterogêneas cercaram a pesquisa: desde ambientes festivos, onde um coro improvisado forneceu o texto, ou uma mesa de bar, com a descontração etílica estimulando a memória dos informantes, até a sala da casa do informante — o ambiente mais usual —, onde o pesquisador era recebido inicialmente com bastante reserva, que acabava, porém, sendo superada gradativamente por uma descontração crescente à medida que se familiarizavam informante e pesquisador.

Num romance, a variação, fenômeno característico dos textos orais, já pode ser detectada, via de regra, pelo título com que é designada cada versão. Nesta edição destacou-se em negrito o título-tipo que encabeça a série de versões. Imediatamente abaixo, segue-se o título fornecido pelo informante — quando ele o faz — precedido de um número identificador da versão nessa série. À direita, entre parênteses, está a numeração do controle geral dos textos da coletânea.

Assim, no cabeçalho:

2 A DONZELA GUERREIRA

2.1 DÃO VARÃO (2)

o número 2 indica tratar-se do segundo título-tipo dos romances da coletânea, A DONZELA GUERREIRA; o 1 refere-se à primeira das versões desse romance, intitulado DÃO VARÃO pelo informante e (2) é o número que indica tratar-se do segundo texto da coletânea.

Quando, entretanto, o informante não atribuiu qualquer nome à sua versão, ela consta designada pelo seu número de ordem dentro da série de versões do romance-tipo e, evidentemente, pelo número controle da coletânea. Por outro lado, quando o título fornecido pelo informante coincide com o título-tipo, este aparece repetido.

Chaves de transcrição

A língua é uma instituição social de manifestação primordialmente oral. Os povos letrados, entretanto, relegaram a segundo plano o interesse pelo estudo da modalidade de oral de suas línguas, o que contribuiu para um maior desconhecimento de como funciona essa modalidade. A isso se somou o preconceito criado pelas sociedades letradas, que dis-

crimam os usos de falantes iletrados, considerados à margem do padrão tido como único e cuja validade sempre se mediu pelas prescrições da chamada gramática normativa. Tais prescrições exercem uma pressão tão forte sobre as camadas mais escolarizadas que as deixam muitas vezes surdas à multiplicidade e riqueza da expressão oral. Ora, essa multiplicidade, decorrente de uma rede muito vasta de fatores socio-culturais, chega a parecer incontrolável, quando se tenta submetê-la às leis da modalidade escrita. É o que ocorre quando se pretende transcrever o texto oral com fidelidade e sem preconceitos. Por mais simples que se queira a solução, sempre se faz necessário estabelecer normas especiais no intuito de cobrir — parcialmente contudo — a gama de fatos significativos que marcam o ato de comunicação oral.

Se, por um lado, a transcrição fonética seria a representação mais fiel da realização fônica², por outro, o excesso de tecnicismo que o processo requer, não só tornaria a leitura impossível para os não iniciados como — mesmo para os especialistas — comprometeria a fruição estética do texto poético oral. No extremo oposto ao da transcrição fonética encontra-se a transcrição ortográfica, que, evidentemente, atende ao maior grau de neutralidade que se faz necessário, sobretudo, diante da diversidade linguística de corrente da estratificação social, da dialetação regional, mas que deixa a descoberto inúmeros aspectos dessa diversidade, tão presente e tão viva na transmissão oral dos textos tradicionais em geral.

E o que fazer diante de variantes que já se impuseram em quase todos os dialetos geográficos e sociais, com reservas apenas para certos estilos mais formais? No entender dos organizadores destas chaves, se a ortografia não sofre adaptações para representar uma forma inovadora reali-

zada pelos falantes ditos cultos, não há por que transcrever essa forma de modo especial quando é dita por um analfabeto. Tal seria o caso de grafias como **sentano** em vez de *sentando* (no texto 26, por exemplo), uma vez que a supressão da oclusiva linguodental sonora dos gerúndios é um fenômeno muito generalizado no registro informal no Brasil.

Entretanto, transcrever o texto popular exclusivamente pela ortografia e inteiramente pautado pelas prescrições da gramática escolar é carregá-lo de tal artificialismo que se estará impedindo até mesmo de ele ser reconhecido como texto oral, normalmente caracterizado pela espontaneidade de um falante inserido no seu contexto sociocultural. É o que ocorreria, por exemplo, se se marcasse com -s todos os constituintes pluralizáveis de um sintagma nominal que o locutor não tivesse pluralizado, quando se sabe que a tendência do português do Brasil, sobretudo das camadas populares, é aplicar uma regra variável que consiste em marcar predominantemente o determinante, não excluindo a possibilidade de virem a ser marcados outros constituintes, como ocorre, por exemplo, no texto 02: *teus cabelos tão bonito, filha, te conhecerão.*

Tendo em vista essas considerações, a orientação imprimida às normas de transcrição desta amostra do Romanceiro Baiano e do Romanceiro Galego, tentou salvaguardar um equilíbrio, reconhecidamente instável, no bojo da diversidade dialetal, equilíbrio que deve nortear o trabalho do transcritor — oxalá se tenha conseguido! Mas, por outro lado, procurou codificar com o mínimo de prejuízo o leque de significados da expressividade oral, dando relevância à subsistência fônica de fatos dialetais específicos, como no texto 22, quarta versão de MOÇA DA VARANDA: *Evém o cavaleiro de lâ* e de ocorrências talvez intervenientes no momento da

performance de formas não dicionarizadas, como na primeira versão de LA CONDESSA (t.11): *nem por sonho de alagão* em que *alagão* comuta com *Aragão* de versões hispânicas e brasileiras (cf. t.13). Como a variação fonética é, entre outros, fator desencadeador da variação de segmentos e seqüências temáticas³, torna-se importante registrar as variantes fônicas resultantes em segmentos que não correspondem a significados conhecidos na língua, mesmo que o transcritor tenha indicadores que o conduzam à forma que teria motivado essa variante. A ele não cabe o papel de censor da linguagem nem de repressor da variação, não lhe cabe de forma alguma impedir o livre curso da evolução da poesia oral, da qual ele é apenas o documentador de um estágio. Por isso e pela estranheza que fatos dessa natureza possam causar a leitores de saviados das manifestações populares da linguagem, os organizadores destas chaves decidiram por dar destaque a essas variantes, transcrevendo-as em negrito.

O mesmo destaque, porém, não foi dado às variantes — também em última análise fônicas — que resultam em formas já existentes na língua. O destaque não prevaleceu nem mesmo para aquelas variantes que não se relacionam semanticamente com a forma possível ponto de partida para a variação, como é o caso de um constituinte do segmento há pouco citado, *nem por sonho de alagão*, que comuta com *nem por sangue de Aragón*, da tradição hispânica, mas também presente em versões brasileiras (cf. t.13). *Sonho*, a possível variante inovadora, não se relaciona semanticamente com *sangue* — que no romance refere a ascendência nobre ao reino aragonês por parte do candidato à mão de uma das filhas de La Condessa —, mas em contrapartida, ao substituir o constituinte *sangue*, produziria uma seqüência semanticamente compatível: *sonho de Aragón*. Assim, deu-se destaque em ne

grito a variantes fônicas do tipo *alagão*, mas não às semelhantes ao caso de *sonho*, a menos que criem seqüências com incompatibilidade semântica e/ou sintática.

A preparação de edições de textos orais para fins de documentação escrita e conseqüente divulgação tem demonstrado que é inevitável a interferência do organizador na adequação do material fônico para a sua impressão gráfica por mais que se pretenda passar para o leitor uma imagem fiel ao que foi coletado, pelo menos no que se refere ao aspecto estritamente lingüístico. A própria constituição física do material sonoro e suas condições de produção — onde se inclui a automatização de hábitos articulatórios que levam a emissões muito rápidas — e de recepção, neste caso prejudicada pela intermediação de equipamento magnetofônico, obriga o transcritor a proceder a acréscimos e supressões.

Nos textos poéticos, a omissão de pequenos segmentos pode decorrer também de uma pressão exercida pela métrica, como ocorre num dos hemistíquios do verso 3 do texto 5, originariamente *não é na de admirar*, onde se introduziu a sílaba omitida que, se realizada, feriria o metro do verso, mas que se faz necessária à compreensão imediata da leitura; *não é na|da| de admirar*. Para os segmentos assim introduzidos é convenção já consagrada o uso de colchetes. Os segmentos ouvidos mas não decodificados, os titubeios, as hesitações, prejudiciais à integridade do texto, foram por sua vez retirados e indicados por reticências entre colchetes.

Já a linha pontilhada que ocupa a extensão de um verso, embora não sistematicamente, foi empregada tanto para assinalar o esquecimento, expresso pelo informante, de um ou vários versos seguidos, como para indicar um salto na seqüência da trama romancística admitida ou não pelo seu in-

formante. De modo semelhante, quando tem a extensão de um hemistíquio, assinala o esquecimento ou a ininteligibilidade de desse segmento.

Na composição gráfica combinaram-se dois recursos para demarcar o verso e a prosa: o tipo de letra e a diagramação da página. O texto em prosa foi datilografado com a esfera **letter gothic**, seguindo a distribuição convencional na delimitação dos parágrafos, ou seja, com um afastamento maior na margem esquerda. Numa nova margem, com maior afastamento ainda, se distribuem os versos, numerados de dois em dois, em esfera **script**.

A palavra de circunstâncias e dos pesquisadores atua por vezes na **performance** para complementar ou esclarecer alguma passagem e está indicada abreviadamente por *Circ.* e *Pesq.* O informante, por sua vez, além de fornecer o texto, intercala-o de comentários pessoais que tiveram apresentação gráfica entre parênteses.

As chaves que se apresentam a seguir nada têm de definitivas. Representam antes um conjunto de decisões tomadas para a transcrição desta coletânea com base nos fatos observados no total de versões que a integram e, ao mesmo tempo, com a intenção de que a transcrição grafemática prejudique o mínimo possível a expressividade que perpassa na transmissão oral dos textos populares poéticos ou não.

1 Romanceiro Baiano

Os noventa e um textos baianos que constituem esta coletânea foram transcritos grafematicamente segundo a ortografia vigente para o português do Brasil, ou seja, aquela pautada pelo Formulário Ortográfico aprovado pela Academia Brasileira de Letras em 1943, com as alterações decretadas pela Lei nº 5.765 de 1971.

É claro — convém mais uma vez frisar — que com isso não se pretende mascarar a realidade lingüística que esses textos deixam transparecer, textos em boa parte dis-tanciados das regras prescritas para a chamada língua padrão.

As decisões tomadas para representar as peculiaridades de que se reveste o material lingüístico dos romances coletados estão distribuídas segundo diferentes aspectos.

Quanto ao aspecto fonético:

1 Seguiu-se a convenção ortográfica mesmo para representar formas atingidas por uma mudança fonética já generalizada no Brasil nos registros informais, como a supressão do *r* final de palavra ou do *d* dos gerúndios. Assim, grafou-se *falar* e *sentando* mesmo que a audição conduzisse a grafias como *falã* e *sentano*;

2 não se seguiu a convenção ortográfica, entretanto, para a representação de segmentos, a maioria deles átonos, quando encurtados por supressões que ocorrem com alta frequência e de modo generalizado nos vários dialetos brasileiros, sobretudo no registro informal e na elocução rápida, ao que se acrescenta o fato de já haver uma grafia adaptada aceita quase consensualmente: *pra*, *pro*, *tã*, *tava*, *cê* (este já dicionarizado);

3 tiveram transcrição especial com destaque em negrito:

a) variantes dialetais não dicionarizadas, próprias a maior parte delas de dialetos sociais desprestigiados e que se relacionam com formas da língua padrão pela supressão, acréscimo ou troca de fones, como: *rependo/arrependo*, *evai/vai* e *laranjã/laranjal*, *vim/vir*;

b) variantes próprias dos textos populares orais, possivelmente criadas no próprio ato da *performance*,

como *alagão* por *Aragão* e *alderício* por *adereço*.

Quanto ao aspecto morfossintático:

1 Tiveram representação gráfica sem destaque especial construções sintáticas características dos dialetos sociais de menos prestígio que ocorrem com alta frequência não só na modalidade oral mas também na escrita e que consistem em marcar com menor grau de redundância o plural nos sintagmas nominais e nos verbos em relação ao seu sujeito, como em *os frades todo* (t.16) ou *e criar seus neto* (t.34) e *e os conselheiro me disse* (t.52);

2 tiveram destaque gráfico em negrito:

a) as variantes morfológicas que funcionam no texto poético do romance para caracterizar a procedência rural dos personagens, como as que ocorrem em *vendemo as espuma*, *compremo uma roça* (TAPUIA, t.74);

b) construções morfossintáticas que, interpretadas no âmbito do sistema gramatical do português, aparecem como idiossincráticas se não agramaticais como *antes quiseres vestir uma saia*, sendo preciso notar que algumas delas ganham relevo especial na representação simbólica dos valores em jogo na literatura popular oral tradicional como é o caso da forma *reis*, que ocorre diversas vezes na amostra, porém com um valor especial não correspondente ao da forma gramatical plural: *era a filha do reis que queria casar* (t.01), um valor próprio do mundo fabulístico, onde o rei é figura central.

Quanto ao aspecto lexical:

Tiveram transcrição com destaque em negrito:

a) formas lexicais incompatíveis semântica e/ou sintaticamente com o contexto em que se acham inseridas como em *Eu peço, quando eu morrer, me enterre no esquisito* (t.16);

b) segmentos não identificados pelos pesquisados e não dicionarizados, como *xeem* (t.16), *tamba* (t.37) e *tranços* (t.66).

Quanto à pontuação:

Apesar de reconhecer que o sistema de pontuação usual é insuficiente para transcrever textos orais — em verso ou prosa —, usaram-se os sinais convencionais de pontuação e se fizeram os ajustes inevitáveis, relacionados sobretudo com as pausas próprias da fala.

2 Romanceiro Galego (chave específica)

Os dez textos desta amostra do Romanceiro Galego na Bahia são todos eles plurilíngües. Galego e castelhano se interpenetram numa mesma frase, num mesmo verso. Ora, se o texto oral unilíngüe apresenta dificuldade para a sua transcrição, mais complexa se torna essa tarefa quando no texto se mesclam mais de uma língua. E os textos galegos — assim considerados em virtude da procedência galega de seus transmissores — apresentam além do mais, embora em grau mínimo, uma interferência do português, na sua variedade baiana.

Diferentemente da transcrição da amostra baiana, que só teve de lidar com a ortografia portuguesa e pequenas adequações para as variantes ocasionais, a amostra galega requereu que se compatibilizasse o emprego de três códigos ortográficos distintos, um dos quais, o do galego, só foi instituído muito recentemente, como resultado do Acordo da Real Academia Galega e do Instituto da Língua Galega, promulgado por decreto da *Xunta de Galicia* nº 173 de 17 de novembro de 1982.

Entretanto a complexidade da transcrição fica atenuada pelo fato de que galego e castelhano apresentam en

tre as suas unidades fonológicas e os símbolos gráficos que as representam uma relação que se aproxima da relação ideal de biunivocidade — um símbolo para cada fonema e vice-versa. (Cf. lista de correspondência sistema fonológico — ortografia do galego, p.). Além disso, são raros os fonemas comuns às duas línguas que apresentam grafia diferente em cada uma delas, como no par de grafias cast. *rey*/gal. *rei*, e, com relação às consoantes, praticamente não há casos em que uma mesma letra, ou grafema, represente fonemas diversos nas duas línguas. Apenas a letra *x* tem usos diferenciados: no galego representa prioritariamente uma fricativa linguopalatal surda /š/, além de conservar o uso etimológico correspondente a /s/ e /ks/; no castelhano o *x* nunca representa a fricativa palatal por ser ela inexistente no seu sistema fonológico.

O contacto castelhano-português, entretanto, oferece maiores problemas para uma transcrição, pois vários símbolos gráficos correspondem a fonemas distintos nas duas línguas como *j*, *g* e *ch*, entre outros.

Assim, depois de constatar que galego e castelhano são as línguas básicas de expressão desses textos, sobretudo no que se refere à parte poética, decidiu-se adotar dois critérios para a sua transcrição de modo a assegurar a leitura mais fiel possível: proporcionalidade de participação e contexto frásico.

Proporcionalidade de participação. A quase exclusiva participação do galego e do castelhano, sobretudo no texto poético, e a reduzida manifestação do português, restrita praticamente a trechos em prosa, fizeram com que a escolha para a transcrição dos textos galegos recaísse, em primeira ordem, nas convenções ortográficas e morfológicas do galego e do castelhano, com a grande vantagem de

oferecerem para o leitor habitual dessas duas línguas uma transparência de codificação imediata. A ortografia portuguesa, quando se fez necessário, requereu quase sempre nota explicativa para desfazer ambigüidades de leitura, portuguesa ou castelhana.

O contexto frásico. Este critério funcionou para decidir sobre a grafia dos raros segmentos que, embora apresentando coincidência fônica, ou realizações muito próximas, nas duas línguas, têm representação gráfica distinta. Para grafar esses segmentos usou-se a ortografia galega ou castelhana, conforme o contexto em que se inserem esteja naquela ou nesta língua. Nos casos de difícil decisão, optou-se pelo galego.

Cabe acrescentar que o traço dialetal galego conhecido por *geada* e que corresponde à realização de uma fricativa faríngea onde outros dialetos do galego e o castelhano e português de um modo geral têm uma oclusiva velar sonora /g/ (*guerra*, *grande*) não foi marcado nesta coletânea, embora tenha ocorrido nos textos de dois dos três informantes da amostra (ROS.1 e ROS.2). O fenômeno é previsível em falantes do galego ocidental, e conseqüentemente nos oriundos da província de Pontevedra, de onde procedem esses informantes, mas a qualidade do registro magnetofônico não permitiu uma audição nítida em todas as ocorrências potenciais. Também não se representou o *seseo*, que ocorre esporadicamente, pois, além do mais, a variação fonética muito detalhada dificultaria a leitura.

Cabe agora exemplificar as decisões acima descritas:

1 Grafias com **j**, **g**, **ch**, **rr**, **v**, **z**, **s** intervocálicas etc., devem ter leitura em castelhano e/ou galego. Exs.: *jarra* /x/, *gente* /x/, *privaba* /b/, *onzas* /θ/, *casar* /s/ etc.

2 As raras interferências fônicas e léxicas do português, como *janela* (alternando no texto com *xanela*) e *diacho* (ambas no texto 94), por exemplo, tiveram destaque com nota explicativa a fim de desfazer a possível ambigüidade de de leitura entre, de um lado, as realizações do português como linguopalatais — sonora /ʒ/ e surda /ʃ/, respectivamente, — e, do outro, fricativa velar /x/ do castelhano e africada palatal /tʃ/ do galego e castelhano.

3 Galego e castelhano não apresentam uniformidade na representação da semivogal anterior /y/ — gal. *i* cast. *y* — nem dos monossílabos átonos correspondentes à junção condicional — gal. *se*/cast. *si* — e à aditiva — gal. *e*/cast. *y*. A representação mais coerente diante dessas grafias alternantes pareceu ser a que concorde com o contexto imediato da frase em que os segmentos em causa ocorrem. Exs.: *Haí dous meses, vai pra oito.../ Ni soy de los convidados...* (t.94 e 96 respectivamente); *Se por iso andas triste.../Si eres primo de la novia...* (t.96); e *gañaron muita plata.../y la casa de sus padres...* (t. 101 e 95).

4 Quanto ao artigo indefinido feminino, também um segmento átono, nem sempre a condição do material sonoro permite que se distingam as realizações mais próximas do castelhano *una*, do galego *unha* (*nh* corresponde a uma nasal velar /ŋ/) e do português *uma*, grafias que cobrem diversas variantes. Em vista disso, grafou-se *una* quando a audição permitiu com nitidez distinguir a forma castelhana e nos demais casos a grafia escolhida foi a galega *unha*, ainda que por vezes a audição levasse a interpretar o segmento ouvido mais próximo de uma realização do português. Exs.: *Dêame una jarra d'água* (t.94); *Entón subiuse a unha xanela* (t.94).

Por fim, a acentuação gráfica, a representação das formas enclíticas dos pronomes átonos **lo, la, los, las** e **no, na, nos, nas** — e os alomorfes do artigo definido — **lo, la, los las** — obedeceram aos usos convencionais do ga lego. Assim também a indicação de frases interrogativas e exclamativas, que, no galego, seguem a mesma convenção do castelhano, isto é, têm o sinal de interrogação não só no final, mas também no início da seqüência interrogativa⁴.

Correspondência sistema fonológico-ortografia do galego

Fonemas	Letra	Fonemas	Letra
/i/	i	/θ/	z, c
/e/	e	/s/	s, x
/ɛ/		/š/	x
/a/	a	/tš/	ch
/ɔ/	o	/m/	m
/o/		/n/	n
/u/	u	/ñ/	ñ
/y/	i	/ŋ/	nh
/w/	u	/l/	l
/p/	p	/l̃/	ll
/b/	b, v	/r/	r
/t/	t	/r̃/	r, rr
/d/	d	∅	h
/k/	c, qu		
/g/	g, gu		
/f/	f		

NOTAS

- 1 Em decorrência da recolha desses textos, implantou-se no Instituto de Letras o Projeto Romancero Galego na Bahia, que vem sendo desenvolvido desde 1987.
- 2 No caso dos textos romancísticos, a fidelidade à sua realização exigiria um cuidado a mais: a transcrição da melodia em que se desenvolve a narrativa poética, o que, entretanto, não foi possível realizar nesta coletânea.
- 3 Cf. Nascimento, B. *Romancero tradicional — uma poética da comutação*.
- 4 Distribuição do trabalho das co-autoras: levantamento dos problemas da transcrição e de sua apresentação nas Notas sobre a edição, de ambas; primeira redação das Notas e Chaves de transcrição do Romancero Baiano e do Romancero Galego, de Maria del Rosário Albán; redação final, de ambas.

- ADVERTENCIA; criterios editoriales. In: LA DAMA y el pastor; romance, villancico, glosas. Edición dirigida por Diego Catalán, preparada por Kathleen Lamb y Etienne Phipps. Madrid, Gredos, 1977-1978. p.13-20. (Romancero tradicional, 10).
- BOUVIER, Jean Claude et alii. *Tradition orale et identité culturelle*; problêmes e méthodes. Paris, CNRS, 1980. 136p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3.ed. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1984. 435p. (Reconquista do Brasil, 84).
- CASTILHO, Ataliba T.de & PRETI, Dino, org. *A linguagem fada culta da cidade de São Paulo*; materiais para seu estudo. São Paulo, T.A.Queiroz, 1986. 2v.(Projeto NURC/SA).
- HOUAISS, Antônio. Aspectos da linguagem popular. *Educação e Cultura*, João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura, 14:15-7, jul./ago./set. 1984.
- _____. *Projetos de normas de transcrição fonética para fins folclóricos*. Rio de Janeiro, Campanha Nacional de Defesa do Folclore, 1960. 16p.mimeo.
- _____. Propostas metodológicas para transcrição de textos populares; mesa redonda. In: SEMINÁRIO DE LÍNGUA E LITERATURA POPULAR, 2, João Pessoa, UFPb/PPLP, 1984. 4p. mimeo.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *Estudios sobre el romancero*. Madrid, Espasa/Calpe, 1973. 517p. (Obras Completas de R. Menéndez Pidal, 11).
- NASCIMENTO, Bráulio. Processo de variação do romance. *Revista Brasileira do Folclore*, Rio de Janeiro, MEC, 4(8-10):59-126, jan./dez. 1964.
- _____. Propostas metodológicas para transcrição de textos populares; mesa redonda. In: SEMINÁRIO DE LÍNGUA E LITERATURA POPULAR, 2, João Pessoa, UFPb/PPLP, 1984. 8p. mimeo.
- _____. Romancero tradicional; uma poética da comutação. In: ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS, 11, Sergipe, 1986. 11p. mimeo.
- _____. As seqüências temáticas no romance tradicional. *Revista Brasileira do Folclore*, Rio de Janeiro, MEC, 15: 159-190. 1966.
- PINTO-CORREIA, João David. *Romancero tradicional português*. Lisboa, Comunicação, 1984. 385p.
- Estudos* (7): 25-43, out. 1988

- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. A transcrição: entre oralidade e escrita; mesa redonda. In: Propostas metodológicas para transcrição de textos populares. SEMINÁRIO DE LÍNGUA E LITERATURA POPULAR, 2, João Pessoa, UFPb/PPLP, 1984. 4p. mimeogr.
- XUNTA DE GALICIA. Conselleria da Presidencia. Servicio Central de Publicacións. *Normativización da lingua galega*. 2.ed. Santiago de Compostela, Minerva, 1985. 125p. (Textos legais, 1).
- ZUMTHOR, Paul. *Introduction à la poésie orale*. Paris, Seuil, 1983. 263p.

À Rosa Madrinha

- Vete por ese jardín
cogiendo rosas y lirios;
pesares que te vinieren
yo los partiré contigo.

ROMANCE DE GERINELDO

O ROMANCEIRO
BAIANO

I ROMANCES TRADICIONAIS

SEÇÃO A — A MULHER NA ESTRUTURA FAMILIAR

1 CONDE ALBERTO

1.1 DÃO CÂNDIO (01)

Narrado/cantado por Maria de Lourdes de Jesus Lima, 46 anos, natural de São Francisco do Conde - Ba. Caixa d'Água, 02.05.86. (MAR. 2.2)

Era a filha do **reis** que queria casar com um homem casado. Ela falou com o pai que estava apaixonada por ele e ele disse que não tinha importância: ele mandava matar a mulher do homem e ele casava com a filha. Isso mesmo ele fez. Quando foi de manhã bem cedo, ele mandou uma pessoa chamar o rapaz. Ele pensou até que era para outra coisa. Aí, quando chegou lá, o **reis** disse para ele que era pra matar a mulher dele e levar a cabeça na bacia. Mas ele falou cantando:

- Mandei chamar Seu Dão Cândia, mandei chamar Seu Dão /Cândia,

2 mas não foi para jantar
pra matar sua condessa e trazer a cabeça dela,
4 trazer a cabeça dela dentro desta linda bacia.

Ele aí pegou a bacia. Não tinha o que dizer ao **reis**, tinha que obedecer, aí foi pra casa. Quando chegou em casa, ela aí perguntou a ele o que foi que o **reis** mandou chamar ele. Ele aí disse à mulher:

- O rei mandou me chamar, o rei mandou me chamar,
6 o rei mandou me chamar, mas não foi para jantar.
Foi pra matar minha condessa e levar a cabeça dela,
8 levar a cabeça dela nesta **desgraça** bacia.

Aí ela, quando ele disse assim — ela estava com o filhinho no braço —, aí disse a ele que não tivesse medo não,

não se preocupasse não, que era só ele matar; mas que tives_ se paciência, que ela ia rezar. Aí ela pediu a ele:

- Tenha demão, meu Dão Cândio, Cândio do meu coração,
10 deixa eu rezar Pai-Nosso junto com Ave-Maria,
junto com Ave-Maria, que a minha mãe me ensinou,
12 que a minha mãe me ensinou, quando eu era pequenina.

Aí ele parou — isso quando ele ia para matar ela —, ela aí sempre aparecia com uma coisa. Daqui a pouco, quando ele foi pra matar, ela aí tornou a dizer a ele:

- Tenha demão, meu Dão Cândio, Cândio do meu coração,
14 deixa eu dar mama a meu filho só por essa despedida,
só por essa despedida, que ele hoje teve mãe,
16 hoje ele teve mãe, amanhã tem é madrasta,
amanhã tem é madrasta da mais alta fidalguia.

Ele aí parou. Esperou ela dar mama ao menino. Depois que ela terminou de dar mama ao menino, antes de quando ela ter minar de dar mama ao menino, aí o sino dobrou (que quando morria um pessoa, o sino dobrava pra dar sinal). Aí ela disse a ele:

- 18 - O sino tá dobrando, ô meu Deus, quem morreria?
ô meu Deus, quem morreria pra me fazer companhia?

Aí uma voz respondeu:

- 20 - Foi a filha do reis pelo mal que cometia,
descasar o bem casado, coisa que Deus não queria.

Aí, quando foram ver, a filha do reis tava doida pra que ele chegasse logo com a cabeça da mulher na bacia. Aí, de lá de cima, ela caiu e morreu, a altura. Aí ela quebrou o pescoço, antes que cortasse a cabeça da mulher do cara.

2 DONZELA GUERREIRA

2.1 DÃO VARÃO (02)

Narrado/cantado por Ana Maria de Jesus, 36 anos, natural de Salvador - Ba, vivendo há 21 anos em Barra do Pojuca-Camaçari. Barra do Pojuca, 16.03.86. (TAN. 2.1)

Era uma vez um homem que tinha sete filhas. Então, foi na época da guerra, saiu um homem mandado do reis pra convidar todos rapazes do local. Então tinha um homem que só tinha sete filhas, aí ele ficou maginando:

- Meu Deus! Tenho tantas filhas, mas não tenho filho homem. Aí ele virou pras filha, olhou assim... Ele tinha fazendas, tinha muitos cavalo, então um dia ele saiu e disse assim:

- Eu tenho tantas filhas, mas não tenho nenhum varão
2 pra selar meu cavalo uma manhã de varão.

Aí tinha uma filha dele que chamava-se Leonor, disse:
- Mas eu tenho que fazer todo jeito de acabar com a tristeza de meu pai, então eu vou servir na guerra.
Então ela aqui disse:

- Tã vendo, senhor pai, eu vou ser o seu varão,
4 pra selar seu cavalo uma manhã de varão.

Aí a mãe disse:

- Mas, minha filha, como é que você pode ser um homem?
Ela aí disse:

- Meu pai, minha mãe, eu tenho que servir ã guerra.
Aí o pai tava ouvindo, disse:

- Teus cabelos tão bonito, filha, te conhecerão.

Ela disse:

6 - Cortado bem baixinho ninguém descobrirão.

Aí ele virou, disse:

- Teus seios tão bonito, filha, te conhecerão.

(Naquela época chamava califon,* nê?)

8 - Sutiã bem apertado, ninguém descobrirão.

Aí ele virou pra ela, disse:

- Tuas pernas tão bonitas, filha, te conhecerão.

* O mesmo que sutiã.

Aí ela disse:

10 - *Com as calças bem comprida ninguém descobrião.*

Aí ele disse assim:

- *Teus olhos tão bonito, filha, te conhecerão.*

Ela disse:

12 - *Quando eu passar pelo povo, minhas vistas baixarão.*

Aí ela foi, serviu à guerra, quando chegou, tinha um ra paz que se encantou com olhos dela, nê? Aí fizeram uma apos ta em casa. Se na guerra descobrissem [...], constatassem ela como homem, a rosa murchava e, se descobrisse que era mulher, aí o cravo não murchava. Aí botaram esse buquê de flor no jarro e foram servir à guerra. Então serviram à guer ra o tempo que serviram... e sobrou dois da tropa, que foi desse local. Aí esse disse:

- Ah! Minha família se acabou, então eu vou lá conhecer sua família.

Aí o nome dela no exército era João. Aí serviram à guerra a época que serviu, voltaram; quando chegaram cá, ela dis se... aí, quando ela foi chegando, todo mundo alegre, con tente porque ela voltou, aí ela dizendo:

- *Tã vendo, senhor pai, que eu sou o seu varão*

14 *pra selar seu cavalo uma manhã de varão?*

Aí o rapaz que voltou com ela tã olhando pra outra irmã dela, quando chegou, nê? Aí ela disse, virou pra ele e dis se assim:

- *Estã vendo, gostou de minha família?*

O rapaz disse:

- *Gostei!*

Aí ela chegou, virou pra ele e disse assim:

- *Tã vendo, senhor pai, que eu sou o seu varão*

16 *pra selar seu cavalo uma manhã de varão?*

Aí ela apertou a mão do rapaz, disse:

- *Meu nome não é João, meu nome é Leonor,*

18 *sete anos venceu guerra e o meu cravo não murchou.*

2.2 AS FILHAS DE DOM JOÃO (03)

Narrado/cantado por Isalyra Ta vares Machado, 66 anos, natural de Nazaré das Farinhas - Ba. Ma tatu, 23.05.86. (MAR. 1.4)

Era um homem, tinha sete filhas. Não tinha nem um filho

Estudos (7): 47-81, out. 1988

varão que fosse vencer essa guerra pelo seu padre Dom João. Aí vai uma das filhas e diz:

- *Eu vou, meu pai.*

Ele disse:

- *Mas, minha filha, como é que você vai? Você não pode ir, que você não tem nada de homem.*

- *Ah, meu pai! Chega lá eu me arranho. Eu sei como é que faço.*

Aí ela foi, se vestiu toda de paletô, tal e coisa, lá se foi. Quando ela chegou na guerra, que tava indo pra aquelas batalhas e tudo, o filho do capitão chegou, disse assim:

- *Meu pai, os olhos de Dom João é de mulher, de homem não.*

Aí o pai disse assim:

- *Meu filho, se você quiser saber se ela é homem ou mu lher, convide ela pra ir a um banquete. Se ela for, você vê mais ou menos como é que ela pega os talheres. Se é homem ou mulher, que tem diferença.*

Aí ele chamou. Ela foi. Quando chegou lá, ela fez tudo certo. [...] Quando foi no outro dia, ele tornou a dizer ao pai. O pai disse:

- *Você convide ela pra fazer uma corrida, correr com você num animal e depois tomar um banho.*

Aí ela foi. Quando ela correu, correu muito. Quando ele chegou e disse assim:

- *Agora, vamos tomar um banho.*

Ela disse:

- *Ah! Agora eu não posso, eu tou muito suado. Como é que vou tomar banho suado assim?*

Aí ele chega, fica calado. Aí diz ao pai:

2 - *Meu pai, sei que morro com a dor no coração, que os olhos de Dom João é de mulher, de homem não.*

Aí, quando terminou a guerra, que venceu a guerra, ela aí se identificou que ela era mulher e casou com ele.

2.3 DONA LEONORA (04)

Narrado/cantado por Esmeralda Araújo Zuanny, 71 anos, natural de Salvador - Ba. Liberdade, 20.05.84. (DOR. 2.18)

Era uma vez um senhor que sô tinha sete filhas mulheres. Nunca teve um filho homem. Ele chamava Carlos de Monte Aval. E todo ano tinha uma guerra e ele fazia parte da guerra, era um dos cabeças da guerra. Quando foi na sétima guerra, ele

Estudos (7): 47-81, out. 1988

jã cansado mesmo, aĩ chegou assim no jardim, e a filha tava na janela, quando ele cantou:

- Sete anos que ando em guerras, em guerrame acabarei
2 Sete filhas que eu tive, nenhuma saiu um varão. (bis)

A filha ficou calada. Ele tornou a cantar:

- Sete anos que ando em guerras, em guerras me acabarei.
4 Sete filhas que eu tive, nenhuma saiu um varão. (bis)

Aĩ a filha dele mais moça, que é Dona Leonora, tã lã na janela, cantou pra ele:

- Cale-se, meu pai, não chores, que eu vou ser o teu va
/nãõ.

6 Mande ver o cavalo ruço-castanho e uma bandeira pra
/mim. (bis)

Ele disse pra filha:

- Filha, você tem os olhos mui grandes...

Ela respondeu:

8 - Quando passar perto de meus inimigos, eu baixarei
/a vista no chão.

- Filha, você tem o busto mui grande...

10 - Mande fazer uma jaqueta justa e apertada, que ela
/me servirão.

- Filha, você tem as pernas mui grossas...

12 - Mande fazer um culote justo e apertado, que ele
/me servirão.

Tudo que ela pediu, o pai fez. Mas o cavalo ruço-castanho era um cavalo encantado; era o cavalo dela, mas era en cantado. Quando chegou no dia dela ir pra guerra, de manhã, ela disse:

- Adeus, meu pai, adeus, adeus que eu jã vou-me em
/borã,

14 entro virgem na campanha, virgem hei de sair com a
/minha rosa.

Quando ela saiu, o pai ficou chorando, e ela monta no cavalo e foi embora. Quando chegou lã no campo de guerra, quem combatia com ela era o primo dela. Ela sabia, mas ele não conhecia ela, porque sabia que ele sô tinha primas mu lheres. Como apareceu aquele homem?

Aĩ lutaram, lutaram, acabou a guerra, foram muito bem. Mas ele ficou apaixonado por ela. Quando ele olhava pra ela, aĩ ele vinha pra casa:

- Adeus, minha mãe, eu morro, eu morro é de mal de
/amores,

16 que os olhos de Dom Carlos, de mulher, de homem não.

A mãe dizia:

- Mas, meu filho, você jã viu uma mulher vir pra guerra?

- Mas, minha mãe, ela tem os olhos muito bonitos, aqui lo é olho de mulher.

Aĩ a mãe chegou, disse:

- Que é que eu posso fazer pra meu filho? Você convida ela pra ir numa loja que tenha fato masculino e feminino. Mas tudo que for de mulher, você diz: "Que bonito vestido pra uma moça!" Se ela for mulher, ela confirma e, se for homem, discorda.

Quando chegou de noite, o cavalo relinchou, acordou ela:

- Dona Leonora, olhe, você vai ter esse convite, mas tu do você diga ao contrário. Se ele disser que uma correntê é bonita pra uma mulher, você diz que um trancelim é mais bonito pra um homem e tudo mais.

Chegou de manhã, ele disse:

- Ô Dom Carlos, você está aqui, não conhece o comércio, eu vou ter o prazer de lhe levar pra conhecer o comércio.

- Tã bom.

Quando chegou numa loja, aĩ ele disse:

- Que bonito vestido pra uma moça!

- Que bonita roupa pra um homem!

Ele jã ficou todo desconfiado. Aĩ virou e disse assim:

- Que bonita pulseira pra uma moça!

- Que bonito relógio pra um homem!

Tudo que ele dizia, ela dizia ao contrário. Ficaram aqueles tempos, depois cada um foi pra casa. Quando ele chegou em casa, foi dando ataque:

- Adeus, minha mãe, que eu morro, eu morro é de mal
/de amores,

18 que os olhos de Dom Carlos, de mulher, de homem não.

- Mas, meu filho, você meta na cabeça, como é que uma mulher pode vim pra guerra?

- Mas, minha mãe, os olhos dele é de mulher, não é de homem!

- Não, meu filho, é homem.

- Que é que eu faço?

- Quando passar esse tempo, você convida ele pra ir numa corrida de cavalo. Quando você chegar na corrida de cavalo, você vê pelo montar, você sabe que uma mulher não pode correr igual a um homem e você vê.

Quando foi de noite, o cavalo veio e disse:

- Olhe, Dona, você vai ser convidada pra essa corrida de cavalo, mas eu vou lhe ajudar que você vai correr de um jei

to que ele não vai lhe pegar nunca.

Quando chegou de manhã, disse:

- Ah! Você não conhece aqui os campos, aqui tem um campo muito bonito, e nós vamos a um passeio de cavalo.

- Pois não, eu estou aqui pra conhecer o que não conheço.

Ela no cavalo dela e ele no cavalo dele. Quando montou, ela botou o pé no cavalo e... paco-paco, paco-paco... Que nada, que pegou ele que nada! Quando ele chegou em casa, foi dando ataque:

- Adeus, minha mãe, que eu morro, eu morro ^{de mal de} / ^{amores,}

20 que os olhos de Dom Carlos, de homem, de mulher não.

(Agora ele já dizia que era homem.)

- Que é que faço pra meu filho...?

Aí a mãe chegou e disse assim:

- Meu filho, você convida ela pra dormir no jardim, que tem um jardim encantado. Se ela for mulher, ela amanhece toda coberta de rosas, e, se for homem, amanhece coberto de cravo como você.

Quando chegou de noite, o cavalo foi, disse a ela:

- Olhe, você vai ser convidada pra ir dormir no jardim e você aceite. Mas acontece o seguinte: quando der meia-noite, eu relincho, você acorde, você está toda coberta de rosas. Você faz o seguinte: você mistura rosa com cravo e cravo com rosa, em você e nele.

(Quer dizer que os dois vão ficar iguais.)

Quando chegou de noite:

- Ah! Você não conhece aqui. Aqui tem um jardim encantado que as pessoas passam uma noite, um jardim muito bom e tem muitas flores...

Mas não disse o que era. Ela disse:

- Eu vou.

Quando chegou de noite, que ela tá dormindo, o cavalo deu sinal. Ela tá toda coberta de rosas e ele de cravos. Levantou, aí vamos misturar rosa com cravo e cravo com rosa, nele e nela. Fez aquela mistura, que quando ele acordou que viu, aí no jardim mesmo ele deu um ataque:

- Adeus, minha mãe, que eu morro, eu morro ^{de mal} / ^{de amores,}

22 que os olhos de Dom Carlos, de homem, de mulher não.

A mãe disse:

- Minha Nossa Senhora! Será possível? Que é que eu faço com esse filho? O último recurso:

- Você vai convidar ela pra tomar um banho de mar. Aí tira a prova.

O cavalo disse:

Estudos (7): 47-81, out. 1988

- Olhe, você prepare suas bagagens, prepare tudo seu, que é o último dia que você vai passar aqui. Ele vai convidar você pro banho de mar. Você fique remanchando em tirar a roupa. Ele, muito afobado, vai cair dentro d'água e você se veste e vem embora.

Quando ele chegou, disse:

- Você está aqui esse tempo todo, nunca fomos numa praia tomar um banho de mar. Eu vou lhe convidar pra você ir tomar um banho de mar.

Ela disse:

- Vou.

Quando chegou na praia, ele, muito vexado, tirou logo a roupa, caiu dentro d'água. Ela disse:

- Espera aí, que eu estou aqui me arrumando.

(Remanchando.) Que quando ele caiu dentro d'água, ela apertou a roupa, montou no cavalo e gritou:

- Adeus, meu primo, adeus, adeus, que eu já vou-me / ^{embora!}

24 Entrei virgem na campanha, virgem saí com a minha rosa. / ^{sa.}

Eu me chamo Dona Leonora, filha de Dom Carlos de Monforte Aval.

26 Se quiser casar comigo, vá pedir a meu pai.

Aí ele, quando saiu, chegou na praia, deu ataque:

Adeus, minha mãe, que eu morro, eu morro ^{de mal} / ^{de amores,}

28 que os olhos de Dom Carlos, de mulher, de homem não.

Quando a mãe veio:

- Minha mãe, eu não disse que era mulher? É filha de meu tio, a mais moça, Dona Leonora.

Mas ele foi pra cama. Ele tava tão apaixonado que adoeceu. Quando ele se restabeleceu:

- Olhe, meu filho, se você quer se casar, você vá.

Mas ela também cá já estava apaixonada por ele, toda triste. O pai disse:

- Minha filha, o que foi que você achou lá? O que você quiser, eu mando buscar pra você.

E ela nada de dizer que era o primo. Quando ele ficou bom, veio visitar o tio, conversou. Então disse que ia pedir Dona Leonora em casamento, que foi Dona Leonora que foi pra guerra. O tio disse:

- Realmente, eu não tenho filho homem, eu tenho sete filhas mulheres, e Leonora é a mais moça. Foi ela que foi pra guerra e venceu a guerra.

Estudos (7): 47-81, out. 1988

Aí pediu ela em casamento, se casaram, foram felizes.

*Entrou numa porta,
saiu pela outra,
quem ouviu minha estória
que me conte outra.*

3 DONA BRANCA

3.1 DONA BRANCA (05)

Cantado por Tereza Conceição
Araújo dos Santos, 51 anos, na
tural de Maragogipe - Ba. Uru
guai, 01.04.86. (BIA. 1.7)

- *Que Dona Isabel tem que está toda arrepiada?*
2 Não come nem vai à mesa, parece que está inchada.
- *Não foi nada não, meu pai, não é na [da] de admirar,*
4 *foi um copo de água fria que eu bebi de madrugada,*
pisei no cimento frio, estou com a barriga inchada.
6 *Mandou chamar o padre, por ele tá bem julgado.*
O padre veio e disse: - Dona Isabel está endemoniada.
8 *Mandou chamar o médico, por ele tá bem julgado.*
O médico veio e disse: - Dona Isabel tá emprenhada,
10 *com nove mês de prenha, barriga bem avançada.*

3.2 DONA BRANCA (06)

Cantado/narrado por Nelson Nunes Senna (Filhinho), 63 anos,
natural de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do
Forte, 29.03.86. (TAN. 7.1)

- *Que é que tu tens, Dona Branca,* (bis)
2 *que tá de cores mudada?* (bis)
- *Foi um copo de água fria que bebi de madrugada,*
4 *foi um pouco de água fria que bebi de madrugada.*
Se eu tivesse meu criado,
6 *se eu tivesse meu criado, criado de estimação,*
eu escrevia uma carta (bis)
8 *a Dão Carlos, meu irmão.* (bis)

Estudos (7): 47-81, out.1988

Ela estava presa... ela tava... acho que ela tava de barriga. Sem dúvida, foi o pai dela que botou ela na cadeia ou prendeu, porque naquele tempo os carrascos não era brinco não. Esse negócio de reis, essas coisas, naquele tempo... Então uma filha não ia se engravidar pra ficar assim... como hoje, né? Então ele agiu e ela foi presa. Prendeu ela e de dentro da cadeia mesmo ela falou que, se tivesse um criado, um criado de estimação, ela ia escrever uma carta ao Dão Carlos, irmão dela, que era para ele tomar as providências, que ela estava presa.

3.3 DONA BRANCA (07)

Cantado por Arlinda Augusta Bonfim, 62 anos, e Domingas Gonçalves Bonfim, 58 anos, naturais de Santo Antônio - Porto Sauípe - Entre Rios - Ba. Praia do Forte, 30.03.86. (TAN.10.1).

- *Que é que tem, Dona Branca, que me está tão desmudando?*
2 - *Foi um copo de água fria que eu bebi de madrugada*
(bis)
.....
Frês mandamento, um abraço me quis dar. (bis)
4 *Eu me vi, minha santinha, minha santinha arriã.* (bis)

3.4 DONA BRANCA (08)

Narrado/recitado por Isalyra Tavares Machado, 66 anos, natural de Nazaré das Farinhas - Ba. Matatu, 23.05.86 (MAR. 1.2)

Era um reis, tinha uma filha, ela chamava-se Branca. Quando é um belo dia, o pai, ele desconfiou que ela tava assim toda adoentada e perguntou:

- *Que é que tem, Dona Branca, que de cor tá desmudando,*
2 *o vestido encurtando e a barriga empinando?*

Aí ela falou:

- *Não é nada não, meu pai, é culpa do alfaiate.*

Estudos (7): 47-81, out.1988

Ele disse:

4 - Vou mandar chamar o alfaiate para talhar seu vesti
/do.

Aí mandou chamar o alfaiate. O alfaiate veio. Quando o alfaiate foi chegando, que olhou pra ela assim, disse:

- O vestido não está mal talhado, Dona Branca está /grávida.

Ele aí ficou decepcionado e foi procurar saber dela quem era o pai. Aí apareceu um cara, pobre. Aí teve de casar. E ficou tomando conta do palácio lá mais ele.

Entrou por uma porta
e saiu pela outra...

4 FLOR DO DIA

4.1 FLOR DO DIA (09)

Cantado/narrado por Angelina Rodrigues do Nascimento, 63 anos, natural de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 8.3)

Parece que é a história de Flor do Dia... que se casou, ou o homem carregou ela. Depois, a mãe dele não gostava dela, então ela, quando deu a dor pra ganhar neném, mandou ir na casa da mãe dela, e ele não foi. Sô acertava ir na casa da mãe dele. Ele disse:

- Ô minha mãezinha,
2 ô minha mãezinha, vim lhe avisar
que a Flor do Dia de parto está. (bis)

Ela aí respondia:

4 - Tomara que tenha
tomara que tenha um filho varão
6 com a esporra no pê e a lanceta na mão, (bis)
que te corte as cordas do seu coração.

E não ia com ele, ele voltava. Chegava numa agonia! Ele vinha, em vez de ir pra casa dos parentes dela, sô acertava ir pra casa dos parentes dele. Ela dizia assim. Numa dessas viagens ele acertou ir pra casa da mãe dela. Quando vieram... chegaram no caminho... tinha umas ovelhas pastando.

8 - Ô minhas pastoras,
ô minhas pastoras, que estão pastorando,
10 que sino é aquele que está tocando?

Aí as ovelhas responderam:

- É a Flor do Dia que está sepultando.

4.2 ELISA (10)

Narrado/cantado por Esmeralda Araújo Zuanny, 71 anos, natural de Salvador - Ba. Liberdade, 20.05.84. (DOR. 2.27)

Era um príncipe que era apaixonado por uma moça, mas esta moça, a mãe dele não suportava ela, não suportava de maneira nenhuma. Tudo que ela fazia era para desfazer o casamento. Mas ele, cabeça dura, casou com ela. Casou e foram morar muito distante da mãe dela e da mãe dele também. Mas, nesse se vaivém, ela engravidece. Ela fica grávida. Quando vai passando uns tempos, que completa os nove meses, quando é um dia, ela acorda e diz:

- Acordai, Dom Bruno,
2 acordai, Dom Bruno, neste bom dormir.
Vã chamar minha mãe, que eu quero parir.

Mandou chamar a mãe dela. Mas ele, tonto de sono... Aí ela acordou de novo:

4 - Acordai, Dom Bruno,
acordai, Dom Bruno, neste bom dormir.
6 Vã chamar minha mãe, que eu quero parir.

Ele, tonto de sono, levantou, saiu correndo, pegou o cavalo. Mas, em vez de ir chamar a mãe dela, foi pra casa da mãe dele. Quando chegou na casa da mãe dele, que a mãe dele viu aquele tropeçar de cavalo, chegou na janela. Ele, quando viu a mãe dele, cantou:

- Deus vos salve, mãe.
8 Deus vos salve, mãe, Sua Majestade!

Ela respondeu:

- Deus vos salve, filho, em seu bom cavalo! (bis)
10 Desapia, filho,
Desapia, filho, e decanse um bocado.

Ele respondeu:

- 12 - Eu não **desapio** nem descanso um bocado,
que a Flor do Dia em parto está.

Que era Flor do Dia. Aí a mulher, quando ouviu essa notícia, que tava danada, ela aí cantou:

- 14 - Nem que ela tenha,
nem que ela tenha um filho varão
16 que lhe atravessasse pelo coração. (bis)

Quando ele ouviu aquelas palavras da mãe dele, ele aí disse:

- Pronto, com minha mãe não arranjo nada.

Voltou, voltou. Quando ele vinha em toda velocidade, chegou perto da casa dele, ele viu os sinos dobrando, os sinos dobrando, dobrando... Aí vinham aquelas pastorinhas, ele perguntou:

- Minhas pastorinhas,
18 minhas pastorinhas, que estão pastando,
que sino é aquele que está dobrando? (bis)

Ela respondeu:

- 20 - Eu não vi, não sei,
eu não vi, não sei, mas ouvi dizer
22 que a Flor do Dia em parto morreu. (bis)

Que quando ele chegou em casa, encontrou a mulher morta. Quando encontrou a mulher morta, ele aí cantou:

- Minha Santa Elisa,
24 minha Santa Elisa, meu amor primeiro,
perdoai, por Cristo, eu sou o teu veleiro. (bis)

(Quer dizer que ele pediu perdão porque ele agiu errado e a mãe dele tinha rogado aquela praga e a criatura tinha morto.)

Entrou por uma porta,
saiu pela outra.
Rei, meu senhor,
que ouviu minha estória,
que me conte outra.

5 LA CONDESSA

5.1 LA CONDESSA (11)

Cantado por Maria Edite Borges Nunes, 43 anos, natural de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 4.11)

- O de casa, ô de fora, La Condessa, onde mora?
2 - Que é que quer? - fala a Condessa - que por mim
/pergunta agora? (bis)
- Senhor rei mandou dizer que das filhas que vós ti
/vê
4 pra mandar ao menos uma para João casar com ela. (bis)
- Eu não dou as minhas filhas no estado em que elas
/tão,
6 nem por ouro e nem por prata, nem por sonho de **ala**
/gão. (bis)
.....
8 - Volta, volta, cavaleiro, para ser homem de bem,
entra aí neste convento e veja a que lhe convém.
(bis)
- Esta fede, esta cheira, esta é a flor da laranjei
/ra.
10 Venha cá, menina bela, para ser minha companheira.
(bis)
12 Fique aí, menina bela, pra aprender firme gozar,
que do céu **hei** de cair uma agulha e um dedal,
palmatória da mais fina para eu lhe castigar.

5.2 (12)

Cantado por Cleonel Melo Pereira, 40 anos, natural de Cachoeira - Ba. Piatã, 13.06.86. (PED. 13.1)

- Onde moram belas condessas, língua de França onde
/eu nasci?
2 Vim aqui que o rei mandou buscar uma de vossas filhas
e levar a senhora também. (bis)

- 4 - Minhas filhas eu não dou nem por ouro nem por prata,
pelo sangue da barata para casar com este pirata,
6 para casar com este pirata.
- Tão alegre que eu me vinha, tão tristonho vou voltar
8 - Volte cá, seu cavaleiro, escolher a qual quiser.
- Esta quero, esta não quero, esta bebe ovo gorgo,
10 esta come requeijão, esta é que é do meu coração,
esta é que é do meu coração.

5.3 LA CONDESSA (13)

Cantado por Esmeralda Araújo
Zuanny, 71 anos, natural de Sal
vador - Ba. Liberdade, 09.05.86.
(DOR. 2.42)

- Onde mora La Condessa de língua de França e dor de
/lanceta? (bis)
2 - O que queres com a La Condessa de língua de França
/e dor de lanceta? (bis)
- Vim aqui que o rei mandou das três filhas que vós tem
4 para emprestar uma delas para enfiar o ouro. (bis)
- Nem por ouro nem por prata nem por sangue de Aragão,
6 eu não dou a minha filha no estado em ela estão. (bis)
- Tão alegre que viemos e tão triste que voltamos
8 pelas filhas de La Condessa de língua de França e dor
/de lanceta. (bis)
- Volte cá, meu cavaleiro, escolher a que quiser. (bis)
10 - Esta sim, esta não, esta sim, que é do meu coração.
(bis)

6 ALFREDO E MARGARIDA

6.1 ALFREDO E MARGARIDA (14)

Cantado por Miriam Aragão, 30
anos, natural de Ipiauí - Ba. Sal
vador, 26.05.86. (PED. 11.1)

- Hã muito tempo passado, houve um caso na vida.
2 Ele se chamava Alfredo e ela, Margarida.
Alfredo não tinha pai, Margarida não tinha mãe,
4 vivia os dois bem juntinho, parecendo dois irmãos.
Um dia Alfredo disse a ela: - Margarida, eu vou pra
/guerra.
6 Ela respondeu chorando: - Nosso amor está acabado.

- Alfredo não disse nada e saiu... a caminhar...*
8 Alfredo partiu pra guerra, Margarida adoeceu.
Com prazo de quinze dias, Margarida faleceu.
10 Num domingo bem cedinho, Alfredo foi à missa,
encontrou uma menina que lhe deu uma mau notícia.
12 Alfredo não disse nada e saiu a caminhar,
chegando no cemitério, ele ouviu uma voz falar:
14 - Volte pra casa, Alfredo, que eu estou na solidão.
- Por sua causa, querida, não ganhei a salvação.
16 Salve-te, terra adorada! E fui eu o causador.
Morreu minha Margarida, e acabou-se o nosso amor. (bis)

7 BERNARDO FRANCÊS

7.1 BERNARDO, O FRANCÊS (15)

Narrado/cantado por Esmeralda
Araújo Zuanny, 71 anos, natural
de Salvador - Ba. Liberdade,
20.05.84. (DOR. 2.26)

Era um rei da França. Então ele gostava de uma mulher que não era francesa, era apaixonado por essa mulher. Mas ela era muito católica e ele/[...] naquela agonia. Então, tinha um frade que aconselhava ela, era o confessor dela, não sabe? Aí ele tinha uma desconfiança dela horrível. A criatura sofria de fazer dō. Quando foi um dia, ela foi à igreja e ele viajou e disse pro empregado dela... se ela fosse à igreja na ausência dele, que ele podia matá-la. Aí ela foi à igreja. Quando chegou à igreja, que confessou, tudo isso, que, quando elas vêm, o empregado dá um tiro e mata. Mas nessa ocasião ele também já volta da guerra. Quando ele chegou em casa, vem no caminho o pessoal, vexado, vexado. Aí perguntaram a ele:

- Onde vai, Bernardo francês, que vai tão esbaforido?

Ele aí diz:

- 2 - Eu vou ver a minha amada, que hã dias não a vejo.

O pessoal respondeu:

- Sua amada é morta, é morta, que bem vi.
4 A tumba que carregava era de ouro e marfim,
os padres que acompanhava, da igreja de Berlim.

* Nesta altura a informante demonstra que antecipou o verso 13, exclamando: "Não!" e retoma a seqüência.

Aí ele veio. Quando ele chegou, encontrou uma zoada no pa-lácio: o que foi, o que não foi, o empregado disse:

- Ah! O senhor... mandou, se ela fosse ao convento, que eu matasse ela. E eu aí, quando ela voltou, eu dei um tiro e o tiro foi mortal.

Ele disse:

- Ah! Mas você não devia ter feito isso. Eu disse, mas não or-denei.

(Mas já não tinha jeito, né?)

- É, mas ela pediu, ao morrer, que mandasse a cabeça dela a Frei João da Portaria, que pusesse numa bandeja e mandas-se a Frei João da Portaria.

- Mandar a cabeça dela a Frei João da Portaria, por quê?

- Ah! Porque Frei João da Portaria era o confessor dela.

Ele disse:

- Ora, você fazer uma coisa dessas, ela pedindo que não matasse, e ela ainda lhe disse que mandasse a cabeça a Frei João da Portaria, e você fazer uma coisa dessas!?

- Ah! Mas o senhor deu ordem, não é?

Ele foi a Frei João. Quando chegou lá, Frei João da Portar-ria disse:

- Quem é Frei João?

- Sou eu. O que é que se trata?

- Ah! Porque minha mulher...

Ele disse:

- Eu sei. Sua mulher o senhor mandou matar, e me trouxe ram a cabeça dela. Agora, o senhor fez um crime bárbaro, que sua mulher nunca foi infiel, era uma mulher muito decente, muito boa... Aconteceu o seguinte: que o senhor era protes-tante e ela, católica, e ela tinha a mim, um confessor e amigo; ela vinha da casa do senhor se confessar comigo e não como minha amante.

(Mas o que está feito não está pra se fazer.) A criatura morreu, e ele viveu muitos anos desolado e acabrunhado com aquela morte bárbara com ele, e a mulher, inocente.

8 FREI JOÃO

8.1 O CAÇADOR (16)

Narrado/cantado por Isalyra Ta-vares Machado, 66 anos, natural de Nazaré das Farinhas - Ba. Ma-tatu, 23.05.86. (MAR. 1.5)

O caçador tinha dois filhos pequenos e a mulher. Mas ela

não era leal a ele. Ela falseava a ele na missa com um dos frades.

Quando foi um dia, o vizinho disse a ele:

- Seu Manoel, sua mulher não está sendo leal com você.

Aí, nesse dia, ele ficou dentro de casa. Quando foi de madrugada, a mulher tava:

- Levanta, marido meu, que é hora de caçar.

2 *Ofício de caçador é caça de madrugada.*

Ele aí se levantou todo ferrado, pegou a ferramenta e se foi. Quando ele saiu, ela aí se aprontou toda bonita, e lá se vai pra missa. Quando ela foi chegando na igreja, tá lá Frei Joãozinho de missal [...]. Aí ela ficou. Daqui a pouco, Frei João foi dizer missa, [o] missal caiu da mão. Aí jun-tou os frades todo:

- Que é isso, meu Frei João?

Ele disse:

- É o amor de Linda Dona, não quero ser frade não.

Aí Linda Dona veio embora pra casa ligeiro pra não dar co-nhecimento. Ao chegar em casa, o marido não sabe de nada, ela vem. Mas, quando ela vinha, o marido já tinha chegado em casa. Aí ele foi chegando e perguntou:

- Cadê sua mãe?

Os meninos disse:

4 - Ainda bem papai não saía, mamãe já se arrumava:
com seu vestidinho de seda, o vento era quem levava;

6 com seu chinelinho nos pés, o chinelo estalava;
com seu brinco na orelha, o brinco lhe pesava;

8 com seu colar no pescoço, o colar brilhava.

Quando chegou na missa nova, na missa de Frei João,
10 Frei João foi dizer missa, o missal caiu da mão.

Ajuntou os frades todo: - Que é isso, meu Frei João?

12 - É o amor de Linda Dona, não quero ser frade não.

Aí o pai pegou o facão, chep, chep, chep. Amolou o facão, e lá se vai. **Evai** ele, **evai**, **evai** ele pelo caminho. Quando ela vem que vem, chega vem feito uma piabinha. Ele disse:

- Onde vem, mulher minha, tão bonita e tão trajada?

14 - Vim da missa nova, *ofício da madrugada.*

- Mulher minha, eu te mato, te mato com meu facão,

16 *somente pra não te ver nos braços de Frei João.*

Aí ela respondeu:

- Não tenho pena de morrer nem também de me acabar,
18 *sō* tenho pena de meus filhos que não cheguei a criar.

Ele disse:

- Não tenha pena de seus filhos que não chegou a
20 *criar,*
tenha pena de tua alma que não sabe onde vai barrar.

Aí ela respondeu:

- Eu peço, quando eu morrer, me enterre no *esquís ito,*
22 *me enterre na igreja nova, aonde Frei João diz missa.*

Aí ele veio pra casa. Quando ele chegou em casa, foi dor
mir. Quando é de madrugada, que os meninos levanta e vai fa
zer xixi no terreiro, quando *evem* aquele cavaleiro de lá:
prequetê, prequetê, prequetê. Aí os meninos disse:

- De onde vem, cavalinho, na *xeem* da madrugada?

Ele respondeu:

24 - *Procuo Lândia Dona, Lândia Dona, a minha amada.*

Aí os meninos diz:

- Papai matou ela, quando ela veio de lá;
26 *na igreja de Sergipe papai mandou enterrar.*

Aí ele:

- Corre, corre, meu cavalo, nós temos que viajar;
28 *na igreja de Sergipe nós temos que descansar.*

Aí vai ele correndo: pra, pracatã, pracatã, pracatã...
Quando ele foi chegando no portão, ele aí chegou de junto
da sepultura e ele disse:

- Abre-te, cova sagrada, que eu quero entrar,
30 *nos braços de Lândia Dona eu quero me acabar.*

Aí a cova se abriu, entrou ele, cavalo e tudo, e ficou lá
morto.

9 SILVANA

9.1 SILVANA (17)

Narrado/cantado por Esmeralda
Araújo Zuanny, 71 anos, natural
de Salvador - Ba. Liberdade,
18.05.86 (DOR. 2.56)

Era um rei que tinha muitas filhas. Dentre elas, tinha uma
muito bonita que se chamava Silvana. E ele se apaixonou de
la filha. Queria a pulso se casar com a filha. A filha nu
ca aceitou. Ele disse:

- Pois bem, vou lhe dar um castigo: você vai comer de tu
do que quiser, menos ãgua você não bebe.

- Mas, meu pai, um castigo desses?!

- Sim. Ou você aceita o castigo ou se casa comigo.

- Eu não quero, eu não vou me casar de maneira nenhuma com
o senhor.

- Pois bem.

Aí trancou a filha no quarto e ele ficava vigiando. Aí
vinha alimento pra ela, vinha tudo, menos líquido não vinha,
porque mesmo café era ãgua. Ela passou o primeiro dia. O se
gundo dia, quando ela viu a empregada passar, ela aí ca
ntou:

- Empregada, empregada de minh'alma, *dei-me um copo*
/d'ãgua, (bis)

2 *que de sede e não de fome já estou quase a entregar*
/minh'alma. (bis)

A empregada respondeu:

- *Patroa, patroa de minh'alma, eu não posso te dar*
/ãgua,

4 *que o rei, seu pai, jurou pelo golpe da sua espada,*
quem desse água a Silvana ia o pescoço torado.

Quando foi no outro dia, ela, coitada, morta de sede, pas
sou a empregada, ela aí cantou:

6 - *Empregada, empregada de minh'alma, dei-me um copo*
/d'ãgua, (bis)

que de sede e não de fome já estou quase a entregar
/a minh'alma. (bis)

A empregada respondeu:

- 8 - *Patroa, patroa de minh'alma, eu não posso te dar*
que o rei, seu pai, jurou pelo golpe da sua espada,
 10 *quem desse água a Silvana ia o pescoço torado.*

Ela ficou:

- Ai, meu Jesus! Eu já estou que não me agüento de sede.
 Passou o irmão, ela gritou:

- *Irmão, irmão de minh'alma, dei-me um copo d'água,*
 12 *que de sede e não de fome já estou quase a entregar*
la minh'alma. (bis)

O irmão respondeu:

- *Irmã, irmã de minh'alma, eu não posso te dar água,*
 14 *que o rei, nosso pai, jurou pelo golpe da sua espada,*
quem desse água a Silvana ia o pescoço torado.

Passou a irmã, ela fez o mesmo pedido. A irmã respondeu do mesmo jeito. Nisso passou a mãe dela. Quando passou a mãe dela, ela gritou, já fraca:

- 16 - *Mãe, mãe de minh'alma, dei-me um copo d'água, (bis)*
que de sede e não de fome já estou quase a entregar
la minh'alma. (bis)

A mãe chorando, coitada, por passar e ver o sofrimento da filha, respondeu:

- 18 - *Filha, filha de minh'alma, eu não posso te dar água,*
que o rei, seu pai, jurou pelo golpe da sua espada,
 20 *quem desse água a Silvana ia o pescoço torado.*

Quando o rei vai passando pela porta, já fraca, bem fraca, sem força, ela aí cantou:

- *Pai, pai de minh'alma, dei-me um copo d'água, (bis)*
 22 *que de sede e não de fome já estou quase a entregar*
la minh'alma. (bis)

Ele aí disse:

- Eu não vou lhe dar água. Se você quiser se casar comigo,
 é que eu vou lhe dar água.
 Ela aí ficou olhando... Quando acabou, já fraca, disse:

- *Pai, pai de minh'alma, dei-me um copo d'água,*
 24 *depois da água bebida, eu serei tua namorada.*

Estudos (7): 47-81, out. 1988

Ele, quando ouviu estas palavras, saiu correndo, veio buscar água. Quando chegou com a água, ela já estava morrendo. Ele aí ficou abismado que, quando ela tava morrendo, viu aquele bocado de anjos ao redor da filha. Ele, assombrado, caiu pra trás, morreu também. Morreu assombrado e enraivado de não ter casado com a filha.

Aí a conclusão disse:

- *Na cabeça de Silvana, os anjinhos vão cantando,*
 26 *na cabeça do pai dela, o demônio vai berrando.*

10 A FILHA DO REI DA ESPANHA

10.1 A FILHA DO REI DA ESPANHA (18)

Cantado por Arany Santana Neves Santos, 35 anos, natural de Amargosa - Ba. Federação, 25.04.86. (DOR. 20.1)

- A filha do rei da Espanha quis um ofício encontrar,*
 2 *ofício de lavadeira, foi para o rio lavar.*
Logo a primeira camisa que ela se pôs a lavar,
 4 *o anel caiu do dedo, foi para o fundo do mar.*
 - *Por que chorais, bela moça, por que estais a chorar?*
 6 - *Meu anel caiu do dedo, foi para o fundo do mar.*
 - *Que é que me dás, bela moça, se o teu anel for buscar?*
 8 - *Dou um beijo da minha boca, isso não posso negar.*
Deu o primeiro mergulho e nada pôde encontrar,
 10 *deu o segundo mergulho e nada pôde achar.*
Deu o terceiro mergulho, de lá não pôde voltar.
 12 - *O mar que levou meu amor também me queira levar.*

11 MOÇA DA VARANDA

11.1 MOÇA DA VARANDA (19)

Cantado por Tereza Conceição Araújo dos Santos, 51 anos, natural de Maragogipe - Ba. Uru guai, 01.04.86. (BIA 1.5)

- *Bom dia, boa tarde, moça da varanda!*

Estudos (7): 47-81, out. 1988

- 2 - Meu pai não está em casa, o senhor vā retirando.
(bis)

Ele aĩ, ele vai. E chega aĩ:

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda!
4 - Meu pai já está em casa, o senhor vā se sentando.
(bis)

Aĩ o coronel vem:

- Não quero me sentar de pã particular,
6 vim pedir a vossa filha para comigo casar.
- Eu não quero casamento nesta terra alheia,
8 casamento que eu tenho pra ela está ali naquela peia.
(bis)
- O meu pai, não diga isto nem torne a repetir.
10 Se eu não me casar com ele, me apronto e vou fugir.
(bis)

11.2 MOÇA DA VARANDA (20)

Cantado por Maria Laura da Conceição Benn, 55 anos, natural de Maragogipe - Ba. Mussurunga, 14.04.86 (BIA 3.6)

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
2 - Meu pai não está em casa, o senhor vā retirando.
(bis)
- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
4 - Meu pai já está em casa, o senhor vā se sentando.
(bis)
- Eu não quero me sentar, vim falar particular, (bis)
6 vim pedir a vossa filha para comigo casar. (bis)
- Eu não quero casamento nas terras alheias, (bis)
8 casamento que eu tenho pra ela está ali naquela peia.
(bis)
- O meu pai, não diga isso e nem torne a repetir, (bis)
10 se eu não me casar com ele, me arrumo pra fugir. (bis)
Na passagem dessa ponte, que se deu a perdição, (bis)
12 um beijinho, um abraço e um aperto de mão. (bis)

11.3 MOÇA DA VARANDA (21)

Narrado/cantado por Maria Isabel da Silva Oliveira, ± 60 anos. Barra do Pojuca - Pojuca - Camacari - BA. 26.05.86. (TAN.11.1)

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
2 - Meu pai não está em casa, o senhor vā retirando.
(bis)
- Bom dia, boa noite, moça da varanda! (bis)
6 - Meu pai já está em casa, o senhor vā se sentando.
(bis)

Aĩ senta o pai, ele se senta; o pai chega, aĩ ele vai conversar com o pai dela, pedir a mão pra namorar.

11.4 MOÇA DA VARANDA (22)

Cantado por Isalyra Tavares Machado, 66 anos, natural de Nazaré das Farinhas - Ba. Matatu, 23.05.86. (MAR. 1.7)

Evem o cavaleiro de lã:

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)

Ela aĩ responde:

- 2 - O meu pai não tã em casa, o senhor vā retirando.
(bis)

Aĩ diz:

- Meu pai não tã em casa, mas não tarda a chegar.
4 Tire a sela do cavalo, desapeie pra descansar. (bis)

Aĩ a mãe diz assim - quando ele vai chegando -, a mãe fala:

- Meu velho, meu amigo, este moço está aqui,
6 veio pedir a vossa filha pra com ele casar. (bis)

Aĩ o velho responde:

- Eu não quero casamento nas terras alheias, (bis)
8 casamento que eu tenho pra ela é o não daquela peia.
(bis)

11.5 MOÇA DA VARANDA (23)

Cantado por Márcia Maria Ribeiro Machado, 35 anos, natural de Salvador - Ba. Matatu, 10.05.86. (MAR. 3.3)

- Bom dia ou boa tarde, moça da varanda! (bis)
2 - Papai não está em casa, o senhor vai retirando.
(bis)
- Bom dia ou boa tarde, moça da varanda! (bis)
4 - Papai já está em casa, o senhor vá se sentando.
(bis)

11.6 MOÇA DA VARANDA (24)

Narrado/cantado por Cristina Maria Sena Almeida, 40 anos, natural de Canavieiras - Ba. Matatu, 19.05.86. (MAR. 4.8)

- Bom dia ou boa tarde, o moça da varanda! (bis)
2 - Meu pai não está em casa, o senhor vá retirando.
(bis)

Ele sai e volta no outro dia e canta de novo:

- Bom dia ou boa tarde, o moça da varanda! (bis)
4 - O meu pai já está em casa, o senhor vá se sentando.
(bis)
- Eu não quero me sentar, vim falar particular. (bis)

Aí o pai vai entrando e pergunta:

- 6 - Que particular é esse, que eu não posso escutar?
(bis)

Ele responde:

- Vim pedir a sua filha para comigo casar. (bis)

11.7 MOÇA DA VARANDA (25)

Cantado por Maria de Lourdes de Jesus Lima, 46 anos, natural de São Francisco do Conde - Ba. Caixa d'Água, 20.05.86. (MAR. 2.11)

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
2 - Meu pai não está em casa, o senhor vá retirando.
(bis)
- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
4 - Meu pai já está em casa, o senhor vá se sentando.
(bis)
- Eu não quero me sentar, vim falar particular. (bis)
6 vim pedir a vossa filha pra com ela me casar. (bis)
- Eu não quero casamento aqui na terra alheia, (bis)
8 casamento que tem pra ela está aqui na minha peia.
(bis)

11.8 MOÇA DA VARANDA (26)

Cantado por Edelzuita Maria dos Santos, 55 anos. Cosme de Farias, 02.05.86. (PED. 1.1)

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
2 - Papai não está em casa, o senhor vá retirando. (bis)
- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
4 - Papai já está em casa, o senhor vá se sentando.
(bis)
- Não quero me sentar, vim falar particular, (bis)
6 vim pedir a sua filha para comigo casar,
pedir a sua filha para comigo casar.
8 - Não quero casamento nesta terra alheia, (bis)
casamento que eu tenho pra ela está ali naquela peia
(bis)
10 - Meu pai, não diga isso, não torne a repetir. (bis)
Se eu não casar com ele, trato logo de fugir. (bis)

11.9 A MOÇA DA VARANDA (27)

Cantado por Maria de Jesus R.B. de Oliveira, 43 anos, natural de São João - PI. Salvador, 18.05.86. (PED. 10.3)

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
 2 - Meu pai não está em casa, o senhor vā se afastando. (bis)
 - Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
 4 - Meu pai já está em casa, o senhor vā se sentando. (bis)
 - Eu não quero me sentar, vim falar um particular,
 6 não quero me sentar vim falar um particular.
 - Que particular é esse, que o senhor quer me falar?
 8 - Vim pedir a sua filha para comigo casar.
 - Não quero casamento nesta sesmaria, (bis)
 10 casamento que eu tenho pra ela está atrás daquela pia. (bis)
 - Meu pai não diga isto nem torne a repetir. (bis)
 12 Se eu não me casar com ele, com ele eu vou fugir. (bis)

11.10 MOÇA DA VARANDA (28)

Cantado por Miriam Correia Aragão, ± 35 anos, natural de Ipiatã - Ba. Engenho Velho de Brotas, 26.05.86. (PED. 11.7)

- Bom dia ou boa tarde, moça da varanda! (bis)
 2 - O meu pai não está em casa, o senhor pode ir afa-
 tando. (bis)
 - Bom dia ou boa tarde, moça da varanda!
 4 Bom dia, boa tarde, moça da varanda!
 - O meu pai está em casa, o senhor pode ir entrando. (bis)
 6 - Eu vim aqui tratar de um assunto particular: (bis)
 é que com sua filha eu quero me casar. (bis)
 8 - Minha filha eu não dou lã lã lã rã lã lã lã (bis)

11.11 MOÇA DA VARANDA (29)

Cantado por Wilson Oliveira Aragão, 35 anos, natural de Piritiba - Ba. Engenho Velho, 26.05.86. (PED. 12.2)

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
 2 - Papai não está em casa, o senhor tã me esperando. (bis)
 - Bom dia, boa noite, moça da varanda! (bis)
 4 - Papai não tã em casa, o senhor tã me esperando. (bis)

(No final, eu lembro que tem um pedaço assim)

- Minha filha não se casa nem por...

(Não lembro se é "por muito dinheiro", "muito fazendeiro", alguma coisa assim.)

11.12 MOÇA DA VARANDA (30)

Cantado por Benedita Maria de Macedo, ± 48 anos, natural de Salvador - Ba. Salvador, 14.06.86 (PED. 14.1)

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
 2 - Meu pai não está em casa, o senhor vā retirando. (bis)
 - Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
 4 - Meu pai já está em casa, o senhor vā se sentando. (bis)
 - Eu não quero me sentar, vim falar particular. (bis)
 6 - Que particular é esse que não pode se sentar? (bis)
 - Vim pedir a sua filha para comigo casar. (bis)
 8 - Minha filha não se casa em terras alheias, (bis)
 casamento que eu tenho pra ela está ali no pé da peia. (bis)
 10 - Meu pai, não diga isso nem torne a repetir, (bis)
 se eu não me casar com ele, trato logo de fugir. (bis)

11.13 MOÇA DA VARANDA (31)

Cantado por Esmeralda Araújo
Zuanny, 71 anos, natural de Salvador - Ba. Liberdade, 09.05.86.
(DOR. 2.40)

- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
2 - Meu pai não está em casa, o senhor vá retirando (bis)
- Bom dia, boa tarde, moça da varanda! (bis)
4 - Meu pai já está em casa, o senhor vá se sentando (bis)
- Eu não quero me sentar, eu vim falar particular (bis)
6 vim pedir a vossa filha, para comigo casar. (bis)
- Eu não quero casamento nas terras alheias, (bis)
8 casamento que eu tenho pra ela é ali aquela peia. (bis)
- Papai, não diga isso nem torne a repetir, (bis)
10 se eu não me casar com ele, arrumo a trouxa e vou fu
/gir. (bis)
Foi lá naquele beco que se deu a perdição, (bis)
12 um beijinho e um abraço e um aperto de mão. (bis)

11.14 MOÇA DA VARANDA (32)

Cantado por Bernadeth Fernandes
Xavier de Carvalho, 42 anos,
natural de Jequiê - Ba. Piaçã,
18.05.86. (DOR. 26.8)

- Bom dia ou boa tarde, moça da varanda!
2 - Papai não está em casa, o senhor vai se afastando.
(bis)
- Bom dia ou boa tarde, moça da varanda!
4 - Papai já está em casa, o senhor vai se sentando.
(bis)
- Não quero me sentar, vim falar particular,
6 vim pedir a sua filha, para com ela me casar. (bis)
- Minha filha não se casa nesta terra alheia.
8 casamento que eu tenho pra ela é aquela peia. (bis)
- Papai, não diga isto nem torne a repetir, (bis)
10 se eu não casar com ele, eu prefiro até fugir. (bis)
- Eu faço esse casamento, mas não é de meu gosto.
12 Eu faço ele hoje pra amanhã não ter desgosto. (bis)

12 MARIDO INFELIZ

12.1 CHEGUEI DO ROÇADO (33)

Cantado por Maria Edite Borges
Nunes, 43 anos, natural de Praia
do Forte - Mata de São João -
Ba. Praia do Forte, 29.03.86.
(TAN. 4.9)

- Cheguei do roçado, o sol era tão quente, (bis)
2 quando vou chegando em casa, encontro nova gente (bis)
Caminhei pra lá, caminhei pra cá: (bis)
4 - O mulher de droga, bota o meu jantar. (bis)
- Já você chegou com sua danação, (bis)
6 volte ao seu roçado, não tem fanta não. (bis)
- O minha sogra, eu matei Maria (bis)
8 pela falsidade que ela me fazia. (bis)
- Você matou foi de malcriado, (bis)
10 viesses a mim, que tinha-a exemplado. (bis)
- O Seu Delegado, eu matei Maria (bis)
12 pela falsidade que ela me fazia. (bis)
- O Seu Delegado, eu vou lhe contar, (bis)
14 eu andava sujo só pra ela luxar. (bis)
- O meu bom amigo, não se importe não, (bis)
16 **panhe** seus filhinhos, vá para o sertão. (bis)
- Quando chegar lá, torno a me casar. (bis)
18 Se a mulher for falsa, eu torno a matar. (bis)

12.2 MARIDO INFELIZ (34)

Cantado por Miriam Aragão, 30
anos, natural de Ipiã - Ba. Sal
vador, 26.05.86. (PED. 11.5)

- Chego do roçado, sol era tão quente, (bis)
2 quando chego em casa, topo nova gente. (bis)

- Passei pra lã e passei pra cã: (bis)
- 4 - Mulher do diacho, bota o meu jantar! (bis)
 - Você jã pega com essa tentação, (bis)
 - 6 volte pro roçado, não tem janta não. (bis)
 - Entreí em casa com punhal na mão, (bis)
 - 8 dei uma punhalada, ela caiu no chão. (bis)
 - [...] minha sogra, que morava perto: (bis)
 - 10 - Vem enterrar sua filha e criar seus neto,*
 - vou pra São Paulo e tornarei casar. (bis)
 - 12 Se a mulher for ruim, eu tornarei a matar. (bis)

12.3 MARIDO INFELIZ (35)

Cantado por Edízio Bezerra Pa
triotista, ± 33 anos. Salvador,
03.05.86 (PED. 4.4)

- Seu Delegado,
2 Seu Delegado, eu matei Maria, (bis)
ē que muito mal ela me fazia.
4 Seu Delegado, eu matei Maria
ē [...] porque ela me traía.

13 EMÍLIA

13.1 EMÍLIA (36)

Narrado/cantado por Miriam Ara
gão, 30 anos, natural de Ipiáu
- Ba. Salvador, 26.05.86. (PED.
11.6)

- Ô Emília, ô Emília, minha mãe disse pra eu (bis)
2 na tua casa não pisar. (bis)
- Aí Emília vai para a casa da mãe, nê? e fala:
- Ô desgraçada, ô desgraçada, teu filho vem te matar.
(bis)
- 4 Prepara tuas orações, que ele não tarda a voltar.

Aí o filho vem e fala pra mãe [...] e pega uma faca e mos
tra ã mãe e fala:

* O informante corrige com este verso uma emissão imedia
tamente anterior, assim realizada: " - Vem enterrar seus
filho e criar...sua filha e criar seus neto", a qual foi
omitida no texto.

- Lã vai uma punhalada no lado do peito esquerdo.
6 Lã vai outra punhalada no lado do coração
para lembrar que foi morta na noite de São João.
8 E agora doeu em meu coração, inda hã perdão, inda hã
/perdão.

14 IRACEMA

14.1 IRACEMA (37)

Cantado por Miriam Aragão, 30
anos, natural de Ipiáu - Ba.Sal
vador, 26.05.86. (PED. 11.8)

- No alto da caixa-d'água morava uma linda morena,
2 morreu toda envenenada, seu nome era Iracema.
A mãe de Iracema chorava de tanta dor,
4 de ver sua filha morta de tanto ela anou.
O noivo de Iracema chorava de compaixão,
6 de ver sua noiva morta dentro daquele caixão.
O caixão de Iracema foi feito pelo doutor,
8 na tamba estava escrito: "Lembrança do seu amor".

I ROMANCES TRADICIONAIS

SEÇÃO B — CONQUISTA AMOROSA

15 O CEGO

15.1 O CEGO (38)

Cantado por Maria Hilda Conceição, 53 anos, natural de Maragó gipe - Ba. Mussurunga, 14.04.86. (BIA. 2.15)

- Anda, Diana, mais um bocadinho, (bis)
2 sou um pobre cego, não enxergo o caminho. (bis)
.....
Fazia-me cego porque eu queria, (bis)
4 sou Conde da Lagem, Rei da Freguesia. (bis)

15.2 CEGUINHO (39)

Narrado/cantado por Cristina Maria Sena Almeida, 40 anos, natural de Canavieiras - Ba. Matatu, 19.05.86. (MAR. 4.1)

É a história do moço que quer raptar a menina e se finge de cego e bate na porta.

- Tum, tum. - Quem bate aí?

Ele responde:

- 2 - Sou eu, o ceguinho, que pão vim pedir.

A mãe da menina diz pra ela:

- Vai, Helena, no armário
4 pegar pão e vinho pra dar ao ceguinho.

Quando ela chega na porta para dar a esmola ao cego, ele segura e responde cantando:

- Eu não sou cego e nem quero ser.
6 Me fingi de cego pra roubar você.

Estudos (7): 82-95, out. 1988

Aí a menina cai na realidade, que foi enganada, e se despede:

- Adeus, minha casa, adeus, meu jardim.
8 Adeus, minha mãe, que foi ingrata a mim.

15.3 O CEGO (40)

Cantado por Catarina Lúcia de Oliveira, 25 anos, natural de Riachão do Jacuípe - Ba. Salvador, maio, 1986. (PED. 15.1)

- Que late, cachorro, com tanto rosnado?
2 A dona da casa deve estar deitada.
- Acuda, Aninha, dê pão e dê vinho
4 e manda este cego seguir seu caminho.
- Anda, Aninha, mais um bocadinho,
6 que já estamos perto da cavalaria.
- Valha-me, Deus e Nossa Senhora!
8 Nunca vi cego ter cavalaria.
- Eu não sou cego, eu não sou nada,
10 eu sou aquele que te perseguia.
- Bom dia, bom dia, minha vizinha!
12 Que ontem à noite me fugiu Aninha.
- Eu lhe respondo com a cara feia
14 que duas que eu tenho vou botar na peia.

15.4 ANA (41)

Cantado por Esmeralda Araújo Zuanny, 71 anos, natural de Salvador - Ba. Liberdade, 09.05.86. (DOR. 2.44)

- Ô Ana, ô Ana, vã ver quem está aí. (bis)
2 - É um pobre cego a cantar e a pedir. (bis)
- Se ele for cego, dê pão e dê vinho. (bis)
4 - Não quero seu pão nem tampouco o seu vinho, (bis)
sô quero que Ana me ensine o caminho.

Estudos (7): 82-95, out. 1988

16 JULIANA E DON JORGE

16.1 JULIANA (42)

Narrado/cantado por Francisca Jesus dos Santos, 33 anos, natural de Barra do Pojuca - Camaçari - Ba. Pojuca, 16.03.86. (TAN. 1.1)

- Que é que tem, ô Juliana, que está tão triste a /chorar? (bis)
- 2 - É por causa de Dão Jorge, com outra ele vai casar.
- Eu bem te disse, ô Juliana, que Jorge contigo não /casava. (bis)
- 4 - Eu não sabia, ô minha mãe, que Jorge assim me en /ganava.
- **Evêem, evêem** Dão Jorge, montado em seu cavalo. (bis)
- 6 - Ô como vai, ô Juliana, como você tem passado?
- Espere aí, Seu Dão Jorge, espera aí um pouquinho, (bis)
- 8 enquanto eu vou no sobrado ver uma tacinha de vinho.

Aqui é Dão Jorge:

- Peço a você, Juliana, pelo leite que mamou, (bis)
10 não me traga falsidade nessa tacinha de amor.

Agora é Juliana:

- Ô beba, ô beba, Dão Jorge, sem uma demora tar /dar, (bis)
- 12 olhe que eu não sou criança para você me enganar.

Aí Jorge cai. A mãe responde:

- Morreu, morreu Dão Jorge, morreu, morreu, se aca /bou. (bis)
- 14 Não casou com a Juliana nem com outra não casou.

16.2 JULIANA (43)

Cantado por Maria Edite Borges Nunes, 43 anos, Edla Maria Borges e Áurea da Silva Santos, ambas de 12 anos, todas naturais de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86 (TAN. 4.2)

- O que tu tens, Juliana, que estais tão triste a /chorar?
- 2 - É por causa de Dão Jorge, que com outra vai casar.
- Eu bem te disse, Juliana, que Jorge contigo não /casava.
- 4 - Eu bem sabia, ô minha mãe, que Jorge **contigo** não /casava.
- Lã vem, lã vem Seu Dão Jorge, no seu cavalo monta /dô.
- 6 - Ô como vai, Juliana, como você tem passado?
- É verdade, Seu Dão Jorge, que o senhor vai casar?
- 8 - É verdade, Juliana, eu vim foi te convidar.
- Espere aí, Seu Dão Jorge, espere aí um pouquinho, enquanto eu vou lã na sala buscar um copo de vinho.
- 10 - Que vinho é esse, Juliana, que pra mim você guardou?
12 Não me traga falsidade neste copinho de amor.*
-
- Quando eu morrer, Juliana, me enterre num gradeado,
14 me enterre num campo verde, onde passa os namorados.
- Morreu, morreu Seu Dão Jorge, morreu, morreu, se /acabou.
- 16 Não casou com Juliana, também outra não gozou.
Estava em casa descansando, quando o recado chegou:
- 18 - Vã ver seu filho Dão Jorge, que Juliana matou.

* Nesta altura da "performance", com intervenções externas, com crianças chorando, etc., a informante faz um pequeno ensaio antes de continuar, e no ensaio fica em dúvida se a ordem dos versos seguintes é essa mesmo.

16.3 JULIANA (44)

Narrado/cantado por Angelina Rodrigues do Nascimento, 63 anos, natural de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 8.2)

- Que é que tu tem, Juliana, que está tão triste a chorar?
- 2 - Minha mãe, é Seu Dão Jorge que com outra vai casar.
- Aí a mãe dela diz:

- Não te disse, Juliana, que ele não se casava?

Ela responde:

- 4 - Mas, minha mãe, eu não sabia que Dão Jorge me enganava.

Quando ela está na sacada do sobrado, **evêm** ele no cavalo. Ela avistou:

- **Evêm, evêm** Seu Dão Jorge, no seu cavalo amontado.

Ele chegou, disse:

- 6 - Deus vos salve, ô Juliana, no seu bonito sobrado!

Aí ela disse:

- Eu soube, ô Seu Dão Jorge, que o senhor vai se casar.

Ele respondeu:

- 8 - É verdade, Juliana, vim para te convidar.

Aí foi dando a rédea do animal para ir embora. Ela aí disse:

- Espere aí, Seu Dão Jorge, espere mais um pouquinho, pra ver um pouco de vinho.
- 10

Ele aí disse:

- Por Deus peço, ô Juliana, pela imagem do Senhor, não me tragas falsidade neste copinho de amor.
- 12

Ela aí foi, pegou o vinho, já estava envenenado, e deu a ele. Quando deu a ele, ele sentiu-se mal, aí disse:

- Que me deste, Juliana, neste copinho de vinho, que estou com a vista escura, não enxergo mais o cá/minho?
- 14

Ela aí cantou:

- Morreu, morreu Seu Dão Jorge, eu não tenho pena não.
- 16 Quem comigo não casou a outra não deu a mão.

Aí ele na agonia disse:

- Minha gente, quando eu morrer, não me enterre no /sagrado.
- 18 Me enterre num campo santo, que é lugar de apaixonado.

16.4 JULIANA (45)

Narrado/cantado por Isalyra Tavares Machado, 66 anos, natural de Nazaré das Farinhas - Ba. Matatu, 11.05.86. (MAR. 1.1)

Juliana estava sentada no seu trono, quando vai chegando Dom Jorge montado no seu cavalo. Aí ele disse:

- Deus lhe salve, Juliana, no seu trono assentada.

Ela responde:

- 2 - Deus lhe salve, meu Dom Jorge, montado no seu cavalo.

Aí ela respondeu:

- Meu Dom Jorge, ouvi dizer que tu ias se casar.

Ele responde:

- 4 - É verdade, Juliana, eu vim te convidar.

Ela aí chegou, disse a ele:

- Meu Dom Jorge, espere aí, espera aí um bocadinho,
6 que eu vou lá no meu sobrado buscar um cálice de vinho.

Aí ela vai, traz um cálice de vinho. Quando dá a ele, que ele toma, ele começou a ficar tonto, a cabeça rodando, a ca beça rodando. Aí ele disse:

- Juliana, Juliana, que fizeste neste vinho?
8 Tou com minha vista escura, não enxergo o caminho.
Minha mãe ainda pensava que tinha seu filho vivo.

Aí ela responde:

- 10 - A minha também pensava que tu casavas comigo.

16.5 (46)

Cantado por Maria de Lourdes de Jesus Lima, 46 anos, natural de São Francisco do Conde - Ba. Caixa d'Água, 20.05.86. (MAR.2.13)

- Lá vem, lá vem Seu Dom Jorge em seu cavalo amontada
2 - Boa noite, ô Juliana, como você tem passado?
- Ouvi dizer, ô Dom Jorge, que você ia se casar.

16.6 DOM JORGE (47)

Cantado por Leda Maria Santos Silva, 36 anos, natural de Ribeira do Pombal - Ba. Brotas, 28.04.86. (DOR. 21.3)

- O que tu tens, Juliana, que estás tão triste a cho
/rar? (bis)
2 - É por causa de Dom Jorge, que com outra vai casar.
- Lá vem, lá vem Seu Dom Jorge, pela estrada, lá vem.
4 - Deus te salve, Juliana, como você tem passado?
- Seu Dom Jorge, ouvi dizer que o senhor vai se casar.
5 - É verdade, Juliana, vim pra te convidar.
- Seu Dom Jorge, espere aí enquanto eu vou no sobrado

- 8 buscar um cálice de vinho que tenho pra ti guardado.
- Morreu, morreu Seu Dom Jorge, morreu, morreu, se
/acabou.
10 Não casou com minha filha, com outra também não se
/casou.

16.7 JULIANA E DOM JORGE (48)

Cantado por Esmeralda Araújo Zuanny, 71 anos, natural de Salvador - Ba e Francisca Araújo Zuanny, 69 anos, natural de Salvador - Ba. Liberdade, 04.05.86. (DOR. 2.35), (DOR. 23.1)

- O que que tem, Juliana, que está triste a chorar?
(bis)
2 - É por causa de Dom Jorge, que com outra vai casar.
(bis)
- Eu bem te disse, minha filha, que ele contigo não
/casava. (bis)
4 - É verdade, minha mãe, mas não sabia que ele engana
/va. (bis)
- Evê, evê Seu Dom Jorge no seu cavalo montado.
(bis)
6 - Bom dia, ô Juliana, como você tem passado? (bis)
- É verdade, Seu Dom Jorge, que o senhor vai casar?
(bis)
8 - É verdade, ô Juliana, vim para te convidar. (bis)
- Espera aí, Seu Dom Jorge, enquanto eu vá no sobra
/do
10 buscar um copo de vinho que para ti tenho guardado.
(bis)
- Que vinho é este, tão forte que, Juliana, me deste?
12 A cabeça já me roda e a vista me escurece. (bis)
- Morreu, morreu Seu Dom Jorge, morreu, morreu, se aca
/bou.
14 Comigo não se casou nem com outra ele gozou. (bis)

17 DONA GRINÁLIA

17.1 GRIMÁRIA (49)

Cantado por Maria Edite Borges Nunes, 43 anos, e Áurea da Silva Santos, 12 anos, ambas naturais de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 4.4)

- Bom dia, Dona Grimária.* - Bom dia, e vā embora.
- 2 Meu pai não está em casa, visita aqui não demora.
Sou devota de Maria, filha de Nossa Senhora. (bis)
- 4 - Espere aí, ô Grimária, um sonho vou lhe contar:
Sonhei que estava dormindo debaixo de um laranjã,
6 parecendo um beija-flor, quando as flores vêm beijar. (bis)
- Sonhos são variedades para quem quer namorar.
8 O senhor vā-se embora, que o meu jardim vou regar.
O sol está muito quente, as flores querem murchar. (bis)
- 10 - Grimária, o teu jardim para mim não tem valor.
Ele sô tinha valor, se tu me desses uma flor,
12 eu ficaria na certeza que consagrava o nosso amor. (bis)
- Valei-me, Nossa Senhora, valei-me, Nosso Senhor,
14 tire este homem daqui, Oh, que homem traidor: (bis)
- Valei-me, Nossa Senhora, para a igreja eu vou
16 rezar minhas orações aos pés de Nosso Senhor,
que eu estou muito criança, não pretendo ter amor. (bis)
- 18 - Grimária, para a igreja sempre ao teu lado também
/vou,
levando um terço na mão para servir do teu criado,
20 e, se o padre gostar, nós voltaremos casado. (bis)
- Adeus, adeus, ô Grimária, adeus, adeus, jã me vou.
22 Sô voltarei por aqui na véspera de São João,
e, se o padre gostar, nós nos daremos as mãos.

* A acompanhante Áurea da Silva Santos diz "Grinária".

17.2 INÓLIA (50)

Cantado por Bernadeth Fernandes Xavier de Carvalho, 42 anos, natural de Jequiê - Ba. Piaçã, 18.05.86 (DOR. 26.7)

- Boa noite, ô Inólia! - Boa noite, vā-se embora.
- 2 Quando meu pai não está em casa, visita aqui não de
/mora. (bis)
- Tenha paciência, ô Inólia, um sonho eu vou te contar.
- 4 Sonhei que vi teu retrato na sombra de um laranjal,
parecendo um beija-flor, quando as flores vão beijar.
- 6 - Sonhos são variedades para quem quer namorar,
e o senhor vai-se embora, que meu jardim vou molhar.
- 8 O sol está muito quente, as flores querem murchar.
- O teu jardim, ô Inólia, para mim não tem valor.
- 10 sô se eu tivesse a certeza se tu me desse uma flor. (bis)
- Valhei-me, Nossa Senhora, o meu Senhor Redentor,
12 tira este homem daqui, uma promessa vos dou. (bis)

18 GERINALDO

18.1 GENÁRIO (51)

Narrado/cantado por Maria de Lourdes de Jesus Lima, 46 anos, natural de São Francisco do Conde - Ba. Caixa d'Água, 02.05.86. (MAR. 2.1)

Ele era um homem casado e a filha do reis gostava dele. Sempre quando ele passava, ela estava na janela. Aí ela cantava para ele:

- Genário, ô Genário, sírvas* de um reis tão querido,
2 Eu desejo, ô Genário, passar uma noite contigo.

Aí ele sempre olhava pra trás e não ligava, ia embora. Quando era no outro dia que ele passava, ela tornava a cantar.

Aí, quando foi um dia, ele achou que estava de mais. Aí disse:

* Servo.

- É, eu vou resolver ir lá no quarto dessa moça.

Mas era filha do reis. Aí ele, com medo horróroso, mas mesmo assim deu um jeitinho de entrar. Aí foi e se escondeu atrás das cortinas. Aí todo mundo fechou a casa, os empregados fecharam tudo e ele ficou no quarto da moça. Aí, quando é no outro dia, ela acordava cedo pra esperar ele passar. Nesse dia, quem disse que ela acordou? E todo mundo esperan do ela acordar. Nada! Deu seis, sete, oito, dez. Nada! Quando foi uma hora da tarde, aí o pai chamou o empregado e mandou **rombar** a porta do quarto. Aí, quando **rombou** a porta do quarto, eles estava dormindo. Aí o pai dela pegou o cutelo e botou no pescoço dele. Aí, quando ele se assustou, já estava com o cutelo no pescoço. Aí ele disse:

- Ó meu **reis**, meu senhor, eu não tenho culpa não,
4 *foi a sua mesma filha, foi a que me convidou.*

Aí ela se assustou, quando ouviu ele cantando. Aí ela foi pra tirar o cutelo. O pai disse a ela que ela não tirava. Aí ela chegou, virou e disse pra ele:

- Genário, ó Genário, **sirvas** de um rei tão querido,
6 *eu só desejo, ó Genário, passar uma noite contigo.*

Ele aí virou pra ela, fez:

- Quer dizer que são uma noite que você ia passar comigo? Seu pai pode me matar, é?

Ela virou pra ele:

- São era uma noite; se ele quiser lhe matar, pode matar.

Aí o empregado foi quem salvou ele. Pegou, tirou que ele vou para matar. Não matou logo na hora, e ele foi livre do cutelo do **reis**. Porque do escravo... Ele aí ficou sendo escravo do escravo. Tudo que o escravo queria, o empregado do **reis** queria. Ele aí fazia, porque praticamente era a quem ele devia a vida. Mas com tudo isso a moça não deixou de perseguir. Mas de vez em quando ele passava, ela falava. Ele ficou com medo, disse:

- Oh, meu Deus! O homem só tem medo de...

18.2 REGINALDO (52)

Narrado/cantado por Esmeralda
Araújo Zuanny, 71 anos, natural
de Salvador - Ba. Liberdade,
06.05.84. (DOR. 2.8)

Era uma vez um rei que tinha uma filha. O rei era muito rico e só queria casamento igual para a filha. Quando tinha um príncipe que era menos rico e era apaixonado por ela. Disse:

- Oh, meu Deus! Como pode ser pra eu me aproximar de D. Infância? Porque D. Infância é uma princesa tão rica e o pai dela é muito orgulhoso... Não há possibilidade.

E ele pensou, disse:

- Eu que vou procurar um emprego no reinado dele!

Se vestiu de uma pessoa humilde e foi a ele procurar um emprego. Ele disse:

- Nós estamos com a vaga completa. A única vaga que eu tenho aqui é de jardineiro, você aceita?

- Aceito.

Ele queria ficar perto dela, aceitou a vaga de jardineiro. Quando é um dia, ele tava regando o jardim, e ela, de vez em quando, contemplando ele, contemplando. Quando foi um dia, ela não resistiu mais, chegou na janela e cantou:

- Reginaldo, Reginaldo, vassalo do rei querido,
2 *quem me dera, Reginaldo passar uma noite comigo. (bis)*

Ele fez que não ouviu, continuou regando as plantas. Ela aí insistiu:

- Reginaldo, Reginaldo, vassalo do rei querido,
4 *que me dera, Reginaldo passar uma noite comigo. (bis)*

Ele olhou pra cima e respondeu:

- Não zombe de mim, senhora, que sou o vosso cativo.

Ela respondeu:

6 - Não zombo do Reginaldo, é de veras o que digo. (bis)

Ele aí respondeu:

- Que horas quereis, senhora, que venha a vosso pedi
/do? (bis)

Ela respondeu:

8 - De dez para as onze horas, quando o reis estiver
/dormido. (bis)

E ele foi. Acabou de fazer o trabalho dele, foi para o seu quartinho onde morava, ficou lá. Quando foi mais ou me nos a hora marcada, ela veio pra janela e ficou debruçada na janela, e ele passou naquele cavalo pra baixo e pra ci ma. Ela aí cantou da janela:

- Que cavaleiro é aquele, que passa e não me salva?
(bis)

Ele respondeu:

10 - Sou eu, Reginaldo, que vem a vosso mandado. (bis)

Ela respondeu:

- Vieste tarde nem cedo, chegaste a boa hora.
12 Meu pai já está dormindo e a minha mãe se deita ago
/ra. (bis)

Demorou um pouquinho, conversaram, eles aí entraram, foram pro quarto dela e passaram a noite os dois lá no quarto.

Quando foi de manhã, que o rei acordou, viu o jardim seco, sem jardineiro, sem nada. Procurou ali pelo jardim não achou; foi no quarto de Reginaldo, não achou Reginaldo. Aí foi chamar a mulher. Disse pra mulher:

- Fui no quarto de Reginaldo, não encontrei ele aí.
14 O Reginaldo é morto ou a Infância é fugida. (bis)

Depois, ele procurou, procurou, foi no quarto de D. Infância. Quando chegou no quarto de D. Infância, encontrou os dois deitados, abraçadinhos, dormindo. Ele aí olhou e puxou a espada, botou entre eles dois e cantou:

- No quarto de D. Infância encontrei os dois deitados,
16 todos dois abraçadinhos como se fossem dois casados.
Puxei pela minha espada, botei entre eles dois,
18 pra quando eles acordarem darem por pressentido. (bis)

Aí, quando ela tá no melhor do sono, que acorda, que vê a espada do pai entre os dois, chorando, chorando, balançou ele:

- Acorda, Reginaldo, que nós estamos perdidos.
20 Espada de rei meu pai entre nós está metida. (bis)

Ele aí levantou e disse a ela:

- Cala a boca, D. Infância, deixa de tanto chorar,
22 que dentro deste palácio tem que ser príncipe real.
(bis)

Quando amanheceu o dia, o rei, muito furioso, mandou chamar os conselheiros para ajudar, pra ver quem ele era, por que, se ele fosse um pobre, ele ia mandar selar, fazer e acontecer. Quando os conselheiros chegaram, que conheciam Reginaldo, aí ele cantou:

- Mandei chamar os conselheiros para conciliar,
24 e os conselheiros me disse que podiam se casar,
que Reginaldo também era de uma família real.

E casaram os dois, fizeram muitas bodas, muitas festas, que até hoje nós tamos comendo os doces.

I ROMANCES TRADICIONAIS

SEÇÃO C — RELIGIOSOS

19 SANTA IRIA

19.1 IRIA (53)

Cantado por Maria Laura da Conceição Benn, 55 anos, e Maria Hilda Conceição, 53 anos, naturais de Maragogipe - Ba. Mussurunga, 14.04.86. (BIA 3.5), (BIA 2.14)

- Lã na casa de meu pai,
2 lã na casa de meu pai eu dormirei em colchão,
nas terras alheias eu dormirei no chão. (bis)
4 Lã na casa de meu pai,
lã na casa de meu pai eu comerei galinha,
6 nas terras alheias eu comerei sardinha. (bis)
- Ô minhas pastorinhas,
8 ô minhas pastorinhas, que estão pastorando,
que santa é essa que estão adorando? (bis)
10 - Eu não sei dizer,
eu não sei dizer, mas ouvi falar,
12 é a Santa Iria que foi degolada. (bis)
- Ô minha Santa Iria,
14 ô minha Santa Iria, meu amor primeiro,
perdoai-me a morte por Deus verdadeiro. (bis)
16 - Eu não te perdôo,
eu não te perdôo, ladrão carniceiro,
18 que do meu pescoço fizestes um carneiro. (bis)

19.2 IRIAS (54)

Narrado/cantado por Maria Laura da Conceição Benn, 55 anos, natural de Maragogipe - Ba. Uruguaí, 29.05.86 (BIA 3.7)

Era um príncipe que ia casar com a moça, que se chamava Irias. Então ele foi, falou com o pai dela, mas ela não queria casar. Ele aí planejou roubar, e roubou ela. Ela saiu cantando:

- Lã na casa de meu pai,
2 lã na casa de meu pai eu comerei galinha,

Estudos (7): 96-101, out. 1988

nas terras alheias eu comerei sardinha. (bis)

Aí ele respondia:

- 4 - Cala a boca, Irias,
cala a boca, Irias, casarei contigo.

Ela responde:

- 6 - Eu já sou casada, já tenho marido,
que é Deus do Céu e a Virgem Maria.

E vão andando, e ela vai cantando novamente:

- 8 - Lã na casa de meu pai,
lã na casa de meu pai eu dormirei [em] colchão
10 nas terras alheias eu dormirei no chão. (bis)
- Cala a boca, Irias,
12 Cala a boca, Irias, eu casarei contigo.
- Eu já sou casada, já tenho meu marido,
14 que é Deus do Céu e a Virgem Maria.

Aí ele chega num lugar, mata ela e vai-se embora. Passa muito tempo sem vê-la. Quando ele volta, encontra uma igreja e o pessoal rezando. Ele aí pergunta:

- Ô minhas pastorinhas,
16 ô minhas pastorinhas, o que estão pastorando?
Que santa é essa que estão adorando? (bis)

As pastoras respondem:

- 18 - Eu não sei dizer, mas ouvi falar,
é a Santa Iria que foi degolada. (bis)

Ele aí se ajoelha e pede perdão:

- 20 - Ô minha Santa Iria,
ô minha Santa Iria, meu amor primeiro,
22 perdoai-me a morte por Deus verdadeiro. (bis)

Ela aí responde:

- Eu não te perdôo,
24 eu não te perdôo, ladrão carniceiro,
que do meu pescoço fizestes um carneiro. (bis)

Ele aí torna a pedir a ela. Aí ela responde:

Estudos (7): 96-101, out. 1988

26 - Eu já te perdôo,
eu já te perdôo, ladrão carniceiro,

(Lembrando a ele o que ele fez no pescoço dela.)

28 que no meu pescoço fizestes um carneiro.

Ela aí perdoa ele.

19.3 SANTA IRIA (55)

Cantado por Esmeralda Araújo
Zuanny, 71 anos, natural de Sal
vador - Ba.Liberdade, 09.05.86.
(DOR. 2.43)

- Minha Santa Iria,
2 minha Santa Iria, meu amor primeiro,
perdoai por Cristo, sou o teu romeiro. (bis)
4 - Eu não te perdôo,
eu não te perdôo, pois acreditaste
6 num grande falso que me caluniaste. (bis)
Da minha cabeça tu fizeste um coco,
8 da minha barriga fizeste um tambor,
da minha pobre perna, triste batedor.

19.4 SANTA IRIA (56)

Narrado/cantado por Hildete San
tos Cordeiro, 43 anos, natural
de Irará - Ba. Uruguai, 29.05.86.
(BIA. 5.1)

A história de Santa Iria. Ela vivia em casa com os pais, mas tudo indica que ela era casada. E um rapaz se apaixonou por ela. E, como ela não o aceitou, ele carregou, roubou de seus pais. E tudo que ele oferecia ela não aceitava, porque ela achava que em casa dos pais ela tinha tudo melhor. Então tem uma parte em que ele diz assim:

- Me dizeis, Iria,
2 me dizeis, Iria, onde tu dormias?

E ela responde:

Estudos (7): 96-101, out. 1988

- Em casa de meu pai dormia em bons colchões,
4 hoje em terra alheias,
hoje em terra alheias, em esteiras no chão.
6 - Me dizeis, Iria,
me dizeis, Iria, o que tu comias?
8 - Em casa de meu pai eu comia galinha,
hoje nas areias...

(Porque uns dizem "hoje nas areias", outros dizem "hoje em terras alheias").

10 hoje nas areias eu como sardinha.

Então estas coisas foi fazendo com que ele ficasse indigna do com ela. E chegou um dia que ele não agüentou mais e de golou. E, tirou o pescoço dela. E foi embora. Passaram-se muito tempo. Depois ele voltou e viu aquela multidão de ro meiros que rezavam diante de uma santa, de uma imagem erguí da, e ele perguntou quem era a santa. E aí disseram, também cantando (que eu não me lembro dos versos) que era a Iria. E ele perguntou:

- E quem é a Iria?
- Ah, é uma santa que morreu degolada.
Ele aí caiu em si. Foi aquele problema. Ele lembrou-se e aí se prostrou de joelhos diante da santa e can tou:

- Minha Santa Iria,
12 minha Santa Iria, meu amor primeiro,
perdoai minha Santa, eu serei seu romeiro.

E a Santa respondeu:

14 - Eu não te perdôo,
eu não te perdôo, um cão carniceiro,
16 pois tu me matastes como um carneiro.

E ele, implorando:

- Minha Santa Iria,
18 minha Santa Iria, meu amor primeiro,
perdoai, minha Santa, eu serei seu romeiro.

Aí ela colocou um grande sacrifício, uma coisa que talvez não fosse acontecer, e cantou pra ele:

20 - Eu não te perdôo,
eu não te perdôo, um cão carniceiro,

Estudos (7): 96-101, out. 1988

22 pois tu me matastes como um carneiro.

E a condição:

- Eu sô te perdôo,
24 eu sô te perdôo, um cão carniceiro,
se aqueles mares se virar em areia.

Como o arrependimento dele era muito grande, os mares se transformaram em areia, e ele viu aquele deserto todo diante dele. E ele cantou outra vez:

26 - Minha Santa Iria,
minha Santa Iria, meu amor primeiro,
28 perdoai, minha Santa, eu serei seu romeiro.

Aí ela respondeu:

- Eu sô te perdôo,
30 eu sô te perdôo, um cão carniceiro,
se aquelas areias se virar em flor.

Aí todo aquele deserto se transformou em flor, e ele se prostrou diante dela. O grau de arrependimento dele foi tão grande que ele virou santo.

20 BARCA NOVA

20.1 BARCA NOVA (57)

Cantado por Maria Laura da Con
ceição Benn, 55 anos, natural de
Maragogipe - Ba. Mussurunga,
14.04.86. (BIA. 3.3)

Vamos, Maria, vamos pra praia passear,
2 vamos ver a barca nova, que do céu caiu ao mar. {bis}
A barca virou, deixou de virar
4 por causa de Teresa que não soube remar.

20.2 BARCA NOVA (58)

Cantado por Marlon Lacerda Xa
vier, 06 anos, natural de Sa
vador - Ba. Brotas, 11.05.86.
(DOR. 11.1)

Vamos, maninha, vamos ã praia passear,
2 vamos ver a barca nova, que do céu caiu ao mar.
Nossa Senhora vem dentro, Nosso Senhor no altar,
4 São José é o contra-mestre e os anjinhos a remar. (bis)
Rema, rema, remador, que essas águas são de flor. (bis)

20.3 A BARCA NOVA (59)

Cantado por Márcia Maria Ribe
ro Machado, 35 anos, natural
de Salvador - Ba. Matatu-Br
tas, 10.05.86. (MAR. 3.4)

Vamos, maninha, vamos pra praia passear, (bis)
2 Vamos ver a barca nova que caiu do céu no mar. (bis)

I ROMANCES TRADICIONAIS

SEÇÃO D — ASSUNTOS VÁRIOS

21 ANTONINO E O PAVÃO DO MESTRE

21.1 ANTONINO (60)

Cantado por Miriam Aragão, 30 anos, natural de Ipiaú - Ba.Salvador, 26.05.86. (PED. 11.2)

- Antonino, vai à aula que precisa de aprender.
- 2 - Eu vou, minha querida mãe, mas eu sei que vou morrer. (bis)
-
- Meninos que vêm da aula, dão notícia de Antonino?
- 4 - Ficou no salão do mestre morto como passarinho. (bis)
- Abre porta, abre janela, quero ver o meu filhinho.
- 6 Antes que a terra cubra, quero dar um sô beijinho. (bis)

21.2 ANTONINO E O PAVÃO DO MESTRE (61)

Narrado por Edísio Bezerra Patriota, ± 33 anos. Salvador, 05.05.86. (PED. 4.5)

A história de Antonino que atirou a pedra no pavão do mestre, matou o pavão do mestre e que o pai vai pagar, etc. é tal, mas o mestre mata o menino. A tragédia termina aí, com a morte, né? do menino morto pelo mestre.*

* O informante soube apenas contar o resumo do romance, em bora fornecesse ao pesquisador dados importantes que es clarecem como lhe foi transmitido.

21.3 ANTONINO E O PAVÃO DO MESTRE (62)

Narrado por Ana Jacira Nogueira Patriota, ± 25 anos. Salvador, 03.05.86. (PED. 5.1)

Que o pai do menino vai... vai pagar o pavão, o mestre não aceita, no caso, né? Quando ele volta pra estudar a lição, ele fica preso, né?

Ele fica preso, né? E vai... Passa um tempo. Vai passando a turma da escola, e... perguntam por Antonino, né? Ele diz que Antonino ficou preso com o coração desse tamanhinho. E... é, quando aí ele faz... (Termina aí.). Ele se despede em casa da família e vai vingar a morte do menino.*

22 A FORMIGUINHA E A NEVE

22.1 A FORMIGA E A NEVE (63)

Narrado por Maria Thereza R. Carvalho de Sá, 32 anos. Bonfim, 23.04.86. (MIC. 2.6)

Ela sai no frio e na neve fica presa, né? Aí ela tá morrendo, assim presa na neve, com medo de morrer danado e aí ela começa a pedir:

- O sol, que é tão forte, por que não derrete a neve que está prendendo o meu pezinho? (Uma coisa assim). Aí o sol diz a ela que mais forte do que ele é o muro que tapa ele (tã fazendo sombra pra ela, né?). Aí ela diz:

- O muro, você, que é tão forte... saia da frente pra poder não fazer sombra, que é pro sol derreter a neve pra eu soltar o meu pezinho. O muro disse:

- Mais forte do que eu é o rato que me rói.

Aí ela fala:

- O rato, você, que é tão forte, que rói o muro que não deixa o sol brilhar pra derreter a neve pra eu soltar o meu pezinho.

O rato diz que mais forte do que ele é o gato que come ele, e assim vai:

* Caso semelhante ao expresso na nota do texto 21.2.

- O gato, você, que é tão forte e etc.

Aí o gato diz que mais forte do que ele é o cachorro que corre atrás dele. Aí ela diz:

- O cachorro, você, que é tão forte, que pega o gato que come o rato que rói o muro que tapa o sol que derrete a neve, solte o meu pezinho!

Aí o cachorro diz que mais forte é o homem que caça ele e aí ela diz:

- O homem, você, que é tão forte, solte o cachorro que caça o gato que caça o rato que rói o muro que tapa o sol que derrete a neve, solte o meu pezinho!

E assim o homem diz a ela que mais forte que ele é Deus. Aí ela diz:

- O Deus, tu, que é tão forte...

E aí o Deus faz tudo isso acontecer e acaba soltando ela.

23 O PADRE

23.1 O PADRE (64)

Narrado/cantado por Maria Edite Nunes, 43 anos, e Áurea da Silva Santos, 12 anos, naturais de Praia do Forte - Mata de S. João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 4.8)

- O Seu Padre, vim contar as minhas culpas. - Diga, filha, que grande horror. (bis)
- 2 - Eu conto todas minhas culpas, Seu Padre, mas não deixo o meu amor. (bis)
- Deixa, filha, por três dias, este amor abrasador. (bis)
- 4 - Nem por três e nem por menos, Seu Padre, eu não deixo o meu amor. (bis)
- Se levante e vá embora, não te dou Nosso Senhor.* (bis)
- 6 - Eu me levanto e vou embora, Seu Padre, mas não deixo o meu amor. (bis)
- O que Padre *impertinente*, o que Padre *intrigador*, (bis)
- 8 *sô dá conselho à gente pra deixar o nosso amor.* (bis)
- Vou tirar esta batina, pra dançar com esta mulata, (bis)

* Marcou-se bis para este verso, porém a sua primeira emissão, provavelmente por equívoco do Informante, foi: "Me levanto, vá embora, não te dou Nosso Senhor."

10 não há coisa melhor do que dançar com esta mulata. (bis)

Aí ele tira a batina e vai dançar com ela.

I ROMANCES TRADICIONAIS

SEÇÃO E - TEMAS NACIONAIS

24 JOSÉ DO VALE

24.1 JOSÉ DE VALE (65)

Narrado/cantado por Maria de Lourdes Borges, 63 anos, natural de Saúpe - Entre Rios - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 5.1)

Ele prendeu o filho [...]. Agora, a mãe que anda pela rua, porque ele prendeu o filho (no brinquedo). Aí ela sai dizendo assim:

- Ando pela rua com paciência, (bis)
2 procurando a casa de Seu Presidente. (bis)

Aí ela achou a casa do Presidente, foi pedir a ele pra soltar o filho. Prometeu tudo:

- Senhor Presidente, venho lhe pedir. (bis)
.....*
4 - Senhor Presidente, que dinheiro vale? (bis)
Se valer dois contos, solte Zê de Vale. (bis)
6 - Senhor Presidente, que dinheiro vale? (bis)
- Dona, vã embora, que eu não solto não, (bis)
8 que José de Vale é um valentão,
matou muita gente lã no meu sertão,
10 da minha polícia não fez conta não.
- Tenho minha nega da estimação, (bis)
12 pra Seu Presidente não é nada não. (bis)
- Dona, vã embora, que eu não solto não.
14 Leve sua nega, que eu não quero não, (bis)
que José de Vale é um valentão,
16 matou muita gente lã no meu sertão,
da minha polícia não fez conta não.
18 - Tenho meu cavalo da estimação, (bis)
pra Seu Presidente não é nada não. (bis)

* Houve a supressão de um trecho-ensaio em que o Informante tenta estimular sua memória.

20 - Leve seu cavalo, que eu não quero não, (bis)
que José de Vale é um valentão,
22 matou muita gente lã no meu sertão,
da minha polícia não fez caso não,
24 - Tenho meu navio, que me dá milhão, (bis)
pra Seu Presidente não é nada não. (bis)
26 - Leve seu navio, que eu não quero não, (bis)
que José de Vale é um valentão,
28 matou muita gente lã no meu sertão,
da minha justiça não fez conta não.
.....*
30 - Ô minha mãezinha, deixe de presente,
se eu sair na sala, mato o Presidente.
32 - Ô minha mãezinha, deixe de presente, (bis)
que eu sair na sala, mato o Presidente. (bis)

(Quem fala agora, parece que é a filha)

34 - Senhor Presidente, até outro dia,
vou com minha mãe até a Bahia,
36 vou procurar homem que tenha valia.
- Quem tiver seu filho, dê educação,
38 pra depois não ter dor de coração.
Quem tiver seu filho, dê-lhe mais do dia
40 pra depois não ter dor de agonia. (bis)**

(Tem a nega vestida de baiana com o balaiozinho de flor na cabeça e tem o nego vestido de caboclo. Quer dizer que a nega é a mesma mãe de Zê de Vale [...]. O caboclo é o caboclo do brinquedo mesmo. Quer dizer que tem o filho, tem a mãe e tem o caboclo... É muito comprido...).

* Cf. nota da página anterior.

** A partir do verso 31 houve a participação de circunstâncias: Nelson N.Senna (Filhinho), 63 anos, e Maria Edite Borges (filha da Informante), 43 anos, ambos naturais de Praia do Forte.

24,2 JOSÉ DO VALE (66)

Narrado/cantado por Angelina Rodrigues do Nascimento, 63 anos, e Nelson Nunes Senna (Filhinho), ambos naturais de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 8.1)

Aí o Presidente diz:

- Ouço umas vozes, parece mulher. (bis)
2 Suba a escada e diga o que quer. (bis)

Aí ela chega. Quando chega que ele avista, diz:

- Dona Mariquinha, onde você mora? (bis)
4 - No sobrado alto, na Rua da Glória. (bis)

Aí chega e fala para o Presidente:

- Senhor Presidente, eu vim até aqui, (bis)
6 pra soltar um preso lá do Piauí. (bis)

Ele aí responde a ela:

- Dona, vá embora, que eu não solto não, (bis)
8 que José do Vale é um valentão,
matou muita gente lá no meu sertão,
10 da minha polícia não fez caso não.

Ela aí torna a implorar:

- Eu estou aqui, Senhor Presidente, (bis)
12 pra soltar meu filho, que ele é inocente. (bis)
- Dona, vá embora, que eu não solto não, (bis)
14 que José do Vale é um valentão,
matou muita gente lá no meu sertão,
16 da minha polícia não fez caso não.

Aí ela fala para ele:

- Senhor Presidente, que dinheiro vale? (bis)
18 Se valer um conto, solte Zé do Vale. (bis)

Ele repete a mesma coisa:

- Dona, vá embora, que eu não solto não, (bis)
20 que José do Vale é um valentão,
matou muita gente lá no meu sertão,
22 da minha polícia não fez caso não.

Isso aí ela oferece dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez [contos]. Nos dez, ela diz:

- Tenho meu cavalo na estrebaria, (bis)
24 pra Seu Presidente passear um dia. (bis)

Aí ele diz:

- Leve seu cavalo, que eu não quero não, (bis)
26 que José do Vale é um valentão,
matou muita gente lá no meu sertão,
28 da minha polícia não fez caso não.

Aí ela diz:

- Tenho minha vaca lá no meu curral, (bis)
30 pra Seu Presidente fazer um jantar. (bis)
- Leve sua vaca, que eu não quero não,
32 que José do Vale é um valentão,
matou muita gente lá no meu sertão,
34 da minha polícia não fez caso não.
- Tenho minha negra de estimação, (bis)
36 pra Seu Presidente não é nada não. (bis)
- Leve sua negra, que eu não quero não, (bis)
38 que José do Vale é um valentão,
matou muita gente lá no meu sertão,
40 da minha polícia não fez caso não.

Ela diz:

- Tenho meu navio, nas ondas do mar, (bis)
42 pra Seu Presidente nele navegar.
- Leve seu navio, que eu não quero não, (bis)
44 que José do Vale é um valentão,
matou muita gente lá no meu sertão,
46 da minha polícia não fez caso não.

Aí ele sai. Ele fala. José do Vale aí fala pra mãe dele:

- Ô minha mãezinha, deixe de presente, (bis)
48 se eu sair na sala, mato o Presidente. (bis)

A irmã dele está aí, diz. Está na hora dele viajar, embar

car preso. Aí a irmã vai com ele, vai se despedir da mãe:

- Adeus, minha mãe, até outro dia, (bis)
50 vou com meu irmão até a Bahia. (bis)

Quando elas estão nisso aí, escutou um apito, do vapor.
Aí a mãe canta:

- Ouço um apito, parece um vapor. (bis)
52 Será meu filhinho que já embarcou? (bis)

Aí ele foi embora, teve por lá preso, depois ele retorna.
Quando ele retorna, ela aí canta pra ele:

- Venha cá, meu filho, venha me contar (bis)
54 que vida passou no canaviã. (bis)

Ele responde:

- Três dias de fome, três dias de sede, (bis)
56 sô me sustentava em caninhas verdes. (bis)

Aí ela tornou chamar:

- Venha cá, meu filho, venha me contar.*

Aí ele conta novamente. Depois que ela canta pela segunda vez, ele responde:

- 58 - Todo arrodado de alferes e tenente, (bis)
cada um pê de cana eram dois de gente. (bis)

(Aí dá o fim... tem um negócio de uma nega que dança man gaba, aí dá o fim.).

24.3 ZÉ DE VALE (67)

Cantado por Domingas Gonçalves Bonfim, 58 anos, natural de Santo Antônio - Entre Rios - Ba. Barra do Pojuca - Canaçari, 30.03.86. (TAN. 9.3)

* Verso não cantado. Foi apenas citado.

- Senhor Presidente, que dinheiro vale? (bis)
2 Se valer dois contos, solte Zê de Vale. (bis)
- Dona, vá embora, que eu não solto não, (bis)
4 que José de Vale é um valentão,
matou muita gente lá no meu sertão,
6 da minha polícia não fez caso não.
- Ô meu filhinho, venha me contar (bis)
8 que tranços passastes no canaviã. (bis)
- Três dias de fome, três dias de sede, (bis)
10 sô eu sustentado na caninha verde. (bis)
-
Minha manãezinha do meu coração, (bis)
12 chegue mais dinheiro pra minha prisão. (bis)

24.4 ZÉ DO VALE (68)

Narrado/cantado por Isalyra Tavares Machado, 66 anos, natural de Nazaré das Farinhas - Ba. Matatu-Brotas, 23.05.86. (MAR.1.6)

Zê do Vale matou um homem e foi preso. Aí lá vai a mãe falar com o delegado:

- Seu delegado, minhas ordens vale,
2 tome lá dez conto, solte Zê dos Vale.

O delegado respondeu:

- Seu José dos Vale, não solto não,
4 ele fez muita morte lá pelo sertão,
matou muita gente, tem mau coração.

24.5 A PRISÃO DO JOSÉ DO VALE (69)

Narrado/cantado por Esmeralda Araújo Zuanny, 71 anos, natural de Salvador - Ba. Liberdade, 06.05.84. (DOR. 2.2)

Era uma senhora que morava no interior e que tinha um filho desordeiro. [...] Um tipo Lampião. A polícia andava vasculhando ele pra pegar. Ele sô vivia fugindo e fazendo as

dele...

Quando foi um dia, denunciaram ao Presidente (Que antiga-mente os delegado chamava presidente) que ele estava preso no canavial. O delegado foi e mandou fazer um cerco com muito soldado, alferes, tenente, um bocado de coisa, e prendeu ram ele. Quando a mãe dele soube, disse:

- O meu Deus, como é pra eu chegar a Seu Presidente, que eu não conheço?

E saíram procurando. Quando ela vê... chegou perto da casa do Presidente, ela aí cantou:

- Ando por aqui muito descontente
2 procurando a casa do Seu Presidente. (bis)

Ele aí ouviu e disse assim:

- Ouço uma voz que parece mulher.
4 Dona, entre e sente, diga o que quer. (bis)

Ela entrou e:

- Deus lhe dê bom dia, Senhor Presidente!

Ele respondeu:

6 - Deus lhe dê a mesma, Dona, entre e sente. (bis)
Grande novidade, Dona por aqui.

Ela respondeu:

8 - Vim soltar meu filho, que está preso aqui. (bis)

Ele aí ficou assim... Ela disse:

- Senhor Presidente, se dinheiro vale, (bis)
10 eu lhe dou mil contos, solte o Zê do Vale. (bis)

(Que antigamente dizia mil conto, não é?)

Ele disse:

- Dona, vá-se embora, que eu não solto não,
12 que José do Vale é um valentão,
matou muita gente aqui no meu sertão,
14 da minha polícia não fez caso não.

Ela aí continua a chorar e disse:

- Senhor Presidente, se dinheiro vale, (bis)
16 lhe dou cinco contos, solte o Zê do Vale. (bis)

O delegado respondeu:

- Dona, vá-se embora, que eu não quero não,
18 pois José do Vale é um valentão,
matou muita gente aqui no meu sertão,
20 da minha polícia não fez caso não.

Ele aqui, calado! [...]. Ela chorando pra se acabar! Aí pe-
diu ao delegado se ele dava consentimento pro filho vim con-
tar como ele foi preso... Aí o delegado deu consentimento,
ele veio. Aí ele disse:

- O minha mãezinha, bote mais dinheiro
22 pra me livrar desta cadeia. (bis)

Aí ela disse:

- O meu filho, venha me contar
24 como lhe prenderam no canavial. (bis)

Ele respondeu:

- Três dias de fome, três dia de sede,
26 sô me sustentava nas caninha verde. (bis)
Eu me vi cercado de alferes, tenente,
28 cada pē de cana era um pē de gente. (bis)

Aí ela virou, disse:

- Senhor delegado, se dinheiro vale,
30 eu lhe dou dez contos, solte o Zê do Vale. (bis)

Ele:

- Dona, vá-se embora, que eu não solto não,
32 pois José do Vale é um valentão,
matou muita gente aqui no meu sertão.

Aí ele chegou e disse assim:

- O minha mãe, vá chamar minha irmã. Talvez ela...

Ele foi chamar:

- Venha, minha irmã.

Aí veio a irmã dele:

34 - Senhor Delegado, pela Conceição,
solte o Zê do Vale, que ele é meu irmão. (bis)

O delegado:

36 - Dona, vã-se embora, que eu não solto não,
pois José do Vale é um valentão,
38 matou muita gente lã no meu sertão,
da minha polícia não fez caso não.

Ela aĩ [. . .]:

- Que é que vou fazer agora? [. . .]

Ela aĩ disse:

40 - Tenho um barquinho que me dá milhões, (bis)
pra Seu Presidente não tem preço não.

Ele disse:

42 - Dona, vã-se embora, que eu não quero não,
pois José do Vale é um valentão,
44 matou muita gente lã no meu sertão,
da minha polícia não fez caso não.

Ela virou e disse:

46 - Tenho um cavalo na estrebaria (bis)
pra Seu Presidente passear noite e dia. (bis)

Ele disse:

48 - Dona, vã-se embora, que eu não quero não,
eu também tenho o meu, não quero o seu não.

Ela disse:

- Meu Jesus! O que é que eu faço mais pra dar pra ver meu
filho solto?

Ela disse:

50 - Tenho uma criada de estimação, (bis)
pra Seu Presidente não tem preço não. (bis)

Ele:

52 - Dona, vã-se embora, que eu não quero não,
eu também tenho a minha, não quero a sua não. (bis)

Aĩ ela disse:

- Meu Jesus! O que é que eu faço, meu Deus, pra soltar es
se filho?!

Aĩ o filho naquela lastimação, chorando, chorando. As ir
mã... Ela aĩ disse:

- Agora quem vai cantar sou eu.

Aĩ chegou junto do Presidente e disse:

54 - Vou louvar a Deus para o povo ver. (bis)
A bandeira do Rei queira me valer. (bis)

(Quer dizer que cobriu o homem, não é? O que é que o Pre
sidente podia fazer? Estava pedindo pela bandeira do Rei.)
Aĩ o delegado mandou soltar ele. (Ah! Faltou um pedaço.)
Quando ela cantou isso, ele cantou:

56 - Pra que tanto choro, pra que tanto pranto?
Dona, se levante, que eu não sou santo. (bis)

Circ.: - Aĩ soltou o rapaz.

Inf.: - Aĩ soltou o rapaz, que tava todo mundo de joelhos,
não é?

Circ.: - Quer dizer que o rapaz... pediram pela bandeira do
Rei. A bandeira do Rei, praticamente, era a bandei
ra do Divino Espírito Santo. É o Rei, Deus, é o
mais alto.

Inf.: - Aĩ soltou. Quando acabou de soltar, ele saiu can
tando:

Ninguém pisa milho
como tia Babu.

Ela pisa, ela mexe, {bis}
ela faz seu angu.

25 TAPUIA

25.1 TAPUIA E O CAÇADOR (70)

Cantado por Maria Nilda Touri
nho de Carvalho, 71 anos, natu
ral de Maragogipe - Ba. Graça,
17.04.86. (BIA. 4.1)

- Formosa tapuia, que fazes perdida
2 nas matas sombrias do agreste sertão?
As matas são tristes, são tristes e são frias,
4 não queira tão moça morrer de sezão.

- Não quero carinho, de onde nasci,
6 se delas não gostas, não entres aqui.
- Então não desejas vestir uma saia
8 de fina cambraia e um lindo roupão?
Teu corpo, tapuia, é lindo e bem feito
10 e fica mal feito vestir de algodão.
- Não quero cambraia, sou pobre roceira,
12 só faço os trabalhos com roupas grosseiras.
- Basta, tapuia, não digas mais nada,
14 não pensas fortuna, não tenhas maldade,
passando o trabalho, serviço na roça,
16 podendo tão moça morar na cidade.
- Não quero a cidade, pois onde se nasce
18 Deus manda que a vida com gosto se passe.
- Se fosses comigo morar na cidade,
20 decerto, tapuia, serias feliz.
Sapatos de seda, adereços de ouro,
..... não são coisas vis.
22 - Não quero riqueza, o teu ouro é falso,
meus pés não se estragam por andar descalços.
24 - Tapuia, eu te peço, não digas mais nada,
te darei uma pluma de um verde linho.
26 Vamos para o Porto tomar com conforto
três latas de doce e um copo de vinho.
28 - Não quero teu vinho, sou pobre tapuia,
não bebo no copo, só bebo na cuia.

25.2 A TAPUIA (71)

Cantado por Maria Edite Borges
Nunes, 43 anos, natural de Praia
do Forte - Mata de São João -
Ba. Praia do Forte, 29.03.86.
(TAN. 4.1)

- Formosa tapuia, que anda fazendo
2 nas matas tão triste deste agreste sertão?
As matas são frias, são frias e triste,
4 não queira tão moça morrer de sezão.
- Não quero carinho, não tenho ambição,
6 pois nada me falta aqui no sertão. {bis}
- Olha, tapuia, eu tenho dinheiro
e belos e lis.
8 Vamos para o Porto tomar um conforto,
seis latas de doce e um copo de vinho.

- 10 - Não quero carinho, sou pobre tapuia, {bis}
não bebo no copo, só bebo na cuia.

25.3 A TAPUIA (72)

Cantado por Maria Edite Borges
Nunes, de 43 anos, natural de
Praia do Forte - Mata de São
João - Ba. Praia do Forte,
12.04.86. (TAN. 4.12)

- Formosa tapuia, que anda fazendo
2 nas matas sombrias deste agreste sertão?
As matas são frias, frias e tristes,
4 não queira tão moça morrer de sezão.
- Não quero carinho, nas matas nasci, {bis}
6 se delas não gostas, não fiques aqui.
- Olhe que as matas nasceram para as feras,
8 te digo, deveras, não fiques aqui.
Eu tenho dinheiro, criado e engenho,
10 dinheiro eu não tenho, é só para ti.
- Não quero carinho, não tenho ambição, {bis}
12 pois nada me falta aqui no sertão.
- Se fores comigo à minha cidade,
14 serás, tapuinha, decerto feliz.
Vestido de seda, sapato de couro,
16 **alderício** de ouro não são coisas vis.
- Não quero carinho, que teu ouro é falso, {bis}
18 meus pés não se estragam de andar descalço.
- Antes quiseres vestir uma saia
20 de fina cambraia e rico balão.
Tapuia, teu corpo é rico e bem feito
22 e fica mal feito vestir algodão.
- Não quero carinho, sou pobre roceira, {bis}
24 só faço trabalho com roupas grosseiras.
- Olha, tapuia, não perca a fortuna,
26 eu tenho dinheiro, de belos e lis.
Vamos para o Porto, tomar um conforto,
28 tem lata de doce e um copo de vinho.
- Não quero carinho, sou pobre tapuia, {bis}
30 não bebo no copo, só bebo na cuia.
- Basta, tapuia, não diga mais nada,
32 não tenho maldade, não fique zangada.
Fazendo trabalhos, serviço de roça,
34 podendo tão moça morar na cidade.

- 36 - Não quero carinho, não diga mais nada, {bis}
Deus manda que a vida, contenda passada.

25.4 TAPUIA (73)

Cantado por Maria de Lourdes de Jesus Lima, 46 anos, natural de São Francisco do Conde - Ba. Caixa d'Água, 02.05.86. (MAR.2.5)

- 2 Sou pobre tapuia, na mata nasci,
se nela não morro, viver quero aqui.
.....
Sou pobre tapuia, na mata nasci
.....
4 não bebo no copo e sô bebo é na cuia.

25.5 TAPUIA (74)

Cantado por Edísio Bezerra Pa-
triotista, † 33 anos. Salvador,
03.05.86. (PED. 4.1)

- Querida tapuia, o que faz aqui
2 perdidas nas matas sombrias do agreste sertão?
Essas matas são frias, são frias e triste.
4 Não tem medo esta moça de morrer de sezão?
- Se dela não gosta, o que faz aqui?
6 - Serás, tapuinha, do meu coração.
Riqueza eu tenho, escravos, engenho,
8 tudo isso eu te dou, boto em tuas mãos.
- E não tenho ambição, que nada eu preciso.
10 - Querida tapuia, se tu fores comigo praminha cidade,
serás, tapuinha, da minha amizade.
12 Jóias de ouro, sapatos de couro,
tudo isto eu te dou pra usar na cidade.
14 - Eu não quero os carinhos, os teus [...] ouro é falso,
os meus pés não se gasta de andarem descalço.
16 - Querida tapuia, não perca fortuna,
que lá não tem bruma, lá tudo caminha.
18 Aos porto nós vamos tomar um conforto
das latas de doce, dos copos de vinho.
20 - Eu não quero os carinho, sou uma pobre tapuia,

- não bebe no copo, sô bebo na cuia.
22 - Se disser que tu queres vestir uma saia
de lindas cambraias com lindos galhões,
24 teu corpo, tapuia, é lindo, é bem feito,
se torna mal feito em trajés de algodão.
26 - Eu não quero os carinho, sou uma pobre roceira
o que igual... serviço é uma saia grosseira.
28 - Querido tapuia, pegamo as enxada,*
guardemo cum cuidado pra outro roçado,
30 [...] vendemo as espuma, compremo uma roça,
nós sômo bem moço, podemos casar.

25.6 FORMOSA TAPUIA (75)

Cantado por Magnólia Xavier Gue-
des, 36 anos, natural de Jequiê
- Ba. Piatã, 31.03.86. (DOR.1.2)

-perdida
2 nas matas sombrias de agreste sertão?
As matas sombrias são frias, são tristes,
4 não queiras tão moça morrer de sezão.
- Não quero carinho, nas matas nasci,
6 se delas não gostas, não fiques aqui.

25.7 FORMOSA TAPUIA (76)

Cantado por Bernadeth Fernandes
Xavier de Carvalho, 42 anos, na-
tural de Jequiê - Ba. Piatã,
18.05.86. (DOR. 10.2)

- Que fazes, tapuia, por aqui perdida,
2 nas matas sombrias de agreste sertão?
Teu corpo é bem feito.....
4 mas fica mal feito vestindo algodão.
- Não quero carinho, sou pobre roceira,

* A partir deste verso o uso de formas próprias do dialeto rural não assumido até então por nenhum dos personagens, leva a admitir a possibilidade de um segundo pretendente, não urbano.

- 6 *sõ* faço trabalho *ẽ* com roupa grosseira.
- Casavas comigo, *ias* pra cidade,
8 *serias*, *tapuia*, bastante feliz.
Vestido de seda, sapato de ouro,
10 *vivãamos* juntinhos, bastante feliz.
- Não quero carinho, sou pobre *tapuia*,
12 não bebo no copo, eu *sõ* bebo na cuia.

25.8 FORMOSA TAPUIA (77)

Cantado por Bernadeth Fernandes
Xavier de Carvalho, 42 anos, na-
tural de Jequiẽ - Ba. Piaã,
18.05.86. (DOR. 10.3)

- Que fazes, *tapuia*, por aqui perdida,
2 na mata sombria do agreste sertão?
As matas sombrias são frias, são tristes,
4 não queiras tão moça morrer de sezão.
- Não quero carinho, nas matas nasci,
6 se delas não gostas, não fiques aqui.
- Vamos, *tapuia*,
8 vamos para o Porto tomar um conforto,
um prato de doce, um copo de vinho.
10 - Não quero carinho, nas matas nasci,
se delas não gostas, não fiques aqui.

26 TAPUIA DO CACAUAL

26.1 TAPUIA E O CAÇADOR (78)

Cantado por Maria Nilda Touri-
nho de Carvalho, 71 anos, natu-
ral de Maragogipe - Ba. Graça,
17.04.86. (BIA. 4.3)

- *Tapuia*, linda *tapuia*, que fazes no cacauã?
2 - Por aqui *ẽ* meu caminho para ir ao cafezal. (bis)
- Nem por aqui *ẽ* caminho, nem hã café que apanhar.
4 *Tapuia*, linda *tapuia*, o que vens aqui buscar?
- Eu venho apanhar goiaba para dar a meu irmão. (bis)

- 6 - Ficam na beira do rio, não *ẽ* nessa direção. (bis)
- Eu venho colher baunilha, que minha mãe me pediu.
(bis)
8 - *Tapuia*, no cacauã baunilha nunca se viu. (bis)
- Pois então eu vou ao largo onde meu pai tem que vir.
(bis)
10 - Ao largo, por este sítio? Para que estãas a mentir?
(bis)
- O branco tanto pergunta que eu não sei mais respon-
/der. (bis)
12 mas sinto dizer: "Que queres, o que veio aqui fazer?"
(bis)
- Todos os dias eu te vejo no meu cacauã a andar,
14 sempre a seguir meus passos, meus olhos sempre a *fi*
/tar.
- Adeus, branco, eu vou-me embora para não tornar a
/ver. (bis)
16 Se o branco não acha caça, não fui eu que a fiz per-
/der. (bis)
- Volta cã, linda *tapuia*, não vãs assim a fugir,
18 tuas palavras são ternas, volta, volta a repetir.
- Adeus, branco, eu vou-me embora para não tornar a
/voltar.
20 quem procura caça fina deve saber farejar. (bis)
E a *tapuia* na selva para sempre se ocultou, (bis)
22 e o caçador das *dúzias*, mal da caça que ficou. (bis)

26.2 TAPUIA (79)

Cantado por Maria Hilda Concei-
ção, 53 anos, natural de Marago-
gipe - Ba. Mussurunga, 14.04.86.
(BIA. 2.1)

- *Tapuia*, linda *tapuia*, que fazes no *cacauã*? (bis)
2 - Por aqui *ẽ* meu caminho para ir ao *cafezal*.
- Nem por aqui *ẽ* caminho, nem hã café que apanhar.
(bis)
4 - *Tapuia*, linda *tapuia*, o que veio aqui buscar?
- Eu vim colher baunilha, que meu irmão me pediu. (bis)
6 - *Tapuia*, no *cacauã*, baunilha nunca se viu.
- Adeus, o que eu vou-me embora para nunca mais a *vi*,
(bis)
8 quem procura caça fina deve saber farejar.

27 O ALAZÃO

27.1 O ALAZÃO (80)

Cantado por Auxêncio Pereira,
85 anos. Rio Vermelho, 27.04.86.
(MIC. 4.11)

- Cê se lixa, cê se laxa.
2 Todo cavalo estica não como o de D. Jovita.
- Senhora D. Jovita, não me receba como visita.
4 Hoje aqui na sua casa eu não vem lhe visitar não.
Da sua casa hoje eu quero é o seu cavalo Alazão.
6 - Deixa de bobagem, mateiro, que tu não leva ele não.
Aqui tem vindo home de correntinha e correntão,
8 ainda não teve dinheiro pra levar meu Alazão,
quanto mais tu, mateiro, que guarda pente no gibão.
10 - Senhora D. Jovita, não me diga isto não,
por alma do seu marido, finado Pantaleão.
12 As palavras não foram ditas, Jovita caiu no chão.
Com o espaço de meia hora levanta Jovita do chão.
14 - Senhora D. Jovita, já me vou com Alazão.

28 JOSÉ E MARIA

28.1 JOSÉ E MARIA (81)

Cantado por Nelson Nunes Senna
(Filhinho), 63 anos, natural de
Praia do Forte - Mata de São
João - Ba. Praia do Forte,
12.04.86. (TAN. 7.5)

- Não tinha nem doze anos,
2 José e Maria se amavam,
mas o velho pai da moça,
4 com isto não concordava.
As cartas que ele mandava
6 com tristeza ele rasgava.

- É melhor nós dois fugir.
8 Outro jeito não lhe davam.
Combinaram se encontrar
10 na mata do Tombador.

- Maria saiu de casa
12 e a mãe sorte acompanhou.
Bem na beira do caminho,
14 uma onça lhe pegou,
e o seu xalinho branco
16 na forcada lhe deixou...

- José conheceu o xale,
18 pelas matas foi entrando,
e a trança do seu cabelo,
20 na picada foi achando.
Chegou na beira do rio,
22 do outro lado foi nadando,
e, numa gruta de pedra,
24 a onça estava esperando.

- José viu Maria morta,
26 dentro da gruta pulou,
arrancou o seu revólver
28 e com a fera lutou.
Puxou pelo seu punhal
30 e com a fera lutou,
e dois corpos ali sem vida,
32 na forcada ali ficou.

- E passando um caçador,
34 José ainda pôde falar:
- Avise minha família,
36 que eu não posso mais voltar,
Maria morreu por mim,
38 por ela eu devo findar.
Nós casamos aqui na terra
40 e no céu nós vai morar.

29 PAI MATEUS

29.1 PAI MATEUS (82)

Cantado por Nelson Nunes Senna
(Filhinho) e Angelina Rodrigues
do Nascimento, ambos de 63 anos,
naturais de Praia do Forte - Ma
ta de São João - Ba. Praia do
Forte, 29.03.86. (TAN. 7.2)

- Ai Jesus, ai meu Deus, que sorte, que sina de Pai
/Mateus! (bis)
- 2 - Pai Mateus, nego confiado, (bis)
olha, Pai Mateus, que eu tenho meu marido. (bis)
- 4 - Ai Jesus, ai meu Deus, que sorte, que sina de Pai
/Mateus! (bis)
- Pai Mateus, que vida é a sua, (bis)
- 6 bebendo cachaça, caindo na rua? (bis)
- Ai Jesus, ai meu Deus, que sorte, que sina de Pai
/Mateus! (bis)
- 8 - Pai Mateus, nego confiado, (bis)
olha lá, Pai Mateus, que eu tenho meus cunhados. (bis)
- 10 - Ai Jesus, ai meu Deus, que sorte, que sina de Pai
/Mateus! (bis)

(Isso aí era um negócio que tinha um negro que bolia com a moça, ele ficava, acho que dizendo piadas a ela, mexeu com ela. Ela então ameaçou dessa maneira.)

29.2 PAI MATEUS (83)

Cantado por Domingas Gonçalves Bomfim, 58 anos, natural de Santo Antônio - Entre Rios - Ba. Barra do Pojuca, 30.03.86. (TAN. 9.2)

- Pai Mateus, chegue-se pra lá, (bis)
2 com suas mãos sujas pra não me sujar. (bis)
- Ai Jesus, ai meu, ai Jesus, ai meu Deus,
4 que sorte, que sina ficou Pai Mateus!
Esta sorte foi Deus que me deu.
- 6 - Pai Mateus, o negro atrevido, (bis)
olhe que eu sou casada, tenho meu marido. (bis)
- 8 - Ai Jesus, ai meu, ai Jesus, ai meu Deus,
que sorte, que sina ficou Pai Mateus!
- 10 Esta sorte foi Deus que me deu. (bis)
- Pai Mateus, um homem ousado, (bis)
- 12 Pai Mateus um nego ousado,
procure o lugar que eu sou casada. (bis)

II NARRATIVAS CANTADAS EM PROCESSO DE TRADICIONALIZAÇÃO

1 MENINA ONDE TU MORAS

1.1 (84)

Cantada por Maria Laura da Conceição Benn, 55 anos, e Maria Hilda Conceição, 53 anos, natu-
rais de Maragogipe - Ba. Mussu-
runga, 14.04.86. (BIA.3.1/2.9)

- Menina bonita, (bis)
2 aonde você mora? (bis)
- Eu moro na Saúde, { bis }
4 do lado da Glória.
- Menina bonita, (bis)
6 que idade você tem? (bis)
- Eu tenho doze anos, { bis }
8 não digo a ninguém.
- Menina bonita, (bis)
10 eu quero lhe amar. (bis)
- Senhor, Seu Marinheiro, { bis }
12 não venha me empatar.
- Menina bonita, (bis)
14 eu quero lhe amar. (bis)
- Senhor, Seu Marinheiro, { bis }
16 a papai pode falar.

2 ROMANCE DO BAILE

2.1 (85)

Cantada por Maria Hilda Concei-
ção, 53 anos, natural de Marago-
gipe - Ba. Mussurunga, 14.04.86.
(BIA. 2.10)

- Mamãezinha, eu fui ao baile, { bis }
2 um rapazinho me falou:
Coisinha gostosinha, { bis }
4 no meu coração amou.

- Minha filha, não diga isso,
6 que seu pai já reclamou. { bis }
- Ele manda lhe falar
8 que ele também já amou. { bis }
- Minha filha, sua idade
10 não pretende ter amor.
- A senhora, mamãezinha,
12 com dez anos se casou. { bis }
- Minha filha, eu me casei,
14 pois já estou arrependida. { bis }
- Eu me caso e não **rependo**
16 coisa boa é ter marido. { bis }

2.2 MAMÃEZINHA FUI AO BAILE (86)

Cantada por Francisca Jesus dos Santos, 33 anos, natural de Barra do Pojuca - Camaçari - Ba. Barra do Pojuca, 30.03.86. (TAN. 1.4)

- O mamãezinha, eu fui ao baile
2 que o brotinho me chamou. { bis }
- Ele me disse coisinhas boas
4 que meu coração gostou. { bis }
- O minha filha, não pense nisso,
6 que sua idade não permite amor. { bis }
- E a senhora, mamãezinha,
8 com dez anos se casou. { bis }
- Eu me casei, foi com dez anos,
10 mas ainda estou arrependida. { bis }
- Eu não que não me arrependo,
12 coisa boa é ter marido. { bis }
- Fique aĩ, de joelho,
14 é o castigo que eu te dou. { bis }
- Perdão, minha mamãezinha,
16 eu não faço assim mais não. { bis }

2.3 MAMÃEZINHA (87)

Cantada por Áurea da Silva Santos, Edla Maria Borges e Virgínia Lima Santana, todas de 12 anos, naturais de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 6.1)

- Mamãezinha, eu fui ao baile
2 e um moreno me falou, { bis }
- ele me disse coisinha boa,
4 que no coração ficou. { bis }
- O minha filha, não pense nisso,
6 que sua idade não pertence amor. { bis }
- Não sei como a mamãezinha,
8 com dez anos se casou. { bis }
- O minha filha, eu me casei,
10 mas estou arrependida,
mas com dez anos, eu me casei,
12 mas estou arrependida.
- Eu não que não me arrependo,
14 coisa boa é ter marido. { bis }
- O menina desalterada,
16 ela hoje se alterou. { bis }
- Fique aĩ de joelho,
18 é o castigo que eu lhe dou. { bis }
- Perdoa, mamãezinha,
20 que eu não faço mais assim. { bis }
- Nem de hoje, nem de ontem,
22 não seja mais tola assim. { bis }

3 O PASSARINHO

3,1 O PASSARINHO (88)

Cantada por Wilson Oliveira Aragão, 35 anos, natural de Piritiba - Ba. Salvador, 26.05.86.
(PED. 12.1)

- Debaixo dum arvoredado*
2 eu estava descansando;
quando olhei para cima,
4 vi um passarinho cantando.
- Eu perguntei: "Passarinho,
6 quem foi **quem** te ofendeu?"
Ele gritou: "Minha amada
8 bateu asas e morreu."
- Antes de morrer lembrou-se
10 da prisão, de tal degredo,
preso naquela gaiola
12 debaixo do arvoredado.

4 MESTRE PINTOR

4.1 MESTRE PINTOR (89)

Cantada por Tânia Penido Monteiro, 40 anos, natural de Salvador - Ba. Barris, 14.06.86. (TAN. 12.1)

- Tum, tum, tum... { bis }
- 2 - Quem bate nesta porta? { bis }
- Sou eu, mestre pintor,
4 Gabriel da boca torta. { bis }
- Faz favor { bis }
- 6 de entrar e se sentar,
que eu te mandei chamar, { bis }
- 8 tenho obras pra te dar. { bis }
- Na cozinha, { bis }
- 10 me pinte uma bananeira,
para alegrar { bis }
- 12 esta pobre cozinheira. { bis }

- Na escada,
14 me pinte umas carrancas, { bis }
- para evitar
16 que me subam de tamancas. { bis }

4.2 MESTRE PINTOR (90)

Cantada por Áurea da Silva Santos, Edla Maria Borges e Virgínia Lima Santana, todas de 12 anos, naturais de Praia do Forte - Mata de São João - Ba. Praia do Forte, 29.03.86. (TAN. 6.2)

- Tum, tum, tum... { bis }
- 2 - Quem bate em minha porta? { bis }
- Sou eu, mestre pintor,
4 pintor da boca torta. { bis }
- Mestre pintor,
6 pode entrar e se sentar,
foi eu que mandei chamar { bis }
- 8 para a casinha pintar. { bis }
- Minha sinhã,
10 diga logo o que é que quer, { bis }
- se quer tinta fina
12 ou forrada de **papê**. bis
- Quero esta casa { bis }
- 14 muito chique e pintadinha,
para alegrar { bis }
- 16 esta pobre viuvinha: { bis }
- Mestre pintor,
18 vamos lá para a varanda, { bis }
- quero que pinte
20 dois passaros cantando. { bis }
- No meu quarto
22 me pinte ao comprido, { bis }
- para lembrar
24 do finado meu marido. { bis }

- Na cozinha
 26 me pinte uma bananeira, { bis }
 para alegrar
 28 esta pobre cozinheira. { bis }
- Õ sinhã
 30 traz café e pão torrado, { bis }
 para dar ao mestre pintor
 32 que veio pintar o meu sobrado. { bis }
- Minha sinhã...
 34 - O que é que é? { bis }
 - *Xica, xica* se quebrou,
 36 mas eu trago na colher. { bis }

4.3 O PINTOR (91)

Cantado por Bernadeth Fernandes
 Xavier de Carvalho, 42 anos, na
 mural de Jequiê - Ba. Piaçã,
 18.05.86 (DOR. 10.6)

- Tum, tum, tum, tum.
 2 - Quem bate em minha porta? { bis }
 - Sou eu, mestre pintor,
 4 mestre pintor da boca torta. { bis }
- Mestre pintor,
 6 eu mandei lhe chamar { bis }
 pra minha casinha
 8 o senhor consertar. { bis }
- Minha senhora,
 10 diga a obra como quer, { bis }
 se quer de copa fina
 12 ou amarrada de papel. { bis }
- Quero nesta sala
 14 um grande cupido { bis }
 para me lembrar
 16 do finado meu marido. { bis }
- Quero neste canto
 18 umas bananeiras
 para alegrar
 20 minha triste cozinheira.

O ROMANCEIRO
GALEGO

I ROMANCES TRADICIONAIS

1 QUINTADO + APARICIÓN

1.1 O SOLDADO (92)

Recitado por Elvira Corujeira
Albán, 86 anos, natural de Ermi
da - Pazos de Borbén - Pontevedra -
Espanha. Salvador, 16.05.88.
(ROS. 2.2).

- ¿Tí que tienes, meu soldado, que estás triste en
/la guerra?
2 ¿Es por padre ou por madre, ou por gente de tu ter
/ra?
- No es por padre ni por madre, ni por gente de mi
/terra,
4 es por mi namorada, que me ha quedado doncella.

Mais ela dali non tirou máis nada, non a conoeceu máis.

- ¿Tí que tienes, meu soldado, que estás triste en
/la guerra?
6 ¿Es por padre ou por madre, ou por gente de tu ter
/ra?
- No es por padre ni por madre, ni por gente de mi
/terra,
8 es por mi namoradiña, que me ha quedado doncella.
- Tu namorada ya es muerta, morta que eu ben la vín.*
10 Tu namorada es muerta, eu de terra me cubrín.
Se presumiran en Dios como presumen en tí,
12 as cadenas do infierno gardáronse para mín.

E entón ēl respondeulle:

- Yo venderei mi caballo, yo me venderei a mín.

* Dois antigos romances convergiram na tradición ibérica pa
ra um único texto, provavelmente pela semelhança temática
ou de motivos. Observe-se que a partir deste verso, a ri
ma assoante se faz em *í*, enquanto até o verso anterior ē
regularmente em *ē-a*. A mudança da rima e, neste caso, o
indicador do limite dos dois romances em contacto.

- 14 Yo venderei mi caballo, dareiche misas a ti.
 - Nin venderás tu caballo, nin te venderás a ti,
 16 cuanto máis misas me dás, máis penas me dás a min.
 Soldado, se te casares, cásate en Valladolid,
 18 alí hai catro doncellas, unha sirve para ti.
 Se tiverdes unha hija, le ponderás coma min,
 20 pōndele Rosa del Alma e así me llaman a min.
 Cuando a leves ā misa, pona diante de ti,
 22 mira que cha non enganen, como me enganache a min.

2 SILVANA

2.1 (93)

Recitado por Dionilda Corujeira
 Albán, 84 anos, natural de Ermi
 da - Pazos de Borbén - Pontevedra -
 Espanha. Salvador, 07.05.86.
 (ROS. 1.1)

O reino tiña tres fillas, todas tres andaban d'ouro
 2 E la *mai* guapiña delas se chamaba Delgada.
 (O nome dela).

- Delgadiña de mi vida, Delgadiña de mi alma,
 4 Delgadiña de mi vida, tu tes que ser miña dama.

Dixollo así ā filla, a máis moza, que era a máis bonita.
 Ela respondeulle:

- Nin o prometín a Deus nin ā Virgen Soberana.

E o rei dixolle:

- 6 - Aquí ti ficas en cuarto, aquí quedas encerrada.
 Comera-lo pan por onzas, beberás agua salgada.

Tiroulle o pan, tiroulle a comida, tiroulle a bebida. Ela,
 coitadiña, chorando, non se deu vencida, mais depois... xa
 se sentía seica morrer... Entōn, subiuse a unha xanela e
 dixolle ā mai - viu a mai bordando roupa lavada:

- 8 - Mamaciña de mi vida, mamaciña de mi alma,

dēame una jarra d'agua, que eu me muero desecada.

(A jarra d'agua era un xarro). A mai respondeulle:

- 10 - A agua yo te la doy, se me cumpres tu palabra.
 Vaite daí, hija maldita, vaite daí, hija malvada.

(Non sei agora, que non sei o tempo que lle ela deu...).

- 12 - Hai dous meses, vai pra oito, que por ti estou mal
 /casada.

Ela aī non colleu nada da mai, dixolle que non lle daba
 nada, que estaba mal casada... Ela se encostou noutra jane
 la* e viu o pai. Aī dixolle:

- Papaciño de mi vida, papaciño de mi alma,
 14 dēame una jarra d'agua, que yo me muero desecada.

Aī ēl respondeulle:

- A agua yo te la doy, se me cumpres tu palabra.

E ela aī, xa vencida, que sentíase morrer:

- 16 - A palabra yo se lla cumpo, aunque muera condenada.

Aī chamou os empregados. Tiña lā un empregado muito da com
 petencia dele:

- Criado, mío criado, lēvalle a agua a Delgada.
 18 Cando o criado chegou, Delgada con Dios estaba.
 A los pes de la Delgada, unha fonte de agua clara,
 20 e na cabecera della, de āngeles arrodada,
 e, na casa de seus padres, de demonio coronada.

El era tan perverso que o criado que ela gostaba, ele* ia
 leva-lo cavalo a beber seica perto de algūn río... Entōn, o
 diacho* do criado xa era casado, mais cantaba así unha modi
 ña** que lle agradase, en cuanto o cavalo bebía. E ela gostā

* **Janela e diacho:** palabras do português que tiveram reali
 zações fônicas próprias do português. Idem para **ele**.

** **Modiña,** também portuguesa, tem uma realização galega.

ba daquele rapaz. Entōn, ela querĭa se casar con aquel ra paz, mai-lo rapaz xa era casado. Depois, eu aqui non estou ben certa quen foi que lle pediu que querĭa casar com ele, se foi esa que ela gostaba dele, se foi outra, e ěl dĭxo lle:*

22 - *Esa lei non ě do rei pra casa-la sĭa filla.
Mĭtaa, conde! Mĭtaa, conde, se non tĭrote la vida.*

Querĭa que matase a muller, o tal do empregado... o rei, pra casar con a filla dele, que non tiĭa ningunha a casar e estaba difĭcil casar. E aĭ ela dĭxolle:

24 - *Ah, Conde! Eu no la mato porque non mo merecĭa.
Mandareĭna polo mundo vestida de a peregrina.*

Que mandaba a muller, sō pra non lle mata-la muller, e a muller xa tiĭa un filliĭo. O rei respondeulle:

26 *Esta lei non ě do rei pra casar a sĭa filla.
Mĭtaa, conde! Mĭtaa, conde, se non quitote la vida.*

(A conde era a muller dele.). Aĭ, ěl dĭxolle ĩ muller, con toulle o caso. (Non estou ben certa se foi no outro dĭa...) ěl contoullo ĩ muller, e a muller botou o filliĭo no peito pra mamar e dĭxolle:

28 *Mama, niĭo, mama, niĭo, neste peito de amargura,
amaĭaĭ por estas horas, estaremos na sepultura.*

Xa contaba que o marido ĩaa matar na cousa do rei, mais, por Dios sentir, no dia que ěl a ia matar, tocaba as campas ĩa misa. E entōn ela dĭxolle:

30 - *Toca el Seĭor en palacio, ai, Xesĭs, ĩquen morre /rĭa?
- Morreu a Dona Silvana pelo mal que cometĭa.*

* No trecho em prosa a informante (ROS.1) pretende dar se quĕncia ĩ "histōria do rei", que ela considera "grandĭsima" (cf.t.97). Faz intenĕo de iniciar o Gerinaldo com o motivo do canto do criado (cf. 5.2), mas o proceso de rememoraĕo a leva a recitar um fragmento do Conde Alarcos, provavelmente pela proximidade temĕtica — mulheres desgraĕadas. Ficam, assim, fundidos nesta versōo os romances Silvana e Conde Alarcos.

Morreu a filla do tal. E ela quedou con seu marido, e ela foi embora con Deus, que ela non llo merecĭa, que ela era boa, mais o pai ě que era ordinario... Tiĭa xa tantas mulle res na rĭa e querĭa a filla.

E todo mundo ficou apavorado* por aquelas aldeas cando apareceu no Faro de Vigo a tal novela esa.

2.2 (94)

Recitado por Elvira Corujeira Albĕn, 86 anos, natural de Ermida - Pazos de Borbĕn - Pontevedra - Espanha.Salvador,16.05.86. (ROS. 2.6)

*El reino tiĭa tres hijas, todas tres andaban d'ouro
2 e la mĕis bonita delas se le llamaba Delgada.*

El padre dĭxolle:

- *Delgadita de mi vida, Delgadita de mi alma,
4 Delgadita de mi vida, tu has de ser miĭa dama.
- ;No lo permitira Dios ni la Virgen Soberana!*

O pai lle di:

6 - *Aqui te quedas en cuarto, aqui quedas encerrada,
comera-lo pan por onzas, beberĕ agua salgada.
8 Delgadita con la sede asomouse a una ventana,
viu estar sus hermanitas doblando roupa lavada:
10 - Hermanitas de mi vida, hermanitas de mi alma,
dĕideme unha jarra d'agua, que yo me muero desecada.
12 - La agua non te la damos, que mi padre la privaba.
Delgadita con la sede asomouse a outra ventana,
viu estar su madre reina en sillas d'ouro asentado:
14 - Mamacita de mi vida, mamacita de mi alma,
16 dĕame una jarra d'agua, que yo me muero desecada.
- Vai dĕ, hija maldita, vai dĕ, hija malvada,
18 hai dous meses, vai pra tres, que por ti estou mal ca /sada,
nin como cō rei ĩ mesa nin durmo con ěl na cama.*

* **Apavorado** tem uso corrente entre os falantes do portuguĕs da Bahia, significando "revoltado".

- 20 Delgadita con la sede asomouse a outra ventana,
viu estar su padre **reino**, con caballeros hablaba.
22 - Papacito de mi vida, papacito de mi alma,
Dēame una jarra d'agua, que yo muērome desecada.
24 - Eu a agua te la dou, se me cumpres tu palabra.
- La palabra se la cumpro, nin que muera condenada.
26 - Criados y mis criados, levaille a agua a Delgada.
Delgada con Dios estaba.
28 A los pies de la Delgada, una fuente de agua clara
y la cabecera della, de āngeles arrodada
30 y la casa de sus padres, de demonios coronada.

3 A VOLTA DO NAVEGANTE

3.1 (95)

Recitado por Elvira Corujeira
Albān, 86 anos, natural de Ermi
da - Pazos de Borbēn - Ponteve
dra - Espanha, Salvador, 16.05.86.
(ROS. 2.5)

Un primo que fci pra guerra e a prima quedou na casa. E
deixculle un anel. E, cuando veu, dīxolle ā mai:

- 2 - ¿Donde vai miña prima, que non estā aquí?
- Túa prima[...] vai na casa de súa mai.*
- Hoxe celēbrase a boda, mañana vai se casar.
4 - Aparēlleme el caballo, con ela quero ir hablar.
- Non vaias alā, meu fillo, que te poderān matar.
6 - Veño de terras de fora, heille de saber falar.
- Descūlpenme, meus señores, y la novia sobre todos.**
8 - ¿Eres de los convidados o vienes para almorzar?
- Ni soy de los convidados, ni vengo para almorzar.
10 Yo soy primo de la novia, con ela quero ir hablar.
- Si eres primo de la novia, ¿que traies para lle dar?
12 - Traiote monedas d'ouro, que llas quero regalar.
.....
- Se as gastaches malgastas, eu non chas mandei gas
/tar,

* Esta introdução foi realizada com muitos titubeios pela
informante, que parece ter confundido este romance com A
Mala Sogra (cf. t.96).

** Este verso tem o mesmo emissor do verso anterior, mas em
seqüências de cenas diferentes.

- 14 se as gastaches en roupa, estou aquí para abonar.
- Descūlpenme, meus senhores, se me queren desculpar.

Dīxollo ela.

- 16 - Descūlpenme, meus señores, se me queren desculpar.
Este ē o meu amor primeiro, con ēl hei de camiñar.

E marchou con ēl. E deixou o outro.

4 A MALA SOGRA

4.1 (96)

Recitado por Elvira Corujeira
Albān, 86 anos, natural de Ermi
da - Pazos de Borbēn - Ponteve
dra - Espanha, Salvador, 16.05.86.
(ROS. 2.9)

- Se por iso andas triste xa puderas camiñar.
2 - ¿Dōnde vai Manuelita que no me pone a xantar?
- A túa Manuelita vai en casa de seus pais.
4 con doís galāns de par a par.
- Aparēlleme el caballo, que con ela quero ir hablar.
6 - Ven acā, cuñado mío, que muito che hei de contar,
un conto de maravillas que muito che ha de gostar:
8 Tes un niño tan bonito, guapiño como un cristal.
- E hijo de muitos padres non se poderā lograr.
10 - Entre, Manuela, entre, que nos imos a marchar.*
- Paridiña de tres horas, ¿onde me queres levar?
12 - Parida que por parida, comigo hās de camiñar.
.....
- Cāllese, mi madre, cāllese, si se pudiera callar.
14 - La mujer a su marido non se lle pode negar.
- Avālgame, Don Alberto, arrímeme a este piñal,
16 mira pra este caballito, mira pra o sangue real.
- Anda, Manuela, anda, que imos buenos de llegar,
18 que en la casa de mi madre tengo un bolo pra che dar.
- Avālgame, Don Alberto, arrímeme a este piñal,
20 mira pra este caballito, mira pra o sangue real.
E o meu hijo de tres horas, quen me dera que falaras,
22 quen me dera que dixeras onde tu madre vai dar.

* Este verso tem, provavelmente, o mesmo emissor do anterior,
mas em cena diferente.

5 GERINALDO

5.1 (97)

Recitado por Dionilda Corujeira Albán, 84 anos, natural de Ermida - Pazos de Borbén - Pontevedra - Espanha. Salvador, 07.05.86. (ROS. 1.2)

- Rexinaldo, Rexinaldo,* fillo do rei máis querido,
 2 ben podías, Gerinal... Rexinaldo, pasa-la noite comi
 /go.
 - Como son criado vuestro, taste burlando de min.

(Iso foi ela que lle dixo, eu xa me esquecía.). E ele diz pra ela:

- 4 - Non me burlo, Gerinaldo, que de veras te lo digo.

Aí ela acreditou, coitadiña, que estaba falando serio, mais depois, cando se manifestou o pai dela que a quería, eí, coitado, xa non sabia como había de facer, quería que lle matase a muller! Ele díxolle o rei cando lle falou:

- Rexinaldo, Reginaldo, fillo do rei máis querido,
 6 ben podías, Gerinaldq pasa-la noche comigo.

Iso foi ela que diz. Ele respondeulle:

Como son criado vuestro, taste burlando de min.

E ela díxolle:

- 8 - Non me burlo, Gerinaldo, que de veras te lo digo.
 - Levántate, Gerinaldo, non fazas muito ruído,**
 10 que mis padres sendo viejos dormen con mucho sentido.

Seica xa entraba escondido na casa onda ela. Eu sei que a criaturaíña facía tanto mal á mai dela, facía mal ao rapaz que ela quería que... tiña mullerciña, xa tiña un filliño...

* Por interferência do documentador, a informante alterna Rexinaldo com Gerinaldo, sendo este o nome que ela espon taneamente dá ao personagem.

** O mesmo emissor do verso anterior, em cenas diferentes.

Aí empezaron a tocar as campanas a meio-día. E ela botou o filliño a mamar no peito e dille:*

- Mama, niño, mama, niño, neste peito de amargura,
 12 amañán por estas horas, estaremos na sepultura.

Depois, cando sentiu as campanas tocando, diz:**

Toca el Señor en palacio. ¡Ai, Xesus, quen morrería?

E ela respondeu:

- 14 - Morreu a Doña Silvana pelo mal que cometía:
 descasa-los ben casados, cousa que Deus non quería.

A historia do rei era grandísima!

5.2 GERINALDO (98)

Cantado por Elvira Corujeira Albán, 86 anos, natural de Ermida - Pazos de Borbén - Pontevedra - Espanha. Salvador, 16.05.86. (ROS. 2.8)

- Gerinaldo sendo mozo, unha noite de lunar,
 2 leva el caballo a beber a las orillas del mar.
 En cuanto el caballo bebe, tirou un rico cantar.
 4 - Válgame Dios, como canta la sereña en la mar.
 - Aquel era Gerinaldo que me tienes de engañar.
 6 - Si te tienes de engañar, yo lo tengo de matar.
 - Si lo tienes de matar, yo me tengo de enterrar.

* De novo a informante ROS.1 introduz um trecho em prosa que serve de ponte para o desfecho da "história do rei" com un fragmento do Conde Alarcos (cf. t.93).

**O verbo dizer recebeu a forma do português diz.

- 8 - Gerinaldo, Gerinaldo, **beixo** do rei m^{ais} querido,*
ben pod^{ias}, Gerinaldo, pasa-la noche comigo.
- 10 - Como soy criado vuestro, te est^{as} burlando de mⁱ.
- No me burlo, Gerinaldo, que de veras te lo digo.
- 12 De las diez para las once est^a Gerinaldo en Castilla.
- ¿A qu^e vienes, Gerinaldo? - Yo vengo al prometido.
- 14 - Descálzate, Gerinaldo, non fazas muito ruído,
que mi padre, sendo viejo, dorme con mucho sentido.
.....
- 16 - Eu, se mato Gerinaldo, crieino de pequenino,
eu, se mato la infanta, el reino queda perdido.
- 18 Aquí queda mi espada, que os sirva de testigo.
- La espada de mi padre, nunca la traías contigo.
- 20 - La espada de tu padre, yo non la traio comigo,
la deixo quedar allⁱ, que nos sirva de testigo.
.....
- 22 - Tengo unha promesa feita a la Virgen de la Estrela,
muller que eu goce primeiro, de me non casar con ela.

6 FEBRE AMARELA

6.1 A FEBRE AMARELA (99)

Cantado por Elvira Corujeira Al
b^{an}, 86 anos, natural de Ermida
- Pazos de Borb^{en} - Pontevedra
- Espanha. Canela, 16.05.86.
(ROS. 2.7)

- Namorei unha menina, a **pena** era sen pai,
2 ela por tan inocente moraba con s^{ua} m^{ai},
e s^{ua} nai non queria que ella amores tuvese.
- 4 Namorou catorce meses sen que nadie llo soubese.
Cabo dos catorce meses pegoulle a **frebe** amarela,
6 con termo de nove d^{ias} toma a morte conta dela.
Virouse pra s^{ua} nai, pediulle con gran favor:
- 8 - Estou a dar contas a Dios e non vexo o meu amor.
S^{ua} nai lle preguntou adonde **e** que ele moraba.

* Começa neste verso 8 o romance Gerinaldo propriamente di
to. Os versos anteriores são comumente os que dão início
ao romance Conde Ninho, cujo tema é a fidelidade do amor
além da morte, como bem expressa o verso anterior (7). Note-
se que muda a assonância de **ã** para predominantemente **ĩ-o**.

- 10 Ela todo lle iso dixo, hasta como se lle chama.
Mandou al^a a criada o cuarto donde **e**l dormia:
- 12 - Veña ve-la s^{ua} dama, est^a na **última** agonía.
Subindo polas escadas, non sentiu solo gemidos,
- 14 a nai pola s^{ua} filla, est^a no **último** suspiro.
- Quedaches de vir, viñeche, coraz^{on} branco, sincero,
- 16 estou a dar contas a Dios dunha morte tan cruel.
Dame un beixiño nos labios sin que che destrelle a
/terra
- 18 e este s^o **e** o ben fruto que levas desta doncella.
Dame un beixiño nos labios sin que che se estrelle o
/ceo
- 20 e virasme acompañar o alto do cemiterio.
Dame t^{ua} man dereita e aberta palma con palma.
- 22 Adi^{os}, amor de mi vida, adi^{os}, amor de mi alma.
Abrete, cuerpo sagrado, nesta terra repisada,
- 24 entra o meu cuerpo pra dentro, queda a morte descan
/sada.

II ROMANCES DE CEGO

I EL BARBARO ASESINATO DE LOS EMIGRANTES
DON JOAQUÍN Y DOÑA ANA, VECINOS DE A
VEIRA DO RABINO (100)

Cantado por Manuel Moreira
Carrascal, 52 anos, natural de
Salvador - BA.Salvador,18.05.86.
(ROS. 3.1)*

2 En la Veira do Rabiño,
provincia de Cortegada,
4 habitaba unha familia,
modelo de fē cristiana.

6 El se chama Don Joaquín
e súa esposa, Doña Ana.
8 Estiveron no Brasil
e gañaron muita plata.

10 A eso da media noite,
inda o galo non cantaba,
12 pela porta principal
os criminales entraban.

14 Ao can que estaba na porta
e que a zínca guardaba
16 lle deron tal pontapé
que lle abriron as entrañas.

18 Seguraron Don Joaquín
e súa esposa Doña Ana,
20 lle meteron pola boca
un colchón e duas almohadas.

* O informante passou parte de sua infância na Galícia, na província de Pontevedra, quando aprendeu este romance em feiras, apresentado por cegos. Para a performance fez ques-
tão de ler o texto, que preparara previamente, e cuja forma foi aqui conservada.

22 Agarráronos polos pelos,
chimpáronos pola ventana,
24 indo caer no estercoleiro
que ben embaixo quedaba.

26 Finadíños se quedaron,
sin decir unha palabra,
e alí entre malos olores
28 a Dios entréganlles as almas.

III OUTROS

1 O SOLDADO (101)

Recitado por Elvira Corujeira
 Albán, 86 anos, natural de Ermi
 da - Pazos de Borbén - Pontevedra - Espanha. Salvador, 16.05.88.
 (ROS. 2.3)

- 2 - ¡Ai, fillo querido, como vés negriño!
 Tí ¿donde me vés, fillo querido?
 - De Inglatierra, madre.
- 4 - ¿De debaixo da terra, meu fillo?!
 - Non, madre, non. De Inglatierra.
- 6 - E ti, ¿que comías, fillo querido?
 - Buenas carnes e buenos presuntos.
- 8 - ¡Ai, fillo querido! ¿zosos de difuntos?
 - E ti ¿que bebías, fillo querido?
- 10 - Buenos vinos e buenas cervexas.
 - ¿O que a xente mexa, meu fillo?!*

* O final do texto provocou o riso dos presentes e a informante declarou rindo: "cando lean 'o que a xente mexa' vai ser unha vergonza". Nesta altura, a neta da informante, que participava do inquérito, perguntou-lhe sobre una sequência da dormida, mas ela não demonstrou interesse de retomar o texto.